

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

**EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DAS
PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO
EMPREENDEDORAS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RAFAELA ESCOBAR BÜRGER

**Santa Maria, RS, Brasil
2018**

Rafaela Escobar Bürger

**EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DAS
PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO
EMPREENDEDORAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração, Linha de Pesquisa em Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Administração**.

Orientador: Prof. Dr. Italo Fernando Minello

**Santa Maria, RS,
2018**

**Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da
Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).**

Bürger, Rafaela Escobar

Educação para empreender: Um estudo das práticas
didáticas, aprendizagem e intenção empreendedoras /
Rafaela Escobar Bürger.- 2018.

189 p.; 30 cm

Orientador: Italo Fernando Minello

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Administração, RS, 2018

1. Educação Empreendedora 2. Práticas Didáticas 3.
Aprendizagem Empreendedora 4. Intenção Empreendedora I.
Minello, Italo Fernando II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

© 2018

Todos os direitos autorais reservados a Rafaela Escobar Bürger. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Rua Conde de Porto Alegre, nº 550, apto 202, Bairro Bonfim, Santa Maria, RS. CEP: 97015-110

Fone (0xx)55 999-15-0409; E-mail: rafaelaeb@hotmail.com.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de
Mestrado

**EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DA RELAÇÃO
ENTRE PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO
EMPREENDEDORAS**

elaborada por
Rafaela Escobar Bürger

como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Administração

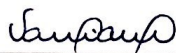
COMISSÃO EXAMINADORA:



Ítalo Fernando Minello, Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador



Vânia Maria Jorge Nassif, Dra. (UNINOVE)



Vania de Fátima Barros Estivalet, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 09 de fevereiro de 2018.

DEDICATÓRIA

À minha mãe e meu pai, meus exemplos, que nunca mediram esforços para me apoiar e incentivar e que permanecem sempre ao meu lado, não importando a situação.

Eu amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que contribuíram de alguma forma, para que este trabalho tenha sido desenvolvido. No entanto, cabe aqui ressaltar o papel de algumas que marcaram de forma especial esta trajetória.

Não poderia iniciar os agradecimentos sem citar a pessoa mais importante ao longo dessa jornada, meu querido orientador, professor Italo Minello. Agradeço, da forma mais sincera possível, estes 6 anos de ensinamentos e dedicação. Todas as minhas conquistas também são tuas.

Aos meus irmãos que tanto amo, Juliana e Eduardo. Meus maiores defensores. Vocês completam o significado da palavra 'família';

Aos amigos que a vida acadêmica me presenteou, Estêvão e Tatiane. Obrigada pela parceria e amizade, vou levar vocês sempre no coração'

À professora Vania Estivalette pelos diversos conselhos e ensinamentos passados;

Ao grupo de pesquisa GPECOM, em especial à Cristiane K. pela amizade e pelos inúmeros frutos acadêmicos;

*A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou
fazer atualizar o melhor de uma pessoa.*

(Mahatma Gandhi)

RESUMO

EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORAS

AUTORA: RAFAELA ESCOBAR BÜRGER
ORIENTADOR: ITALO FERNANDO MINELLO

Este estudo teve como objetivo analisar o processo da educação empreendedora e seu estímulo para o desenvolvimento da intenção empreendedora, em alunos de graduação de uma instituição de ensino superior, considerando-se suas práticas didáticas e aprendizagem empreendedora. Foi realizado um estudo qualitativo e quantitativo, do tipo exploratório, descritivo, baseado em pesquisa teórico-empírica e triangulação dos dados. Na abordagem qualitativa, entrevistas com roteiros semiestruturados foram realizadas com alunos e professores das disciplinas de Atitude Empreendedora da UFSM. Para análise das entrevistas, empregou-se o método de análise de conteúdo (BARDIN, 2014). As categorias de análise definidas a priori foram: práticas didáticas, aprendizagem empreendedora e intenção empreendedora. Na abordagem quantitativa, os dados foram coletados por meio da aplicação do Questionário de Intenção Empreendedora, desenvolvido por Liñán e Chen (2009) nos alunos das referidas disciplinas. Como resultado, a partir dos relatos, foi possível identificar a utilização de onze (11) práticas didáticas, divididas nas disciplinas de Atitude Empreendedora. A partir das práticas didáticas evidenciadas, pode-se perceber habilidades desenvolvidas nos alunos tais como: Sensibilização/visão, busca de oportunidade, planejamento, senso crítico, estratégia, iniciativa/proatividade, correr riscos, inovação, liderança e motivação. Além destas características citadas pelos alunos, outras foram evidenciadas a partir da interpretação das falas, como: Comportamento empreendedor e desenvolvimento pessoal. Além disso, os resultados da etapa quantitativa evidenciaram que as médias dos fatores do QIE na coleta no final da disciplina foram maiores do que aquelas encontrados no início. A associação das duas abordagens foi realizada pela técnica de triangulação de dados. Constatou-se a relação entre as habilidades desenvolvidas a partir do processo de aprendizagem empreendedora, e os comportamentos pertinentes e suscitados em cada uma das questões do instrumento de Intenção Empreendedora (QIE). Em função disso, aparentemente, pode-se constatar que as práticas didáticas adotadas, efetivamente geraram resultados positivos nos alunos e se evidenciam pelo desenvolvimento das habilidades, percebidas pelos acadêmicos por meio de seus relatos e do instrumento para a mensuração da intenção empreendedora, e pela pesquisadora com base na análise realizada. Como limitações desta pesquisa, não se pode afirmar categoricamente que os resultados aqui encontrados foram exclusivamente das práticas didáticas utilizadas pelos professores. Bem como, não se pode afirmar categoricamente que aquilo que foi desenvolvido, se deu em função da disciplina, porém, os resultados encontrados deixam claro que as práticas e as disciplinas, de fato, contribuíram para esse desenvolvimento. Como sugestão para futuros estudos, recomenda-se que pesquisas neste sentido ocorram de forma continuada nas instituições de ensino superior, permitindo verificar a evolução e o desenvolvimento, tanto do comportamento dos alunos, quanto dos docentes.

Palavras-chave: Educação empreendedora. Práticas didáticas. Aprendizagem Empreendedora. Intenção empreendedora.

ABSTRACT

EDUCATION TO ENDEAVOR: A STUDY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN TEACHING PRACTICES, LEARNING AND ENTREPRENEURIAL INTENTION

AUTHOR: RAFAELA ESCOBAR BÜRGER

ADVISOR: ITALO FERNANDO MINELLO

This study aimed to analyze the process of entrepreneurial education and its stimulus for the development of entrepreneurial intention in undergraduate students of an institution of higher education, considering their didactic practices and entrepreneurial learning. A qualitative and quantitative, exploratory, descriptive study was carried out based on theoretical-empirical research and data triangulation. In the qualitative approach, interviews with semi structured scripts were carried out with students and professors of the subjects of Entrepreneurial Attitude of UFSM. To analyze the interviews, the content analysis method was used (BARDIN, 2014). The categories of analysis defined a priori were: didactic practices, entrepreneurial learning and entrepreneurial intention. In the quantitative approach, the data were collected through the application of the Questionnaire of Entrepreneurial Intention, developed by Liñán and Chen (2009) in the students of that disciplines. As a result, from the reports, it was possible to identify the use of eleven (11) didactic practices, divided into the subjects of Entrepreneurial Attitude. From the evidenced didactic practices, one can perceive abilities developed in the students such as: Sensitization / vision, opportunity search, planning, critical sense, strategy, initiative / proactivity, risk taking, innovation, leadership and motivation. In addition to these characteristics cited by the students, others were evidenced from the interpretation of the lines, such as: Entrepreneurial behavior and personal development. In addition, the results of the quantitative stage showed that the means of the QIE factors in the collection at the end of the course were higher than those found at the beginning. The association of the two approaches was performed by the data triangulation technique. The relationship between the skills developed from the entrepreneurial learning process and the relevant behaviors and raised in each of the questions of the Entrepreneurial Intent (EI) were analyzed. As a result, it can be observed that the didactic practices adopted have effectively generated positive results in the students and are evidenced by the development of the skills, perceived by the students through their reports and the instrument for the measurement of the entrepreneurial intention, and by the researcher based on the analysis performed. As limitations of this research, it can not be said categorically that the results found here were exclusively the didactic practices used by the teachers. As well as, it can not be said categorically that what was developed was due to the discipline, however, the results found make it clear that the practices and the disciplines, in fact, contributed to this development. As a suggestion for future studies, it is expected that research in this sense will occur continuously in higher education institutions, allowing to verify the evolution and development of both students 'and teachers' behavior.

Keywords: Entrepreneurial education. Didactic practices. Entrepreneurial Learning. Entrepreneurial intention.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Educação Empreendedora e seus aspectos.....	39
Quadro 1 – Principais métodos e Recursos Pedagógicos.....	43
Figura 2 – Modelo de Aprendizagem Empreendedora.....	50
Figura 3 – Modelo de Intenção Empreendedora.....	53
Figura 4 – Interação entre os aspectos teóricos.....	56
Quadro 2 – Quadro de referência para definição das categorias a priori.....	67
Quadro 3 – Quadros de categorias de análise a priori.....	68
Figura 5 – Processo metodológico da abordagem qualitativa.....	69
Figura 6 – Processo metodológico da abordagem quantitativa.....	72
Figura 7 – Síntese dos procedimentos metodológicos da pesquisa.....	74
Quadro 4 – Matriz de amarração da pesquisa.....	75
Quadro 5 – Protocolo de entrevistas.....	79
Quadro 6 – Categoria “práticas didáticas”.....	84
Figura 8 – Descarte de resíduos sólidos UFS-FW.....	89
Figura 9 – Orientação e premiação da Casa do Estudante UFS-FW.....	89
Figura 10 – Prêmio Empreenda Santander 2k17.....	91
Figura 11 – Práticas de ensino aplicadas nas disciplinas de Atitude Empreendedora.....	93
Quadro 7 – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora.....	97
Figura 12 – Processo de Aprendizagem Empreendedora.....	110
Figura 13 – Associação entre habilidades dos alunos e Atitude Empreendedora.....	112
Quadro 8 – Modelos de referência na perspectiva dos alunos.....	115
Quadro 9 – Associação entre habilidades e modelos de referência.....	116
Quadro 10 – Atitudes pessoais – alunos.....	118
Quadro 11 – Normas subjetivas – alunos.....	120
Figura 14 – Análise qualitativa.....	122
Figura 15 – Perfis dos alunos das disciplinas de Atitude Empreendedora.....	133
Figura 16 – Associação das habilidades desenvolvidas com QIE – questões.....	148
Quadro 12 – Associação conceitual entre habilidades desenvolvidas e fatores de IE.....	149
Figura 17 – Associação das habilidades desenvolvidas com QIE – fatores.....	151
Quadro 13 – Perspectiva dos entrevistados a respeito do conceito de empreendedor.....	155
Figura 18 – Associação das práticas didáticas, habilidades desenvolvidas e fatores de IE....	157

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Disciplinas Atitude Empreendedora.....	70
Tabela 2 – Relação dos dados coletados na etapa quantitativa.....	71
Tabela 3 – Relação dos entrevistados da pesquisa.....	77
Tabela 4 – Relação dos dados coletados na etapa quantitativa.....	125
Tabela 5 – Caracterização do perfil dos respondentes (1)	127
Tabela 6 – Caracterização do perfil dos respondentes – Disciplina e atividade emp.....	128
Tabela 7 – Caracterização do perfil dos respondentes (2).....	129
Tabela 8 – Caracterização do perfil dos respondentes – Disciplina e atividade emp.....	130
Tabela 9 – Caracterização do perfil dos respondentes (2).....	131
Tabela 10 – Caracterização do perfil dos respondentes – Disciplina e atividade emp.....	132
Tabela 11 – Limites mínimos e máximos dos fatores do QIE (2).....	134
Tabela 12 – Estatística descritiva – disciplina (1).....	135
Tabela 13 – Estatística descritiva – disciplina (2).....	138
Tabela 14 – Estatística descritiva – disciplina (3).....	141
Tabela 15 – Relação dos dados coletados na etapa quantitativa.....	144

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Média dos fatores de Intenção Empreendedora – Disciplina 1 - QIE.....	136
Gráfico 2 – Comparação de Média – Gênero X Intenção Empreendedora – Disciplina 1.....	137
Gráfico 3 – Média dos fatores de Intenção Empreendedora – Disciplina 2 - QIE.....	139
Gráfico 4 – Comparação de Média – Gênero X Intenção Empreendedora – Disciplina 2.....	140
Gráfico 5 – Média dos fatores de Intenção Empreendedora – Disciplina 3 - QIE.....	142
Gráfico 6 – Comparação de Média – Gênero X Intenção Empreendedora – Disciplina 3.....	143
Gráfico 7 – Média dos fatores de Intenção Empreendedora - Geral – QIE.....	145
Gráfico 8 – Média dos fatores de Intenção Empreendedora por curso - Geral – QIE.....	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
GUESS	<i>Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey</i>
QIE	Questionário de Intenção Empreendedora
TCP	Teoria do Comportamento Planejado
AC	Análise de Conteúdo
AD	Análise de Discurso
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
UFSM-FW	Universidade Federal de Santa Maria, unidade de Frederico Westphalen
IE	Intenção Empreendedora
AE	Atitude Empreendedora

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	180
APÊNDICE B – Termo de Confiabilidade.....	182
APÊNDICE C – Termo de Confidencialidade.....	184
APÊNDICE D – Termo de Consentimento livre e esclarecido.....	186

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Questionário de Intenção Empreendedora (LIÑÁN; CHEN, 2009).....	188
---	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	30
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	34
1.2 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS	34
1.3 JUSTIFICATIVA.....	35
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	37
2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	38
2.1 PRÁTICAS DIDÁTICAS DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.....	42
2.2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EMPREENDEDORA.....	47
3 INTENÇÃO EMPREENDEDORA.....	52
4 INTERAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS TEÓRICOS.....	56
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	58
5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	58
5.1.1 Abordagem qualitativa.....	62
5.1.1.1 Unidades de análise.....	62
5.1.1.2 Coleta de dados da abordagem qualitativa.....	62
5.1.1.3 Análise dos dados da abordagem qualitativa.....	63
5.1.2 Abordagem quantitativa	69
5.1.2.1 População e amostra	70
5.1.2.2 Coleta dos dados da abordagem quantitativa	70
5.1.2.3 Análise dos dados da abordagem quantitativa.....	71
5.1.3 Triangulação dos dados.....	73
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	76
6.1 ANÁLISE DA ABORDAGEM QUALITATIVA	76
6.1.1 Realização das entrevistas.....	76
6.1.2 Leitura flutuante	77
6.1.3 Sumarização e categorização das entrevistas.....	77
6.1.4 Protocolo de entrevistas.....	77
6.1.5 Aplicação da técnica de Análise de Conteúdo: categorial e de enunciação	83
6.1.5.1 Análise das categorias definidas a priori	83
6.2 ANÁLISE DA ABORDAGEM QUANTITATIVA	125
6.2.1 Realização das coletas.....	125
6.2.2 Tabulação dos dados.....	126
6.2.3 Análise dos dados	126
6.2.3.1 Caracterização do perfil dos respondentes	126
6.2.3.2 Análise do Questionário de Intenção Empreendedora.....	133
6.2 TRIANGULAÇÃO DE DADOS	147
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	164
APÊNDICES	180
ANEXOS.....	188

1 INTRODUÇÃO

Parece ser redundante afirmar que o mundo está passando por importantes transformações nos últimos anos. Pode-se perceber como razoável considerar que essas transformações, provocadas, dentre outros motivos, pela crise socioeconômica que afeta grande parte dos países, conduzem seus governantes, setores produtivos e pesquisadores a discutirem alternativas para reformular suas estratégias de gestão e desenvolvimento das nações. A dinâmica apresentada por essas transformações, cada dia de forma mais rápida e difusa, evidencia a relevância de atores sociais criadores e disseminadores de inovação, indivíduos empreendedores que consigam perceber oportunidades em momentos de dificuldade (RAMOS, 2015).

Para isso, tais indivíduos necessitam ampliar sua capacidade perceptiva e perspicácia no sentido de identificar e traduzir estas lacunas de maneira a corroborar o desenvolvimento socioeconômico ao seu entorno (NOGAMI; MEDEIROS; FAIA, 2014). Esta ampliação, para Maleković, Tišma e Keser (2016), requer esforços e aprimoramentos apoiados em concepções inovadoras que consigam lapidar suas características e transformá-las em intenções que efetivamente influenciem o contexto em que vivem. Nesse sentido, a predisposição em inovar-se e/ou recriar-se requer a vontade de aprender e a mente aberta para a ruptura do *status quo*.

Schaefer e Minello (2016) identificam a premência do desenvolvimento de novas abordagens que coloquem os indivíduos como investigadores e questionadores de suas realidades, de forma que seu aprendizado seja pautado em práticas metodológicas que ampliem os conhecimentos teóricos obtidos, fatores, estes, que podem ser considerados conceitos-chave da educação empreendedora; sendo esta apontada em diversos países do mundo como prioritária nas agendas de debates, dada sua comprovada influência no desenvolvimento social e econômico de uma nação (MWASALWIBA, 2010; BINTI OTHMAN; OTHMAN, 2017).

O interesse pela educação empreendedora cresceu de forma considerável na última década e várias razões são apontadas para esse fato (NOWAK, 2016). Premand et al., (2016) destaca o impacto positivo que a educação empreendedora pode exercer na dinâmica socioeconômica de um país, visto que resultados demonstram sua relação direta com o aumento das taxas de criação de novas empresas e inovação. Isso se justifica, uma vez que a educação empreendedora pode desenvolver o comportamento empreendedor, o qual contribui

para o surgimento de novas ideias e empresas, para a criação de novos postos de trabalho e para o desenvolvimento de inovação nas organizações em geral (GUERRA; GRAZZOTIN, 2010; LANERO et al., 2011; LIMA et. al., 2015b).

A Comissão Europeia (2012), por exemplo, recomenda que o empreendedorismo seja abordado como parte integral desse tipo de educação nas universidades. Reforça também, a relevância de programas de natureza empreendedora identificando países como Espanha, Irlanda, Chipre, Polônia e Reino Unido, que contemplam a educação empreendedora nos currículos desde o ensino básico até o superior (COMISSAO EUROPEIA, 2012).

Por outro lado, no que se refere ao Brasil, considerando que as instituições educacionais possuem variados problemas, como o corte de recursos, evasão escolar, necessidade de melhor infraestrutura e recursos humanos, até desafios mais profundos e emergentes, como a mudança de paradigmas que não respondem mais aos contextos de complexidade, a educação empreendedora ainda é um grande desafio (SIQUEIRA; COSTA; SACRAMENTO, 2017).

Enraizado em antigas práticas de ensino, o sistema educacional brasileiro – compreendido pela educação básica e superior - aponta o aluno como um receptor de conhecimento e, nesse processo, os docentes incentivam a memorização dos conteúdos (SANTO; DA LUZ, 2013). Nesse sentido, dados apontam que o sistema de ensino brasileiro foi o pior colocado em um estudo promovido pelo Banco Mundial, em 2016, a respeito das condições dos principais países emergentes para se inserirem na chamada “sociedade do conhecimento” (BERNHEIM, 2008). Em 2015, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em um ranking mundial de qualidade de educação, colocou o Brasil na 39ª posição, em um ranking de 40 países e apontou que com a velocidade de desenvolvimento atual, o país só atingiria o estágio presente de qualidade dos países mais avançados em 2036 (OCDE, 2014).

Segundo pesquisa que discute o empreendedorismo nas universidades brasileiras, essas instituições de ensino, em sua maioria, não possuem estrutura que apoie a jornada completa de um e que, por essa razão, sinaliza que o mesmo está direcionado para a formação de profissionais que irão buscar emprego no mercado de trabalho (ENDEAVOR, 2017). Nesse sentido, alguns dos maiores desafios são: promover a educação empreendedora contínua, mediante o aumento da capacitação e da inovação.

No processo de construção do conhecimento, Ribas (2011) assinalam algumas características particulares para a educação empreendedora que se diferenciam das estruturas de ensino pensadas para a reprodução de conteúdos e especialização dos alunos, presentes na

maioria dos currículos das instituições superiores de ensino e dos programas de capacitação profissional. Um dos exemplos que pode ser citado e considerando-se o extrato dessa educação focado na inovação empresarial, é o ensino do empreendedorismo. Segundo Barini Filho (2008), o empreendedorismo evidencia a necessidade de adaptações nas bases conceituais da educação formal, direcionando os estudantes para um pensamento interdisciplinar, que resulte em um sensível aumento de egressos com características empreendedoras. Para tanto, o papel dos educadores deveria ser repensado, de forma que a abordagem disciplinar fosse abandonada em detrimento de uma visão sistêmica, com perspectiva mais ampla, contribuindo assim para a formação de seres humanos mais críticos, contributivos e tolerantes (BARINI FILHO, 2008, p. 37). Alguns autores sugerem, inclusive, abordagens práticas e experienciais, de modo que seja proposta a resolução de problemas utilizando uma abordagem criativa (POLITIS, 2005; LIÑÁN, 2008; JONES; IREDALE, 2010; LOPES, 2010; SCHAEFFER; MINELLO, 2016; WAHID; IBRAHIM; HASHIM, 2017; MINELLO et al., 2017).

Para Hägg e Kurczewska (2016), o desenvolvimento da educação empreendedora está estreitamente relacionado ao processo da aprendizagem empreendedora, que surgiu no início do século XXI e desde então tem sido um terreno crescente para o desenvolvimento pedagógico de metodologias que incentivem seu aprimoramento. Rauch e Hulsink (2015) e Unger et al. (2011) constatam que a educação empreendedora é positivamente relacionada ao empreendedorismo bem-sucedido, uma vez que este é afetado positivamente pela existência de aptidões e características pessoais dos indivíduos. E, diante disso, na visão de Kuratko (2016), Bae et al. (2014) e Martin, Macnally e Kay (2013), essas disposições, aptidões e características podem ser moldadas pela educação empreendedora.

Por essa razão, utilizar a educação empreendedora como metodologia para incentivar indivíduos a desempenhar o papel de propulsor de mudanças e de inovador enquanto atores sociais de suas realidades, o que parece ser uma das formas de reverter o quadro de crise educacional e econômica no Brasil, uma vez que as práticas de ensino utilizadas em tal abordagem permitem o desenvolvimento de certas características, tais como: pensamento criativo, geração de inovações e crescimento do senso de autoestima e de responsabilidade (LIMA et al., 2015b).

Em uma perspectiva complementar a educação empreendedora pode ser vista como parte do processo de aprendizagem, em que os indivíduos adquirem, assimilam e organizam conhecimentos obtidos a partir do caráter vivencial, construindo um processo de interação e de aprendizagem que influencia o comportamento empreendedor (LEIVA; MONGE;

ALEGRE, 2014). Recentes análises comprovaram a existência de uma relação positiva entre a educação empreendedora e o comportamento empreendedor, na forma de intenção empreendedora (MARTIN; MCNALLY; KAY, 2013; BAE et al., 2014).

Resgatando-se o raciocínio acerca do processo de aprendizagem empreendedora, aponta-se que a mesma pode ser caracterizada como meio para estimular o desenvolvimento de intenção empreendedora visto que utiliza metodologias que transmitam o conhecimento de maneira vivencial (POLITIS, 2005; KRAKAUER et al., 2015; UTAMI, 2017; NABI et al., 2017). O referido caráter experiencial que caracteriza o processo de aprendizagem como empreendedor ou vivencial e a seleção de abordagens pedagógicas apropriadas, podem promover, segundo Krakauer, Santos e Almeida (2016), mudança social e desenvolvimento regional, o que justifica os esforços em incentivar seu desenvolvimento. Isso ocorre na escolha da carreira ou outras situações pessoais, visto que os indivíduos podem se beneficiar desse tipo de aprendizagem, habilitando-os a resolver problemas, tornando-os mais aptos às mudanças, fortalecendo sua autoconfiança, criatividade e imaginação (JONES; ENGLISH, 2004).

Para que esses resultados sejam alcançados, o desenvolvimento do comportamento empreendedor, segundo Pinto (2013), deve dar-se a partir da universidade, por sua capacidade e força de propagação e porque tem o poder de ‘oficializar’ a ação empreendedora como um conteúdo de conhecimento. Tschá e Cruz Neto (2014) ressaltam que as universidades contribuem para o aprimoramento do comportamento empreendedor por meio de uma “educação empreendedora”, que incentive tanto professores quanto alunos “a despertarem dentro de si o espírito empreendedor e a explorarem o espaço potencial para o empreendedorismo, transformando realidades por meio dos empreendimentos que podem desenvolver economicamente e socialmente um país e uma sociedade” (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014, p. 66).

Com base nisso, ressalta-se a necessidade, de que futuros profissionais detenham características empreendedoras que os capacitem para lidar com os desafios atuais da vida e de um futuro incerto. Este raciocínio sustenta a possibilidade de associação direta entre as metodologias e práticas de ensino empreendedoras (SOUZA et al., 2005; DORNELAS, 2012; FERREIRA, 2015; ÁVILA, 2015), a aprendizagem empreendedora (KOLB, 1984; RAE; CRESWELL, 2000; RAE, 2004; POLITIS, 2005; MAN, 2006; PITTAWAY et al., 2011) e os níveis de intenção e de atitude empreendedoras (LIÑÁN, 2004; GERBA, 2012; OLIVEIRA et al., 2016; UTAMI, 2017). Esta associação ocorre visto que, tais construtos representam a base da educação empreendedora que, como foi mencionado anteriormente, pode se constituir em

uma forma de proporcionar a reflexão necessária e emergente acerca da educação superior no Brasil. Dada a apatia com que os não raros acontecimentos exemplificam a respeito da conduta e do comportamento dos indivíduos, nas mais distintas profissões, repercutindo no crescimento do aspecto socioeconômico da país enquanto nação.

Diante disso, apresentam-se, a seguir, o problema, o objetivo geral e os objetivos específicos, definidos para esta pesquisa.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Como o processo da educação empreendedora estimula o desenvolvimento da intenção empreendedora, em alunos de graduação de uma instituição de ensino superior, considerando-se suas práticas didáticas e aprendizagem empreendedora.?

1.2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

Objetivo Geral:

Analisar o processo da educação empreendedora e seu estímulo para o desenvolvimento da intenção empreendedora, em alunos de graduação de uma instituição de ensino superior, considerando-se suas práticas didáticas e aprendizagem empreendedora.

Objetivos Específicos:

- Identificar metodologias e práticas de ensino aplicadas na disciplina Atitude Empreendedora;
- Mapear o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos de graduação (das disciplinas Atitude Empreendedora da UFSM);
- Identificar os níveis de intenção empreendedora dos alunos que cursaram a referida disciplina, no início e no final da mesma;
- Associar as metodologias e práticas aplicadas a partir da educação empreendedora aos níveis de intenção empreendedora e ao processo de aprendizagem empreendedora após a realização da disciplina.

1.3 JUSTIFICATIVA

Considerando-se o objetivo exposto para este estudo, percebe-se como coerente a investigação sobre o referido tema, visto que a educação empreendedora, o processo de aprendizagem empreendedora e a intenção empreendedora, podem provocar inúmeras influências, em diferentes níveis, na vida dos indivíduos, na sociedade e na economia de uma nação ou região.

Isso se sustenta, uma vez que os programas de desenvolvimento e promoção de educação empreendedora são amplamente difundidos ao redor do mundo. Segundo relatório, em março de 2010, foi lançado a nova Estratégia Europa 2020, que afirma que “a educação empreendedora tem um papel fundamental a desempenhar na manutenção e melhoria da posição da Europa como protagonista global nos próximos anos” (WORLD ECONOMIC FORUM, 2010). A nova estratégia reitera os quadros conceituais da Agenda de Empreendedorismo de Oslo, elaborada no final de 2006 pela Comissão Europeia, dando ênfase à promoção da educação empreendedora, envolvendo estudantes em projetos empreendedores, pedagogias inovadoras para desenvolver o comportamento empreendedor, estímulo da criatividade, iniciativa e autoconfiança (EUROPEAN COMMISSION, 2007).

Colaborando com isso, aponta-se que desde 1981, quando houve a oferta da primeira disciplina até hoje, a demanda e a oferta de educação empreendedora cresceram, porém existem ainda grandes desafios para que a qualidade desse ensino seja aumentada e os resultados em termos de formação de fato alcançados (LIMA et. al., 2014b). O Estudo GUESSS (*Global University Entrepreneurial Spirit Student Survey*) realizado no Brasil traçou o histórico da formação empreendedora nas instituições de ensino superior e aponta que os cinco grandes desafios da educação empreendedora no Brasil são (LIMA et. al., 2015a, p. 1038-1039): a) aumentar a oferta de cursos, disciplinas e atividades de educação empreendedora; b) treinar mais professores em educação empreendedora; c) promover maior proximidade e contato com os empreendedores e sua realidade; d) dar mais foco à prática; e) diversificar a oferta de cursos e atividades de educação empreendedora para além do plano de negócios. Este enfoque caracteriza uma das justificativas para esta proposta de estudo.

Ressalta-se, então, a necessidade – e conseqüente oportunidade – de se potencializar a educação empreendedora, visto que a referida abordagem educacional possibilita o desenvolvimento do potencial empreendedor nos indivíduos (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014; MINELLO et al., 2017). Isso se justifica, uma vez que a educação empreendedora pode contribuir na preparação e no número de jovens inovadores, proativos e com iniciativa, tanto

para trabalharem em uma organização ou atividade autônoma, quanto para tocarem seu próprio negócio e, em ambas as condições, o resultado é um impacto socioeconômico relevante (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010; LIMA et. al., 2014a).

Lekoko, Rankhumise e Ras (2012) apontam também que na literatura a respeito da educação empreendedora, apesar de já bastante disseminada, falta comprovação de sua eficácia, e há uma necessidade de melhorar o conhecimento sobre as percepções dos alunos sobre os efeitos e o valor da educação para o empreendedorismo e sobre o impacto geral do sistema de ensino superior sobre as atividades empreendedoras de uma sociedade. Lopes (2010) também ressalta que, nas últimas décadas, os estudos sobre “empreendedorismo” avançaram bastante em termos de visibilidade e importância, porém o tema da “educação empreendedora” ainda carece de uma discussão mais embasada e sólida, que auxilie no seu amadurecimento e norteamto, e estimule a sua disseminação de forma mais eficaz.

No que se refere à aprendizagem empreendedora, estudos que discutem sua relação com a educação empreendedora ganharam proeminência em discussões mais contemporâneas (NECK; GREENE, 2011; LINDH; THORGREN, 2015). No entanto, na maioria das discussões, a reflexão é abordada como algo que existe e é necessário. Ainda há incertezas sobre como e por que é importante, e especialmente a compreensão teórica do conceito (HÄGG; KURCZEWSKA, 2016). Essa aparente falta de reflexão acerca do tema em questão, bem como sua necessidade de comprovação, constitui-se em outra justificativa para este estudo.

Apesar das diferenças a serem observadas nas abordagens pessoais e comportamentais, a educação desempenha um papel crítico no desenvolvimento de cidadãos empreendedores, possibilitando a promoção de características e intenções empreendedoras (OOSTERBEEK; VAN PRAAG; IJSSELSTEIN, 2010). Pesquisas nessa área tem buscado identificar a contribuição da educação empreendedora pautada no processo aprendizagem empreendedora e no conseqüente aumento do conhecimento empreendedor, podendo desenvolver atributos e comportamentos psicológicos associados ao empreendedorismo (LEE; LIM; PATHANK, 2006). O que, para Do Paço et al. (2015), pode fazer uma grande diferença na prosperidade de uma nova geração de empreendedores.

Ademais, a presente proposta de pesquisa se justifica pelo interesse da pesquisadora em contribuir para um maior entendimento acerca da educação empreendedora e sua relação com o modo de pensar de estudantes, no processo de ensino-aprendizagem e sua conseqüente influencia no desenvolvimento de intenção empreendedora. De modo específico, busca-se estimular a reflexão do papel das novas formas de ensino, que coloquem estudantes como

questionadores de suas realidades e professores como facilitadores do conhecimento a ser repassado, de forma que, juntos, tais indivíduos possam contribuir para a melhoria da sociedade como um todo.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A estrutura dos capítulos desta dissertação está organizada do seguinte modo: Neste primeiro capítulo foram descritas a introdução, o problema de pesquisa, os objetivos, geral e específicos e a justificativa do trabalho.

O segundo capítulo apresenta uma revisão da natureza da educação empreendedora e como ela pode ser reforçada por meio de metodologias e práticas de ensino, evidenciando a referência central que o aluno assume no processo, e instrumentos e práticas didático-pedagógicas da educação empreendedora, ocasionando o processo de aprendizagem empreendedora. Ainda no segundo capítulo, investiga-se metodologias para a educação empreendedora, evidenciando a referência central que o aluno assume no processo, o novo papel do professor, e instrumentos e práticas didático-pedagógicas da educação empreendedora. Por compreender que se trata de um processo contínuo, após isso, se apresenta o processo de aprendizagem empreendedora.

No terceiro capítulo se apresentam os aspectos internos do indivíduo que são influenciados pela educação e se manifestam na forma de “intenção empreendedora”.

Com o objetivo de expor a interação entre os aspectos teóricos, apresenta-se o quarto capítulo.

O sexto capítulo expõe os procedimentos metodológicos do trabalho, sendo descritos o delineamento da pesquisa, as abordagens qualitativa e quantitativa propostas e suas respectivas particularidades, e a triangulação adotada para o desenvolvimento do estudo.

O quinto capítulo refere-se à análise dos dados. Este subdivide-se em subcapítulos, análise da abordagem qualitativa, análise da abordagem quantitativa e triangulação dos dados.

No sexto capítulo são expostas as considerações finais pertinentes a partir da análise exposta na sessão anterior. O trabalho é finalizado expondo as contribuições teóricas e práticas do estudo, suas limitações e sugestões para trabalhos futuros.

2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Nos últimos anos, o interesse pela educação empreendedora cresceu devido à crença em suas contribuições para melhorar a inovação nas organizações e promover a criação de novas empresas e empregos, que fortalecem o desenvolvimento social, econômico e regional (FAYOLLE; GAILLY; LASSAS-CLERC, 2006; GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010; LANERO et al., 2011). Lima et al. (2015a) apontam que, por esta razão, diversas instituições de ensino superior são impulsionadas a criar ambientes, atividades e cursos que se solidificam a partir das bases da educação empreendedora, buscando desenvolver traços de personalidade e atitudes empreendedoras dos seus alunos.

Isso se sustenta, visto que a educação empreendedora pode estimular no estudante as capacidades de enxergar e avaliar determinada situação, assumindo uma posição proativa frente a ela, capacitando-o a elaborar e planejar formas e estratégias de interagir com aquilo que ele passou a perceber (LOPES, 2010). Além disso, a referida educação pode auxiliar na compreensão da realidade, estimulando a reflexão sobre transformações e inovações, buscando ações planejadas e tecnicamente embasadas, além de incentivar a transformação positiva da sua realidade, nas esferas pessoal, econômica e social (LIMA et al., 2014a).

Alguns autores defendem uma mudança radical frente aos métodos tradicionais de ensino, que tendem a se concentrar na transferência de conhecimento, buscando uma aprendizagem centrada em pensar de forma independente e proativa (MALACARNE; BRUSTEIN; BRITO, 2014). De forma similar, Henrique e Cunha (2008) também entendem que educação empreendedora não pode ser feita como nas demais disciplinas, devendo levar o aluno a estruturar contextos e compreender as várias etapas da sua evolução.

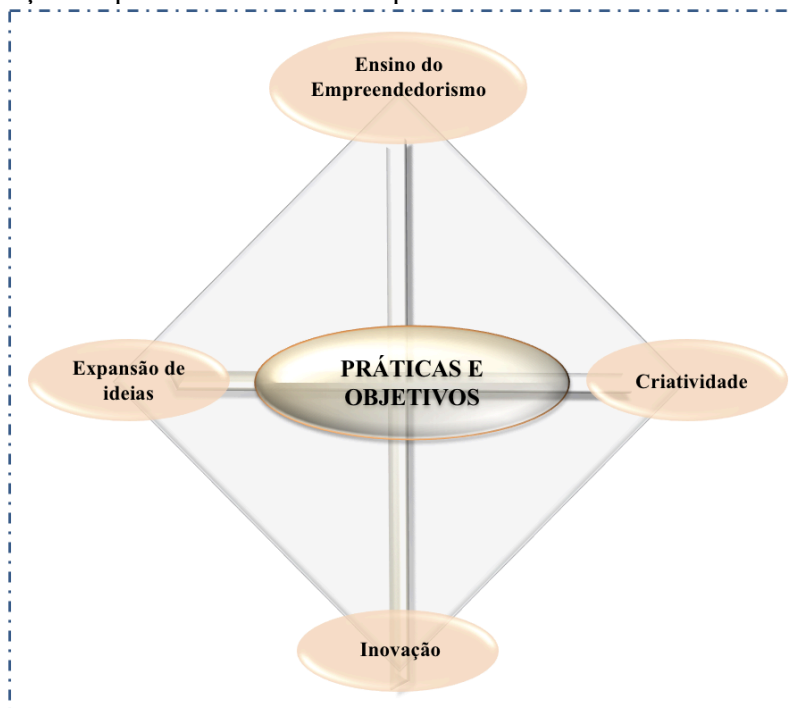
Em muitas obras acadêmicas, educação empreendedora e ensino do empreendedorismo são apontados como sinônimos, no entanto, entende-se que o ensino do empreendedorismo, por si só, consiste na transmissão de conhecimentos necessários para embasar de forma mais sólida, a abertura de negócios (GUENTHER; WAGNER, 2008). Já a educação empreendedora, refere-se a um “mecanismo para afetar as escolhas de carreira das pessoas jovens no sentido de reformularem as atitudes, os valores e as concepções de suas próprias habilidades, competências e inteligência” (KOMULAINEN; KORHOEN; RATY, 2013). Para estes autores, a educação empreendedora permeia aspectos mais abrangentes, no sentido de transmitir conhecimentos, de forma empreendedora. Esta utiliza métodos e práticas diferentes daquelas utilizadas na educação convencional (KOMULAINEN; KORHOEN; RATY, 2013); tais práticas envolvem, com frequência, a experiência daquilo que está

sendo abordado, evidenciando um processo de aprendizagem empreendedora, enquanto método de ensino.

A partir dessa perspectiva, aponta-se que o presente trabalho adota o conceito de Kirby e Ibrahim (2011, p. 190) os quais ressaltam que a educação empreendedora “não é apenas sobre ensinar os alunos sobre o negócio e como ser o negócio, mas mudar a maneira como eles pensam e se comportam, desenvolvendo suas habilidades de pensamento do lado direito do cérebro a fim de permitir-lhes ser mais criativos e inovadores”.

A partir dessa perspectiva, a educação empreendedora deve permear um conjunto de ações por meio das quais os alunos são orientados a expandirem suas próprias ideias (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014). Por essa razão, salienta-se que a educação empreendedora não deve ser confundida com estudos gerais em negócios ou economia; seu objetivo é promover criatividade, inovação, e pode incluir elementos como: desenvolvimento de atributos e características pessoais que formam a base do comportamento empreendedor – criatividade, senso de iniciativa, autoconfiança, liderança – (EUROPEAN COMISSION, 2007). Com o objetivo de ilustrar a educação empreendedora e sua interação com o ensino do empreendedorismo, apresenta-se a Figura 1.

Figura 1 – Educação empreendedora e seus aspectos



Fonte: Elaborado pela autora com base em European Comission Enterprise and Industry Directorate-General (2007)

Silva e Pena (2017) ressaltam que uma educação empreendedora deve levar em conta o *background* cognitivo, emocional e social do estudante. A evolução dos alunos na formação da identidade deve ser gradual a fim de reduzir as tensões existentes entre os indivíduos e o seu mundo ao redor, de modo que os estudantes aumentem o nível de autoconfiança necessário à atividade empreendedora.

A universidade, portanto, ao se dispor a apostar na formação empreendedora, deve fazê-la de forma integrada, interdisciplinar, harmonizada e transversal. Guerra e Grazzotin (2010) enfatizam que o empreendedorismo não deve ser discutido apenas em disciplinas isoladas e tanto menos entre as quatro paredes da sala de aula. O professor deve levar para a sala de aula a temática de modo integrado às outras disciplinas, à instituição e à comunidade. “Cabe a todos os professores a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade empreendedora. A sala de aula, cada vez mais, tem de se transformar em laboratório de conhecimento. A educação empreendedora deve ser tratado em todos os cursos e em todos os níveis” (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010, p. 83).

Lima et. al. (2015b) ressaltam que essa proposta de ensino permite aos estudantes se beneficiarem com o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades empreendedoras mesmo que não queiram ter um negócio próprio. Os autores evidenciam que a educação empreendedora estimula o pensamento criativo, a geração de inovações e o aumento do nível de autoestima e responsabilidade dos estudantes.

Para alcançar esse resultado, o Relatório do Estudo GUESSS Brasil (LIMA et. al., 2014b) aponta iniciativas através das quais as instituições de ensino superior e os estudantes podem contribuir de modo significativo na melhoria da educação empreendedora. Por exemplo, podem ser cultivados ambientes ricos em diversidade de experiência, de possibilidades de exploração de recursos pessoais e dirigidos à ampliação de horizontes e de perspectivas, focando não somente na geração de conhecimentos e habilidades específicos e na tradicional ênfase na preparação de futuros empregados. O relatório evidencia ainda que se mostra atrativo e promissor que os estudantes se empenhem na ampliação da variedade de carreiras que consideram para seu futuro, como ser criador de um negócio – com vista a lucro ou fins sociais –, empreendedor em uma profissão autônoma ou liberal, ou mesmo intraempreendedor ou empreendedor corporativo, que é um colaborador inovador e de iniciativa em uma organização pública ou privada. Isso ajudaria as instituições de ensino a cumprirem melhor seu papel e os estudantes a serem motores mais ativos do avanço social e econômico.

Lopes (2010) refere-se a outro autor que defende o uso de metodologias de ensino que permitam o “aprender fazendo”, também enfatiza o uso de metodologias de ensino que permitam o “aprender fazendo”, a fim de que o aluno se depare com eventos críticos que o forcem a pensar de maneira diferente, buscando saídas e alternativas, ou seja, aprendendo com experiência, aprendendo com o processo. Investigando referenciais para a educação empreendedora, a autora resgata propostas de aprendizagem orientadas para a ação: aprendizagem experiencial; aprendizagem pela ação; aprendizagem contextual (processo de construir o significado a partir da interação social e da experiência); aprendizagem centrada em problemas e aprendizagem cooperativa (trabalhar em grupos heterogêneos exercitando a liderança, a comunicação, a coesão de equipe etc.).

A ação é fundamental no processo de educação empreendedora, de acordo com Neck e Greene (2011), tem como primeiro passo permitir que os alunos experimentem a realidade, para depois aprenderem conceitos. Desenvolver o comportamento empreendedor no aluno é capacitá-lo para a criação, condução e implementação do processo criativo proporcionando a oportunidade de elaborar novos planos de vida, de trabalho, de estudo, transformando-se, deste modo, no ator responsável pelo seu desenvolvimento pessoal, bem como de sua organização (SOUZA et. al., 2005).

Na visão de Ribas (2011), o processo de aprendizagem e sua aplicação para o aluno não podem ser defasados – aprender primeiro e aplicar depois – mas sim interativo. Tampouco pode ser considerado definitivo – não se alcança o objetivo com um diploma – mas permanente. Por fim, o autor afirma que esse processo não pode ser estático, e sim dinâmico, em que o saber deve interagir continuamente com o fazer acontecer trazendo resultado prático para o empreendedor no seu cotidiano.

Lopes (2010) acrescenta que também a metodologia e as técnicas pedagógicas devem escolhidas de forma a permitir que os alunos participem, sejam desafiados por problemas e situações semelhantes aos do mundo real ou do próprio contexto. O próximo capítulo avança nesse aspecto, descrevendo metodologias e práticas de ensino da educação empreendedora.

2.1 PRÁTICAS DE ENSINO DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Mwasalwiba (2010) salienta que muitos autores categorizam os métodos de ensino para educação empreendedora em dois grupos: (i) métodos tradicionais (passivos) e (ii) métodos inovadores (ativos). Este autor identificou que a maioria dos programas de educação empreendedora utilizam métodos tradicionais, tais como palestras, estudos de caso e discussões em grupo (MWASALWIBA, 2010). No entanto, em comparação com os métodos passivos, Bennet (2006) e Mwasalwiba (2010) apontam que os métodos ativos são mais efetivos para influenciar atributos empreendedores, visto que exigem que o professor facilite a aprendizagem aplicando métodos que permitam a autodescoberta dos estudantes.

Considerando-se que a educação empreendedora possui caráter inter e multidisciplinar e tem como orientação a simulação e aprendizagem experiencial, aproximando-se cada vez mais das abordagens de ensino práticas; para alcançar os seus objetivos, é preciso traçar um plano de ensino ou planos de aula que adaptem a metodologia pedagógica ao contexto da aprendizagem buscada (OLIVEIRA, 2017). Nessa perspectiva, diferentes métodos, técnicas e recursos têm sido estudados e testados como forma de se promover o processo de ensino-aprendizagem da formação empreendedora (ROCHA; FREITAS, 2014).

Henrique e Cunha (2008) salientam que as particularidades da educação empreendedora fogem dos princípios tradicionais de educação e adotam formas diversas no processo de ensino-aprendizado, tais como: solucionar problemas, interagir com os pares e outras pessoas através de trocas com o ambiente, trabalhar sob pressão, copiar outros empreendedores, decidir sob pressão, aproveitar oportunidades, aprender com os próprios erros e pelo *feedback* de clientes. Além disso, os autores destacam que a atividade empreendedora é uma área em que se podem cometer erros (pequenos), pois nela existe liberdade e situações de aprendizagem flexíveis.

Desse modo, diversos processos pedagógicos têm sido desenvolvidos e aplicados, resultando na criação de novas atividades educacionais de formação empreendedora. Rocha e Freitas (2014) fazem uma revisão da literatura e destacam práticas que têm sido adotadas: palestras, estudos de caso, recomendações de leituras, visita a empresas, *brainstorming*, simulações e projetos desenvolvidos em grupos, entrevistas com empreendedores, planos de negócios, uso de filmes e jogos sobre empreendedorismo.

Com o objetivo de ampliar a perspectiva a respeito dos recursos utilizados para a educação empreendedora, Henrique e Cunha (2008) recomendam novos modelos conceituais para as instituições de ensino, que englobam (HENRIQUE, CUNHA, 2008, p. 127):

- a) incluir o agir como experiência didática, além do falar, ler e escrever;
- b) incentivar o contato com empreendedores;
- c) ter mediações de resultados ligados a projetos que resultem em novos negócios;
- d) criar uma escola empreendedora;
- e) não limitar as experiências empreendedoras ao calendário escolar;
- f) ao avaliar a instituição de ensino, contemplar a produção em projetos e subprojetos de criação de empresas.

Uma das metodologias mais utilizadas e difundidas nos últimos anos, para educação empreendedora, consiste no plano de negócios. No entanto, alguns estudos recentes, apontam que metodologias voltadas à abertura de empresas, baseado no plano de negócios, devem ser executadas a indivíduos com um alto nível de intenção empreendedora já verificada e, além disso, que tenham uma oportunidade de negócio viável já identificada (LIMA et al., 2015). Essa constatação, combinada com uma demanda cada vez maior e mais diversificada de estudantes por formação empreendedora, não restrita a abertura de empresas, evidencia uma lacuna considerável na educação empreendedora por novas metodologias, sobretudo no Brasil, onde essa formação sempre foi concentrada no plano de negócios (LIMA et al., 2015a).

A resolução de problemas consiste em outro recurso metodológico utilizado para o desenvolvimento do comportamento empreendedor. Na perspectiva de Friedlander (2004), ensinar a resolver problemas permite desenvolver nos estudantes a capacidade de questionar e ir atrás de respostas, de aprender a aprender, de construir com autonomia, de saber selecionar as informações, processá-las e aplicá-las de modo adequado às diversas situações.

Discutindo a respeito da importância de modelos de ensino que o desenvolvimento do processo de aprendizagem utilizando experiências práticas, Rocha e Freitas (2014) elencam métodos, técnicas e recursos, e suas respectivas aplicações, reproduzidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Principais Métodos e Recursos Pedagógicos

(continua)

Métodos, técnicas e recursos	Aplicações
Aulas expositivas	Transferir conhecimentos sobre o empreendedorismo, as características pessoais do empreendedor, os processos de inovação, fontes de recursos, financiamentos e aspectos legais de pequenas empresas.
Visitas e contatos com empresas	Estimular o <i>network</i> e incitar o estudante a sair dos limites da instituições de ensino superior para entender o funcionamento de mercado na vida real. Desenvolver visão de mercado.

(continuação)

Plano de negócios	Desenvolver as habilidades de planejamento, estratégia, marketing, contabilidade, recursos humanos, comercialização. Desenvolver a habilidade de avaliação do novo negócio, analisando o impacto da inovação no novo produto ou serviço. Construir habilidade de avaliar e dimensionar riscos do negócio pretendido.
Estudos de casos	Construção da habilidade de pensamento crítico e de avaliação de cenários e negócios. Desenvolver a habilidade de interpretação e definição de contextos associados ao empreendedorismo.
Trabalhos teóricos em grupo	Construção da habilidade de aprender coletivamente. Desenvolver a habilidade de pesquisar, dialogar, integrar e construir conhecimentos, buscar soluções e emitir juízos de valor na realização do documento escrito.
Trabalhos práticos em grupo	Construção da habilidade de atuar em equipe. Desenvolver a habilidade de planejar, dividir e executar tarefas em grupo, de passar e receber críticas construtivas. Ampliar a integração entre o saber e o fazer.
Grupos de discussão	Desenvolver a habilidade de testar novas ideias. Desenvolver a capacidade de avaliar mudanças e prospectá-las como fonte de oportunidades.
<i>Brainstorming</i>	Construção da habilidade de concepção de ideias, prospecção de oportunidades, reconhecendo-as como oportunidades empreendedoras. Estimular o raciocínio intuitivo para criação de novas combinações de serviços ou produtos, transformando-as em inovações.
Seminários e palestras com empreendedores	Transferir conhecimentos das experiências vividas por empreendedores desde a percepção e criação do produto, abertura do negócio, sucessos e fracassos ocorridos na trajetória empreendedora.
Criação de empresa	Transpor as informações do plano de negócios e estruturar os contextos necessários para a formalização. Compreender várias etapas da evolução da empresa. Desenvolver a habilidade de organização e planejamento operacional.
Aplicação de provas dissertativas	Testar os conhecimentos teóricos dos estudantes e sua habilidade de comunicação escrita.
Atendimento individualizado	Desenvolver a habilidade de comunicação, interpretação, iniciativa e resolubilidade. Aproximar o estudante do cotidiano real vivido nos pequenos negócios.
Trabalhos teóricos individuais	Construção da habilidade de geração de conhecimento individualizado, estimulando a autoaprendizagem. Induzir o processo de autoaprendizagem.
Trabalhos práticos individuais	Construção da habilidade da aplicação dos conhecimentos teóricos individuais, estimulando a autoaprendizagem. Estimular a capacidade laboral e de auto realização.
Criação de produto	Desenvolver habilidade de criatividade, persistência, inovação e senso de avaliação.
Filmes e vídeos	Desenvolver a habilidade do pensamento crítico e analítico, associando o contexto assistido com o conhecimento teórico. Estimular a discussão em grupo e o debate de ideias.
Jogos de empresas e simulações	Desenvolver a habilidade de criar estratégias de negócios,

(conclusão)

	solucionar problemas, trabalhar e tomar decisões sob pressão. Aprender pelos próprios erros. Desenvolver tolerância ao risco, pensamento analítico, comunicação intra e intergrupais.
Sugestão de leituras	Prover ao estudante teoria e conceitos sobre o Empreendedorismo. Aumentar a conscientização do ato empreendedor.
Incubadoras	Proporcionar ao estudante espaço de motivação e criação da nova empresa, desenvolvendo múltiplas competências, tais como habilidades de liderança, organizacionais, tomada de decisão e compreender as etapas do ciclo de vida das empresas. Estimular o fortalecimento da <i>network</i> com financiadores, fornecedores e clientes.
Competição de planos de negócios	Desenvolver habilidades de comunicação, persuasão e estratégia. Desenvolver capacidade de observação, percepção e aplicação de melhorias no padrão de qualidade dos planos apresentados. Estimular a abertura de empresas mediante os planos vencedores.

Fonte: ROCHA; FREITAS (2014, p. 469)

Buscando possíveis melhorias que as universidades brasileiras podem gerar para a educação empreendedora, Lima et. al. (2014a) também elencam sugestões e contribuições que englobam aspectos metodológicos (LIMA et. al., 2014a, p. 142-144):

1) Compartilhar histórias de fracasso para se conhecer melhor o fato de que errar é natural em empreendedorismo e, de certa forma, até desejável como forma de aprendizado.

2) Utilizar a mídia como meio de aprendizagem com casos reais, porém complementando-se estes com os conceitos fundamentais que explicam as histórias de sucesso (ou de fracasso) apresentados nos casos.

3) Empreendedorismo não deveria ser uma disciplina, mas uma competência a ser desenvolvida de forma transversal ao longo de todas as disciplinas de um curso.

4) A própria universidade precisa ser mais empreendedora, proativa, inovadora. Uma cultura empreendedora favorece a formação de empreendedores.

5) Fazer com que os alunos tenham mais contato com empreendedores reais, interajam com eles para aprender a prática, seja na forma de programas de mentoria, estudos de caso, palestras, estágios ou outros.

6) Oferecer aos alunos a possibilidade de resolverem problemas reais. Buscar interação com empresas para o desenvolvimento de casos em que os alunos possam aplicar o que for aprendido em sala de aula.

7) Criar condições para que os alunos possam desenvolver suas ideias de negócio em ambientes protegidos, como laboratórios de *co-working*, onde possam experimentar, errar e aprender com a prática.

8) Incentivo para que professores possam dedicar um tempo fora de sala de aula à atuação como *coach* de alunos que estão empreendendo.

9) Participação em atividades extracurriculares, como competições de negócios e de inovação, associações de estudantes, empresas juniores, projetos sociais e eventos que vão aproximar o aluno com o universo empreendedor.

Atividades extracurriculares como essas citadas por Rocha e Freitas (2014) são também tratadas por outros pesquisadores, que enfatizam que diversas outras situações nas quais ocorre a educação empreendedora, fora das salas de aula, parecem ser igualmente ou mais enriquecedoras e produtivas, tais como: incubadoras de empresas e parque tecnológicos (LAVIERI, 2010; OLIVEIRA; BARBOSA, 2014; MARINHO, 2016), empresas juniores (MARASSI; VOGT; BIAVATTI, 2014; MARRA; ALBRECHT; SOUZA, 2014), células empreendedoras, clubes de empreendedorismo e centros de empreendedorismo (LOPES, 2010; HASHIMOTO, 2013; TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014), eventos com o intuito de desenvolver o empreendedorismo e competições internas e externas de planos de negócios e práticas empreendedoras (ANDREASSI; FERNANDES, 2010; LAVIERI, 2010).

Nesse sentido, Rocha e Freitas (2014) enfatizam a importância da utilização de diversas metodologias didático-pedagógicas que permitam ao aluno desenvolver determinadas habilidades e traços de personalidade inerentes ao empreendedor podendo resultar em um processo de aprendizagem empreendedor.

2.2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM EMPREENDEDORA

A compreensão atual da aprendizagem empreendedora no contexto do ensino superior é muito mais ampla, mais competitiva e desafiadora em comparação com os modos tradicionais e formais de educação passiva (KOZLINSKA, 2011). Higgins e Elliott (2011), bem como Haase e Lautenschläger (2010) sugerem que a educação empreendedora deve desistir de ensinar conhecimento sobre criação de negócios e se concentrar em experimentar empreendedorismo e desenvolver profissionais.

Nesse sentido, aprendizagem empreendedora consiste em um processo contínuo, no qual os indivíduos aprendem com suas experiências práticas e as experiências práticas dos outros e constroem suas próprias teorias pessoais (RAE; CARSWELL, 2000). Na visão de Minniti e Bygrave (2001), a aprendizagem empreendedora pode ser entendida por meio de um modelo algoritmo, no qual o conhecimento acumulado em experiências passadas é a fonte de aprendizagem dos empreendedores, que por sua vez transportam esse conhecimento acumulado em um estoque subjetivo de conhecimento, melhorando seu desempenho.

No entanto, ressalta-se que o que é aprendido pode conter falhas e, em alguns casos, nem sempre retratar fidedignamente a realidade. Nesse sentido, os empreendedores também podem aprender com o fracasso (MINELLO, 2014); no momento em que o indivíduo empreendedor precisa desenvolver capacidades de gerenciar suas emoções associadas com a dor do fracasso, a fim de minimizar a interferência e maximizar a aprendizagem empreendedora por meio da experiência vivida (SHEPHERD et al., 2016). A aprendizagem empreendedora é então, um processo dinâmico, reflexivo, de associação e aplicação, podendo ocorrer durante ou depois da experiência em si (COPE, 2005).

Politis (2005) afirma que a aprendizagem empreendedora por meio da experiência explora resultados antecedentes do indivíduo e os processa na forma de conhecimentos empreendedores. No entanto, vale destacar que para Fortes, Lopes e Teixeira (2016), a experiência prévia não é suficiente para que a aprendizagem empreendedora ocorra, sendo necessário um processo de transformação, de algum estado ou experiência em conhecimento empreendedor.

Assim, a aprendizagem empreendedora pode ser compreendida como um processo pelo qual as pessoas aprendem a reconhecer e agir sobre oportunidades, por meio da aquisição de novos conhecimentos, da experiência direta e da observação do comportamento e resultado das ações de outros (RAE; CARSWELL, 2000; POLITIS, 2005; RAE, 2004; HOLCOMB *et al.*, 2009). De acordo com Man (2006), apesar de aprender de forma contínua e de buscar

proativamente por oportunidades, os empreendedores aprendem de modo seletivo e proposital, objetivando o que realmente importa para suas funções de trabalho e desenvolvimento de futuro. Com isso, “a aprendizagem empreendedora é impulsionada por necessidades práticas” (MAN, 2006, p. 315).

Politis (2005) desenvolveu um modelo do processo de aprendizagem empreendedora, que investiga não somente a inter-relação entre a experiência da carreira do empreendedor com o desenvolvimento do conhecimento empreendedor, como também evidencia, a forma em que ocorre a transformação da experiência do empreendedor em conhecimento e qual o tipo de conhecimento desenvolvido. A autora considera que a aprendizagem empreendedora é um processo experiencial, no qual é possível fornecer aos empreendedores a possibilidade de melhorar a capacidade de identificar e explorar oportunidades empreendedoras, bem como superar as barreiras, organizar e gerir novos negócios. Dessa forma, pode-se perceber que a autora denota o papel fundamental que a experiência de carreira do empreendedor possui no modelo, assim como, reconsidera a visão estática que a aprendizagem empreendedora possui, pressupondo uma relação direta entre uma experiência pessoal e o conhecimento proveniente desta experiência. Assim, mesmo sendo a experiência um importante fator para a aprendizagem empreendedora, ainda é preciso reconhecer o processo no qual a experiência é transformada em conhecimento empreendedor. O modelo evidencia quatro dimensões: 1- experiência de carreira do empreendedor- experiência na criação de outros empreendimentos, experiência administrativa/ gestão de negócios, e experiência no setor, que se deseja atuar; 2- conhecimento empreendedor- envolve o reconhecimento e exploração de oportunidades; 3- o processo de transformação da aprendizagem empreendedora- baseado nos processos de *exploitation* e *exploration*, que se referem respectivamente, a explorar aquilo que se tem conhecimento e explorar novas possibilidades; e 4- fatores que influenciam o processo de transformação- eventos prévios dos empreendedores que podem transformar a experiência empreendedora em conhecimento (POLITIS, 2005).

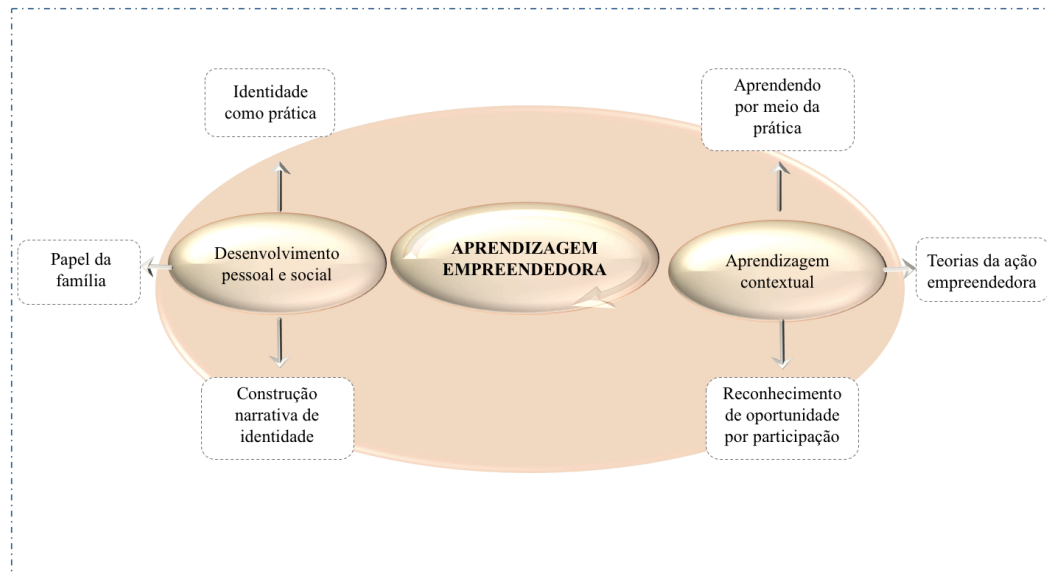
Leiva, Alegre e Monge (2015) afirmam que a aprendizagem empreendedora pode ser adquirida de três maneiras, indireta, formal, e experimental, e assimilada de duas formas, por extensão, e por intenção. Para esses autores, a aquisição de forma indireta ocorre por meio da observação do comportamento, e ações, de outras pessoas, bem como de seus resultados, e aprovação ou desaprovação social. A aquisição formal, explícita e codificada, acontece quando o empreendedor consulta formalmente fontes, como livros, artigos, ou por meio do ensino formal, treinamentos, etc.; e a aquisição experimental, quando a experiência, figuradamente, é transformada em conhecimento (LEIVA; ALEGRE; MONGE, 2015). Sob o

ponto de vista cognitivo, a assimilação acontece de acordo com o modo como as pessoas processam e interpretam as novas informações adquiridas, estabelecendo significados e associações com o conhecimento e as informações mantidas na memória (LEIVA; ALEGRE; MONGE, 2015). De acordo com os mesmos, os modos de assimilação ocorrem por extensão, quando o indivíduo assimila por meio da aplicação ativa de suas ideias, ou conceitos, sobre o mundo real, e acontecem por intenção, quando o mesmo realiza a reflexão interna.

Rae (2004) apresenta a aprendizagem empreendedora como um processo, destacando-se: a formação de identidade, as práticas sociais, a criação de significado e a negociação, presentes no processo. Destaca que existem duas aplicações práticas para o modelo, uma educacional, em que o modelo pode servir de apoio para a aprendizagem individual e na prática pedagógica; e outra profissional, na qual o modelo pode apoiar o crescimento de pequenas empresas. Verifica-se que o modelo de Rae (2004) engloba três dimensões: formação pessoal e social; aprendizagem contextual e empreendimento negociado. A primeira dimensão refere-se à formação de uma identidade do indivíduo, enquanto empreendedor, fazendo-se necessário não apenas a absorção de conhecimentos e habilidades, mas também a criação de uma identidade empreendedora que dever ser percebida no contexto social. A segunda dimensão envolve as redes de relacionamentos, destacando-se a partilha de experiências pessoais, que pode resultar na capacidade de os indivíduos identificarem oportunidades. E por fim, a terceira dimensão que considera que as aspirações e ideias dos indivíduos são viabilizadas, por meio de interações com outros sujeitos, como por exemplo fornecedores e consumidores (RAE, 2004). Para o autor, a aprendizagem empreendedora ocorre quando o indivíduo reconhece e age sobre as oportunidades como um processo natural que pode ser aplicado tanto na prática diária quanto na educação formal (RAE; WANG, 2015).

Rae (2004) desenvolveu um quadro conceitual de aprendizagem empreendedora, partir de sua pesquisa de campo com empresário e interpretação de literatura pertinente ao tema (RAE; CARSWELL, 2001; RAE, 2003). O referido autor propôs um modelo triádico que conecta o indivíduo com seu contexto social e inclui os principais temas de desenvolvimento pessoal e social, aprendizagem contextual e empreendimento negociado (RAE, 2004). No entanto, entende-se que o terceiro construto proposto pelo autor – Empreendimento negociado –, não se ajusta à realidade da presente proposta de pesquisa, visto que esta envolve o processo de aprendizagem empreendedora de alunos de graduação. Nesse sentido, propõe-se uma adaptação ao modelo de aprendizagem empreendedora (RAE, 2004), conforme exposto na Figura 2.

Figura 2– Modelo de Aprendizagem Empreendedora



Fonte: Adaptado de Rae (2004).

Segundo o autor, é por meio do desenvolvimento pessoal e social que as pessoas podem desenvolver uma identidade empreendedora que expressa seu senso de futuras aspirações (RAE, 2004). A criação de identidade empreendedora é resultado de um processo de desenvolvimento pessoal e social, que geralmente inclui:

- Construção narrativa de identidade: As pessoas desenvolvem sua identidade pessoal e social ao longo do tempo, moldadas por mudanças e experiências de aprendizagem e essa identidade é negociada socialmente através de suas auto-percepções e a partir da percepção de outros indivíduos;
- Papel da família: As histórias empreendedoras são construídas com referência a relacionamentos pessoais com cônjuges, pais e filhos. Por sua vez, as relações com os membros da família mudam através do empreendedorismo;
- Identidade como prática: As pessoas também desenvolvem sua identidade a partir de suas atividades, práticas e papéis nas interações sociais.

Outro construto abordado por Rae (2004) que contempla a aprendizagem empreendedora refere-se à aprendizagem contextual. A aprendizagem contextual ocorre onde as pessoas se relacionam e comparam suas experiências individuais com outras pessoas e criam um significado compartilhado através de sua participação social em redes culturais, industriais e outras (RAE, 2004). Através dessas relações e experiências sociais, as pessoas aprendem

intuitivamente e podem desenvolver a capacidade de reconhecer oportunidades, da mesma forma que o construto anterior, a aprendizagem contextual é formada por três aspectos:

- Reconhecimento de oportunidade por participação: As oportunidades são evidentes para aqueles que estão alertas e aprendem a reconhecê-las, usando conhecimento, experiência e comportamento;
- Teorias da ação empreendedora: As pessoas, através da sua experiência e aprendizagem contextual, desenvolvem regras, rotinas e formas de trabalho, que funcionam para elas. O conhecimento, adquirido pela experiência, intuição e sensação de "o que funciona", por que, como e com quem, constituem teorias práticas (RAE, 2004). Isso permite que as pessoas reduzam o risco usando a experiência anterior, porque eles "sabem o que estão fazendo";
- Aprendendo por meio da prática: As pessoas desenvolvem habilidades, conhecimentos especializados e contatos sociais de seus trabalhos, ganhando experiência, compreensão e know-how em uma indústria. Este aprendizado é social e relacional, obtido de participação interpessoal e por descoberta e experiência.

Visto que pesquisas anteriores sugerem que a aprendizagem empreendedora a partir de programas de educação empreendedora pode melhorar a capacidade de identificar oportunidades e melhorar as intenções empreendedoras dos indivíduos (SOUTARIS; ZERBINATI; AL-LAHAM, 2007; NABI et al., 2016); o próximo tópico irá abordar questões inerentes ao comportamento empreendedor na forma de intenção.

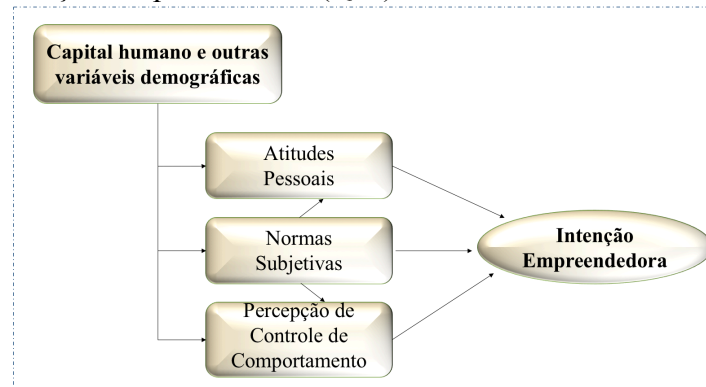
3 INTENÇÃO EMPREENDEDORA

Segundo Tubbs e Ekerberg (1991), as intenções ocupam posição privilegiada no estudo do comportamento humano. Para os autores, intenção representa um objetivo que um indivíduo almeja alcançar e também, o planejamento que fundamentará a busca pela realização do objetivo. A intenção de um indivíduo intrinsecamente ligada ao seu comportamento, ou seja, todo o comportamento é precedido de uma intenção (KRUEGER et al., 2000). A partir disso, a intenção empreendedora pode ser definida como a "convicção auto-reconhecida por uma pessoa de que pretendem criar um novo empreendimento e conscientemente planejam fazê-lo em algum momento no futuro" (THOMPSON, 2009, p. 667).

Para Thompson (2009), intenção empreendedora individual é um constructo chave na investigação sobre a formação de novos negócios. Mais recentemente, um estudo longitudinal de Kautonen et al. (2015) confirmou que a intenção empreendedora prevê ação empresarial. Assim, a questão do que influencia a intenção empreendedora é relevante para os formuladores de políticas, profissionais e educadores. Nesse sentido, a intenção empreendedora tornou-se um campo vibrante na pesquisa em empreendedorismo (FAYOLLE; LINAN, 2014), uma vez que "as intenções têm provado ser o melhor preditor do comportamento planejado, particularmente quando esse comportamento é raro, difícil de observar ou envolve atrasos imprevisíveis" (KRUEGER et al., 2000, p.411).

A partir dessa perspectiva e com o objetivo de mensurar as propriedades psicométricas da intenção empreendedora de um indivíduo, Liñán e Chen (2009) construíram um instrumento de medida baseado na TCB de Ajzen (2001), dividido em três blocos – Atitudes pessoais, normas subjetivas e percepção de controle de comportamento -, e o testaram em uma amostra de 519 estudantes de universidades de dois países distintos – Espanha e Taiwan. Como resultado, o modelo desenvolvido se mostrou satisfatório para mensurar a intenção empreendedora dos indivíduos, O referido modelo é exposto na Figura 3.

Figura 3– Modelo da Intenção Empreendedora (QIE)



Fonte: LIÑÁN; CHEN, 2009, p. 597.

Conforme demonstrado, a intenção empreendedora baseia-se, primeiramente, na TCP (AJZEN, 1991), que, para os autores Schlaegel e Koenig (2014) e Krueger e Carsrud (1993), fornece uma base teórica sólida. Os autores postulam que o comportamento futuro de uma pessoa é precedido por intenção: quanto mais forte a intenção de uma pessoa se engajar em um comportamento específico, mais provável é que o comportamento real será realizado. Além disso, a intenção de realizar um determinado comportamento é o resultado de três antecedentes cognitivos: (i) atitude em relação ao comportamento; (ii) normas subjetivas; e (iii) controle comportamental percebido (SCHLAEGEL; KOENIG, 2014; KRUEGER; CARSRUD, 1993).

A atitude frente ao comportamento refere-se à avaliação do indivíduo a respeito do seu próprio comportamento, seja esta positiva ou negativa (OLIVEIRA et. al., 2016). A avaliação é o componente mais afetivo da atitude, determinando a motivação e a força da intenção do comportamento. Nesse sentido, a atitude favorável está associada a uma maior intenção de agir (MORIANO; PALACÍ; MORALES, 2007).

As normas subjetivas dizem respeito à pressão social exercida para realizar – ou não – um comportamento e reflete o efeito dos valores sociais sobre o indivíduo (MORALES; REBOLLOSO; MOYA, 1994). A norma subjetiva é a componente mais social do modelo, na medida em que incorpora a influência de pessoas significativas para o sujeito na decisão de desenvolver a sua carreira profissional por meio do empreendedorismo (OLIVEIRA et al., 2016).

Em relação ao controle comportamental percebido, as pessoas manifestam comportamentos que acham que são capazes de controlar e dominar (BANDURA, 1982). Esse conceito consiste na capacidade para manifestar um comportamento, por exemplo, iniciar uma atividade empresarial (OLIVEIRA et al., 2016). Segundo Baron (2002), a

literatura traz a auto eficácia como uma característica do perfil, em função disso, aponta-se que indivíduos com um nível de auto eficácia elevado sejam mais persistentes, trabalhem de forma mais efetiva, se esforcem mais na realização das tarefas e tenham a confiança de possuir as competências necessárias para conseguir os seus objetivos.

A Teoria do Comportamento Planejado (TCP) de Ajzen (1991), emergiu como um dos mais populares, completos e influentes quadros conceituais para o estudo da ação humana (LIÑÁN; RODRÍGUEZ-COHARD; RUEDA-CANTUCHE, 2011). O comportamento de iniciar um novo empreendimento é intencional e planejado e a TPB é adequada para compreendê-lo (KRUEGER; CARSRUD, 1993; AJZEN, 1991). De acordo com a TCP, as intenções são preditoras imediatas do comportamento e essas intenções são previstas por: i) crenças comportamentais ao produzirem uma atitude favorável ou desfavorável para o comportamento; ii) crenças normativas resultantes da pressão social de outras pessoas e iii) crenças de controle sobre a presença de fatores que podem favorecer ou prejudicar o desempenho do comportamento – facilidade ou dificuldade percebida para realizar o comportamento e, conseqüentemente, a percepção de controle que tem sobre a ação e os resultados do comportamento.

Utilizando o modelo de intenção empreendedora de Liñán e Chen (2009), Souza (2015), aplicou e validou o referido instrumento no Brasil, em um contexto regional. Após aplicação em uma amostra de 505 alunos de graduação de duas universidades federais do estado de Mato Grosso do Sul, para a autora, os construtos do modelo apresentaram relações positivas e significantes para validar a referida escala psicométrica.

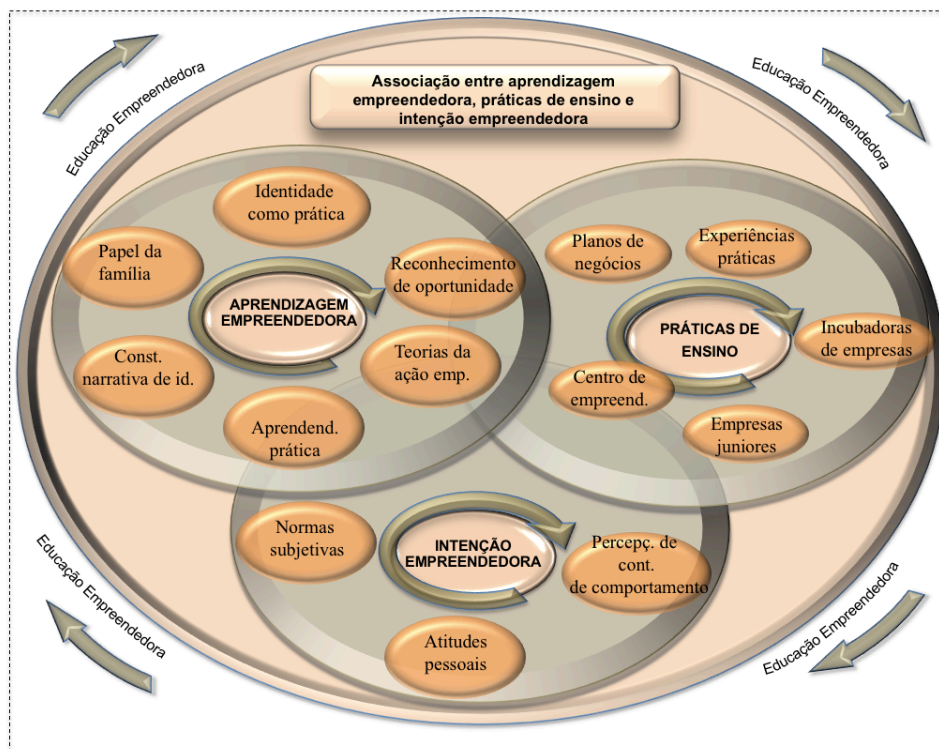
No estudo de Oliveira et al., (2016), a escala QIE foi utilizada para mensurar a intenção empreendedora de uma amostra de 326 estudantes das universidades do norte de Portugal. Da mesma forma que o primeiro, esta pesquisa obteve êxito na validação do instrumento, uma vez que os resultados do modelo de fatores estruturais confirmaram a alta fiabilidade e validade preditiva da escala de Liñán e Chen (2009) sobre a intenção empreendedora.

4 INTERAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS TEÓRICOS

Revisados os principais aspectos teóricos da educação empreendedora, os instrumentos e práticas didático-pedagógicas desenvolvidos para o ensino empreendedor, o processo de aprendizagem empreendedora e o comportamento em forma de intenção empreendedora, pode-se perceber a interação dos construtos no momento em que as práticas didáticas de ensino - plano de negócios, experiências práticas, incubadoras de empresas, centro de empreendedorismo e empresas juniores - podem influenciar o desenvolvimento da aprendizagem empreendedora, considerando os papéis da aprendizagem contextual e do desenvolvimento pessoal e social e que, por sua vez, podem estimular o desenvolvimento da intenção empreendedora nos indivíduos.

Como forma de ilustrar a interação entre os referidos construtos, apresenta-se a Figura 4 com os construtos utilizados e demonstrando sua interação para embasar o presente estudo.

Figura 4 – Interação entre os aspectos teóricos



Fonte: Adaptado de Marinho (2016) com base em Rae (2004), Liñán e Chen (2009) e Rocha e Freitas (2014).

Demonstrados os aspectos teóricos e a suas interações, no próximo capítulo será exposto os procedimentos metodológicos propostos para esta pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento do presente estudo. Inicialmente é apresentado o delineamento da pesquisa, na sequência as abordagens qualitativa e quantitativa, com suas respectivas particularidades, e, ao final, a triangulação e a síntese do processo metodológico. Ressalta-se que o contexto de análise foi a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), instituição pública de ensino superior localizada em Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul.

A metodologia descrita a seguir foi baseada nos procedimentos metodológicos adotados para a realização do projeto “Universidade Empreendedora: desenvolvimento e disseminação da atitude empreendedora dos alunos de graduação da UFSM”, projeto do grupo de pesquisa do qual a autora faz parte, registrado na Universidade Federal de Santa Maria, no Gabinete de Projetos, sob o nº 042930.

5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para a realização do presente trabalho, em função do objetivo proposto – analisar o processo da educação empreendedora e seu estímulo para o desenvolvimento da intenção empreendedora, em alunos de graduação de uma instituição de ensino superior, considerando-se seus recursos e práticas e aprendizagem empreendedora – utilizou-se uma abordagem caracterizada como qualitativa e quantitativa, do tipo exploratória, descritiva, com base em pesquisa teórico-empírica, e adota triangulação de dados.

A partir dessa caracterização, aponta-se que o delineamento da pesquisa está estruturado da seguinte forma: primeiro será apresentada a abordagem qualitativa com seus respectivos objetivos específicos (primeiro e segundo); posteriormente a adoção da abordagem quantitativa que está relacionada ao terceiro objetivo específico. Por fim, a triangulação de dados é exposta associando-se os respectivos procedimentos metodológicos, qualitativos e quantitativos, resgatando-se o quarto objetivo específico.

Para Yin (2016) a pesquisa qualitativa possui cinco características: estudar o significado da vida real dos indivíduos; representar opiniões e perspectivas dos indivíduos de um estudo; abranger as condições contextuais em que os indivíduos vivem; contribuir com revelações sobre os conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento humano; e esforça-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte. Com base nessa concepção, os sujeitos de pesquisa nas pesquisas

qualitativas devem ser, preferencialmente, indivíduos ou grupos que estejam envolvidos em experiências similares (CRESWELL, 2014).

Na visão de Minayo (2012), a abordagem qualitativa é coerente quando se busca compreender um determinado nível de realidade abstrata com diferentes significados, motivações, crenças, valores e percepções. A autora complementa que na pesquisa qualitativa o primeiro a falar de si é o objeto pesquisado (MINAYO, 2012). Para Antonello e Godoy (2011), ela ganha destaque entre as diversas técnicas existentes, devido ao contexto subjetivo do indivíduo, tendo como base as experiências vivenciadas, a partir de seus sentimentos, crenças, ideais e proposições.

Para Sampieri et al. (2013) o enfoque qualitativo é utilizado quando se busca compreender a perspectiva dos indivíduos sobre os fenômenos que os rodeiam, com base em sua aprendizagem e experiências ou seja, como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Para Richardson (2011, p. 79-80), a pesquisa qualitativa é definida como “a busca por uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais dos fenômenos”.

Diante disso, percebe-se como adequada e pertinente a adoção da abordagem qualitativa para este estudo em função de seu primeiro e segundo objetivos específicos - identificar metodologias e práticas de ensino aplicadas na disciplina Atitude Empreendedora e mapear o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos de graduação (das disciplinas Atitude Empreendedora da UFSM)-, visto que, tanto as metodologias e práticas de ensino quanto a aprendizagem empreendedora, permeiam aspectos psicológicos e significados de situações reais, por meio da linguagem natural dos participantes, o que denota compreender o contexto e/ou estabelecer o caráter de um fenômeno social, características singulares da abordagem qualitativa (SILVERMAN, 2009; RICHARDSON, 2011; SAMPIERI, COLLADO; LUCIO, 2013;). Além disso, tanto o processo de aprendizagem empreendedora quanto as práticas metodológicas empreendedoras tem como eixo norteador a experiência prática/vivência, conceitos subjetivos passíveis de interpretação de diferentes formas de acordo com a bagagem de cada indivíduo.

Com relação à abordagem quantitativa, segundo Richardson (2011) envolve amostras mais amplas, fornecendo dados mais precisos em relação ao problema a ser estudado, sendo indicada quando já se tem informações sobre o contexto pesquisado. Com base nisso, pode ser usada em estudos de grandes aglomerados de dados e de conjuntos demográficos e construída a partir de um fenômeno social (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Para Ramos (2013) a utilização de métodos quantitativos para análise da realidade social presente em um mesmo estudo ou separados em estudos diferentes, tem o propósito de descrever e/ou comparar características de grupos sociais, realidades, contextos ou instituições e; estabelecer relações causais.

Com base na concepção de Hair et al., (2009), os dados quantitativos são mensurações em que números são usados diretamente para representar as propriedades de um fenômeno estudado. Estes dados, segundo os mesmos autores, são mais objetivos, uma vez que os resultados estatísticos não dependem da opinião do pesquisador, fundamentando-se somente nas suas habilidades como analista (HAIR et al., 2009). Isso ocorre, visto que a pesquisa quantitativa estabelece uma metodologia predefinida ao respondente, reduzindo a heterogeneidade da coleta de dados, inferindo maior credibilidade aos resultados (RICHARDSON, 2011). Somado a isso, dados quantitativos possibilitam medir as variáveis do estudo buscando averiguar sua influência sobre outras variáveis (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013).

O presente trabalho pode ser caracterizado como de abordagem quantitativa no momento em que se propõe, no objetivo terceiro específico - identificar os níveis de intenção empreendedora dos alunos que cursaram a disciplina Atitude Empreendedora, no início e no final da mesma -, e as possíveis relações entre esses níveis por meio de testes estatísticos que proporcionem cientificidade e fidedignidade aos resultados.

No que se refere ao tipo de estudo, esta pesquisa caracteriza-se como exploratório. Isso encontra suporte na visão de Sekaran e Bougie (2016), quando os autores afirmam que a pesquisa exploratória é necessária quando não se tem teoria disponível suficiente para suportar o desenvolvimento de uma estrutura teórica sólida.

Este enfoque encontra suporte na visão de Sampieri, Callado e Lucio (2013), no momento em que afirmam que os estudos exploratórios são realizados quando o objetivo é examinar um tema pouco estudado, sobre o qual se tem muitas dúvidas ou que ainda não foi abordado antes. Para Pacheco, Pereira e Pereira Filho (2007), estudos exploratórios visam investigar objetos de estudo que apresentam carência de conhecimento, e abordar temas pouco estudados na literatura.

Somado a isso, considera-se como tipo de pesquisa do presente trabalho, também a pesquisa descritiva. Segundo Sekaran e Bougie (2016), é bastante comum a realização de uma pesquisa exploratória antes de passar para estudos descritivos. Isso ocorre visto que muitos pesquisadores necessitam desenvolver uma compreensão completa do fenômeno em estudo (SEKARAM e BOUGIE, 2016).

Kumar (2014) aponta que uma pesquisa classificada como descritiva se detém a descrever sistematicamente a situação, problema e/ou fenômeno e o principal propósito desse tipo de estudo é expor os fatores que prevalecem a respeito do problema a ser estudado.

Tal tipo de pesquisa encontra aderência neste estudo, visto que, para alcançar o objetivo proposto, foi necessário descrever o contexto no qual os sujeitos estão inseridos, no intuito de expor os fatores que prevalecem a respeito dos temas abordados.

No que se refere à triangulação, a utilização das abordagens qualitativas e quantitativas surge a partir da necessidade de se esclarecerem questões e promover a compreensão de análises complexas a partir do agrupamento de dados qualitativos e quantitativos em uma única pesquisa (MADEIRA et al., 2011). Nesse sentido, a técnica de triangulação de dados refere-se a um processo de comparação ou entre dados oriundos de diferentes fontes ou da utilização de diferentes métodos sobre um mesmo objeto e sua utilização tem como objetivo tornar as informações obtidas mais precisas (PRODANOV; DE FREITAS, 2013).

Para Gray (2016), o emprego das duas abordagens permite ao pesquisador uma visão mais rica e contextual do fenômeno a ser estudado. Segundo o autor, a pesquisa qualitativa, possibilita a análise de casos concretos em suas particularidades temporal e local e a pesquisa quantitativa, por sua vez, a proporciona a identificação de relações entre as variáveis do estudo (GRAY, 2016). Segundo Triviños (1987), a referida combinação entre as abordagens busca contribuir para a ampliação do conhecimento sobre os resultados obtidos por meio da triangulação, a qual permite ao pesquisador aprofundamento sobre o tema investigado e também possibilita que o mesmo avalie cruzamento de suas conclusões, de modo a ter maior confiança nos resultados.

Denzin e Lincoln (2006, p. 19) afirmam que o “uso de múltiplos métodos reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão”. Colaborando com isso, Figaro (2014) aponta que a triangulação é a alternativa para se empreender múltiplas práticas metodológicas e perspectivas em uma mesma pesquisa, o que garante rigor, riqueza e complexidade ao trabalho.

Nesse sentido, a reflexão sobre a associação destes fatores com os níveis de intenção empreendedora, exposta no quarto objetivo específico - associar as metodologias e práticas de ensino aplicadas na perspectiva da aprendizagem empreendedora e sua influência sobre o desenvolvimento de intenção empreendedora -, se justifica dada a complexidade dos temas abordados e de suas múltiplas interpretações para cada indivíduo.

Com base no exposto e, no intuito de facilitar o entendimento dos procedimentos

metodológicos, optou-se pela apresentação destes separadamente. Nesse sentido, inicia-se pela abordagem qualitativa, seguida da abordagem quantitativa e finaliza-se com a triangulação.

5.1.1 Abordagem qualitativa

Esta sessão apresenta as unidades de análise, a coleta de dados e a análise dos dados da abordagem qualitativa, finalizando com uma figura que ilustra todo o processo metodológico proposto para a abordagem qualitativa.

5.1.1.1 Unidades de análise da abordagem qualitativa

As unidades de análise, de acordo com Sampieri, Collado e Lúcio (2013), constituem os participantes, objetos, eventos ou comunidades de estudo, que depende da formulação da pesquisa e dos alcances do estudo. Para Richardson (2011) essa ideia sugere que a unidade de análise em geral, é uma pessoa, mas também podem ser cidades, instituições, entre outros.

Tal enfoque evidencia coerência em se adotar o indivíduo como unidade de análise, quando o foco de estudo está relacionado ao comportamento dos sujeitos da pesquisa, especificamente em relação características e atitudes empreendedoras.

A presente pesquisa sugere como unidades de análise docentes e alunos de cursos de graduação da UFSM, que ministram a disciplina Atitude Empreendedora, ou estão matriculados nela, em qualquer curso de graduação da instituição.

Para tal, foram entrevistados quatro (4) docentes ministrantes das disciplinas Atitude Empreendedora dos cursos de graduação da UFSM e oito (8) alunos que cursaram a referida disciplina. A definição dos docentes e alunos participantes ocorreu por conveniência.

5.1.1.2 Coleta de dados da abordagem qualitativa

A escolha da técnica de entrevista para esta pesquisa se baseou na visão de Belk, Fischer e Kozinets (2013), que sugerem que a entrevista vem se popularizando como forma de coleta de dados qualitativos, em pesquisas sobre comportamento nas ciências sociais, seja ela considerada aberta, em profundidade ou semiestruturada. Para Minayo (2012) a entrevista

semiestruturada é caracterizada por questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

Diante disso, para coleta de dados da abordagem qualitativa foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professores ministrantes da disciplina Atitude Empreendedora em três cursos de graduação da UFSM e oito alunos que cursaram a referida disciplina. As entrevistas foram conduzidas utilizando um roteiro previamente elaborado (Apêndice A), composto por perguntas abertas onde o entrevistado teve a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (MINAYO, 2012). Este roteiro semiestruturado contemplou os seguintes blocos: (1) Dados complementares de suporte, (2) Educação Empreendedora, (3) Práticas Didáticas, (4) Processo de Aprendizagem Empreendedora e (5) Intenção Empreendedora.

As entrevistas foram realizadas nos locais de preferência do entrevistado, sendo estes as salas dos professores ou salas de aulas, no mês de dezembro de 2017. O material foi gravado, transcrito e posteriormente analisado. As coletas foram realizadas mediante a exposição dos objetivos da pesquisa e a assinatura do termo de confidencialidade e de consentimento livre e esclarecido do entrevistado (Apêndices B e C).

Além disso, utilizou-se a pesquisa documental como coleta de dados, que segundo Vergara (2012), é aquela em que a fonte da coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes secundárias. Segundo Bispo e Godoy (2014), esta técnica é muito utilizada em pesquisa qualitativa. Nessa perspectiva se enquadram todos aqueles materiais que são produzidos durante o processo social cotidiano de uma instituição ou organização, ou seja, não são materiais produzidos ou provocados pelo pesquisador. É possível citar como exemplo, textos, relatórios, manuais, entre outros. Os documentos são úteis para acessar e contribuir no entendimento do desenvolvimento da disciplina, além de facilitar a compreensão da própria construção da mesma. Para a etapa documental da pesquisa, foram utilizados os documentos como plano de aula, trabalhos, ATAS, diários de classe.

5.1.1.3 Análise dos dados da abordagem qualitativa

A análise dos dados deve ser estruturada a partir dos procedimentos de organização, tratamento e análise dos dados coletados para compreendê-los, atender às questões de pesquisa, e gerar conhecimento (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; CRESWEL, 2014).

Especificamente nas ciências sociais, em estudos qualitativos, existem diversos métodos estruturados em vários níveis de análise, cuja escolha segue o princípio da adequabilidade (CRESWEL, 2014). Dentre esses métodos de análise, destaca-se o método de Análise de Conteúdo (SILVERMAN, 2009; BARDIN, 2014; VERGARA, 2012) como alternativa útil para se estudar as falas ou escritas, na tentativa de descrever e interpretar seus conteúdos e sentidos, e, em última instância, construir uma compreensão sobre elas.

A presente pesquisa analisou os dados coletados com base no uso da técnica de Análise de Conteúdo (AC) proposto por Bardin (2014).

Nesse sentido, foram estruturados os seguintes passos de análise, no que se refere à abordagem qualitativa, para a presente pesquisa,

1. Leitura flutuante;
2. Sumarização das entrevistas;
3. Aplicação da técnica de Análise de Conteúdo: categorial e de enunciação

A seguir apresenta-se, de modo mais detalhado, cada um desses passos da análise.

Passo 1 - Leitura flutuante

A leitura flutuante ocorre no momento em que o pesquisador começa a conhecer o texto proveniente das falas transcritas. (MINAYO, 2012). A leitura flutuante possibilita que o pesquisador tenha um contato inicial com o material, conhecendo a estrutura da narrativa e tendo as primeiras orientações e impressões em relação às mensagens do material coletado (RICHARDSON, 2011).

Segundo Minayo (2012), essa etapa permite tomar contato exaustivo com o material coletado e transcrito. O termo flutuante é uma analogia à atitude do psicanalista, pois aos poucos a leitura se torna mais precisa, em função de hipóteses e com base nas teorias que sustentam o material (BARDIN, 2014).

Passo 2 - Sumarização das entrevistas

A sumarização das entrevistas consiste em uma redução sistemática da extensão da informação, sem prejuízo dos conteúdos relevantes. Essa etapa reduz a heterogeneidade

expressiva e o volume dos textos, preparando o material para a continuidade do tratamento da informação, com vistas a sua conversão em categorias de falas (MADEIRA et al., 2011).

Uma característica comum observada no discurso espontâneo é a repetição de falas, isto é, as pessoas voltam a dizer o mesmo que já disseram de outra forma, ou literalmente. Além disso, são frequentemente interpolados na conversação conteúdos cuja temática é alheia ao tema central da entrevista, que pode custar a ser retomado. Além disso, após uma longa sequência de interpolação, quando assunto principal é retomado, frequentemente é reintroduzido por uma repetição do que já foi dito.

Sumarização de entrevistas é, na visão de Minello (2014), o procedimento de resgate dos aspectos mais relevantes na perspectiva do pesquisador, preservando-se a fidelidade aos relatos dos entrevistados, no sentido de facilitar os processos e técnicas de análise, sua relação com a caracterização das categorias de análise, por meio do agrupamento e visualização panorâmica das entrevistas. Este passo de análise facilita a identificação de dados novos e diversificados, extraídos do relato dos entrevistados, e permitem a ampliação do escopo da análise, mantendo-se o cuidado de preservar a perspectivas dos mesmos (MINELLO, 2014).

Passo 3 - Aplicação da técnica de Análise de Conteúdo: categorial e de enunciação

A análise de conteúdo, na visão de Richardson (2011) é uma importante ferramenta para pesquisas na área de ciências humanas e tem-se transformado em um mecanismo fundamental para o estudo da interação entre os indivíduos. Essa técnica de análise permite ao pesquisador compreender o que está por trás das manifestações informadas no momento da coleta, podendo ir além das aparências do que está sendo comunicado (MINAYO, 2012).

Para Bardin (2014), este tipo de análise é um dos instrumentos mais úteis para a investigação de textos, pois é adaptável e aplicável a um vasto campo, ou seja, quaisquer comunicações escritas ou faladas podem ser decifradas pelas técnicas de análise de conteúdo. Bardin (2014, p. 47) define análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Dentre as diferentes técnicas de análise de conteúdo, aponta-se a categorial e a de enunciação (BARDIN, 2014), como adequadas para esta proposta de pesquisa.

Para Bardin (2014) a análise categorial exige inicialmente uma classificação de elementos em suas características distintas, e, posteriormente, o reagrupamento segundo os

critérios previamente definidos, onde as categorias reúnem grupos de elementos com características comuns. As categorias de análise podem ser criadas a priori ou não a priori, ou seja, a partir do referencial teórico (categorias a priori) e dos relatos dos entrevistados (categorias não a priori ou também chamadas de a posteriori).

As categorias de análise definidas a priori, na visão de Bardin (2014), são deduzidas das teorias que servem de fundamento para a pesquisa como delimitações nas quais as unidades de análise serão colocadas ou organizadas. A definição de categorias de análise não a priori é estruturada a partir dos relatos dos entrevistados, sendo as categorias de análise definidas de forma a representar, a partir da frequência de aspectos similares entre os relatos da maioria dos entrevistados, similitudes entre suas características comportamentais e sua percepção sobre o fenômeno que está sendo investigado (BARDIN, 2014).

Com relação à técnica de enunciação da análise de conteúdo, esta é aplicada nos relatos dos entrevistados, a partir da definição das categorias de análise a priori e não a priori. O processo de análise de enunciação é dividido em codificação inicial, categorização e inferência (BARDIN, 2014). A codificação inicial consiste na leitura flutuante das entrevistas com os docentes e alunos da disciplina Atitude Empreendedora, buscando identificar uma unidade de registro, ou seja, uma unidade a ser codificada, que pode ser uma frase, um tema ou palavra. No que se refere à fase da inferência, os dados são analisados com base na teoria, proporcionando sentido à interpretação (BARDIN, 2014); sendo que, na visão de Triviños (1987), o pesquisador necessita possuir amplo campo de clareza teórica, ou seja, não é possível a inferência, se o pesquisador não dominar os conceitos básicos das teorias adotadas.

Diante disso, a presente pesquisa adotou as duas técnicas de análise de conteúdo apresentadas anteriormente, categorial e de enunciação. Isso se sustenta em função de que as mesmas são consideradas relevantes para o estudo da interação entre os indivíduos e podem proporcionar ao pesquisador a compreensão do que está por trás das manifestações informadas nas entrevistas, podendo ir além das aparências do que foi comunicado (BARDIN, 2014).

Para isso, adotou-se categorias de análise definidas a priori. Estas foram estabelecidas a partir de quadros de referência oriundos da abordagem teórica adotada e aderentes aos objetivos propostos para esta pesquisa.

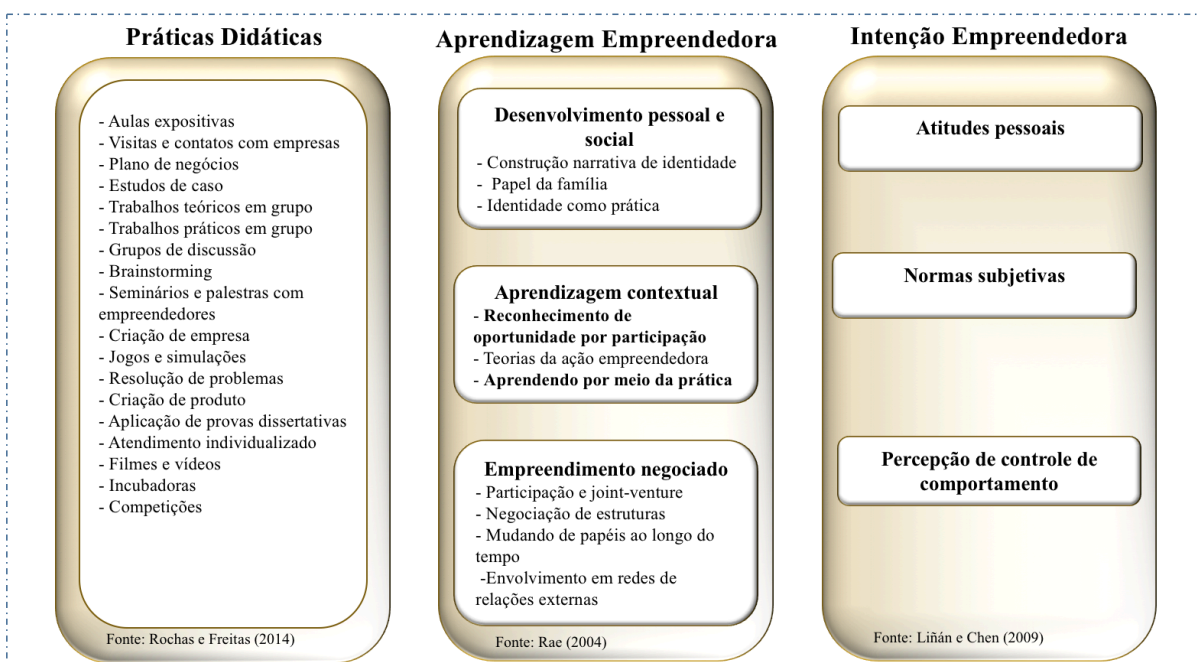
A formalização do procedimento de definição dessas categorias facilita a comparação entre os diferentes casos, o que pode ser considerado uma vantagem do método sobre os métodos mais indutivos (FLICK, 2009). Nesse sentido, Freitas, Cunha e Moscarola (1997) sugerem que, para uma análise de conteúdo ter valor é preciso cumprir alguns requisitos,

como qualidade na elaboração conceitual a priori e a exatidão com que ela será traduzida em categorias, de modo a haver concordância entre a realidade a ser analisada e essas categorias.

Para Bardin (2014), as categorias a priori são deduzidas a partir das teorias que servem de fundamentos para a pesquisa. Nesse sentido, foram definidos três quadros de referência teórica para fundamentar a escolha das referidas categorias de análise a priori: o primeiro deles, baseado em Rocha e Freitas (2014), referente às metodologias e práticas de ensino; o segundo, de Rae (2004), que sustenta a aprendizagem empreendedora; por fim, o quadro de referência sobre intenção empreendedora de Liñán e Chen (2009).

No intuito de facilitar o entendimento em relação à adoção dos referidos quadros de referência para a definição das categorias de análise a priori, apresenta-se de maneira sintética, cada uma das abordagens que fundamentaram a escolha das mesmas para este estudo (QUADRO 2).

Quadro 2 – Quadro de referência para definição das categorias a priori



Fonte: Elaborado pela autora com base em Rocha e Freitas (2014), Rae (2004) e Liñán e Chen (2009).

O Quadro de referência para a definição das categorias de análise a priori, na perspectiva da abordagem sobre as práticas didáticas, adaptado de Rocha e Freitas (2014), foi adotado em função de que este construto representa um dos aspectos de interesse nesta pesquisa e confere aderência ao objetivo deste estudo.

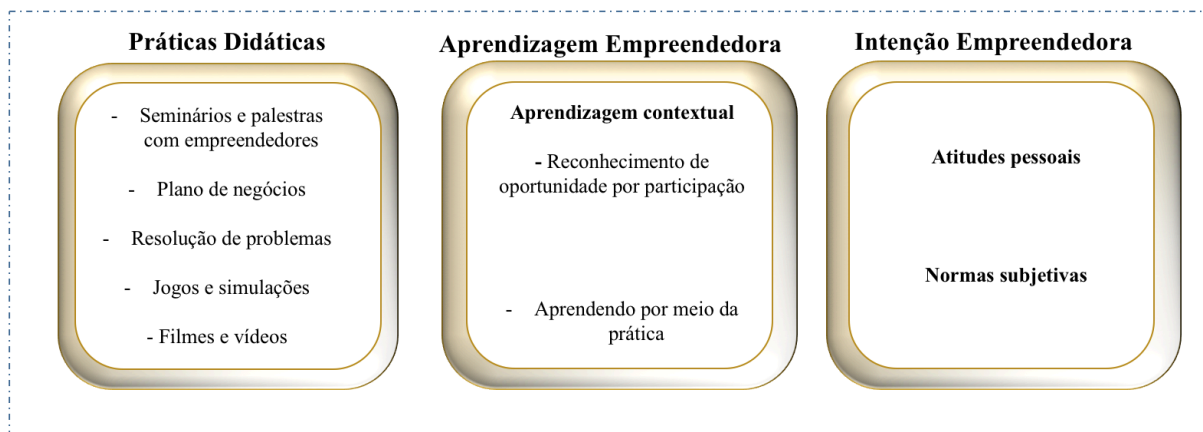
O segundo quadro de referência refere-se à perspectiva do processo de aprendizagem empreendedora, de Rae (2004). Esta temática também confere aderência ao objetivo deste

trabalho, no qual diferentes estratégias podem ser aplicadas; como em um grupo específico de indivíduos, alunos e professores de uma instituição de ensino superior.

O terceiro quadro de referência para a definição das categorias de análise a priori refere-se à perspectiva, de Liñán e Chen (2009), especificamente em relação ao construto *Intenção Empreendedora*.

A partir destes três quadros de referência (QUADRO 2), apresenta-se o Quadro 3, com as categorias de análise a priori adotadas, as quais foram definidas com base no objetivo deste estudo e no suporte teórico adequado sobre cada um dos construtos aqui analisados.

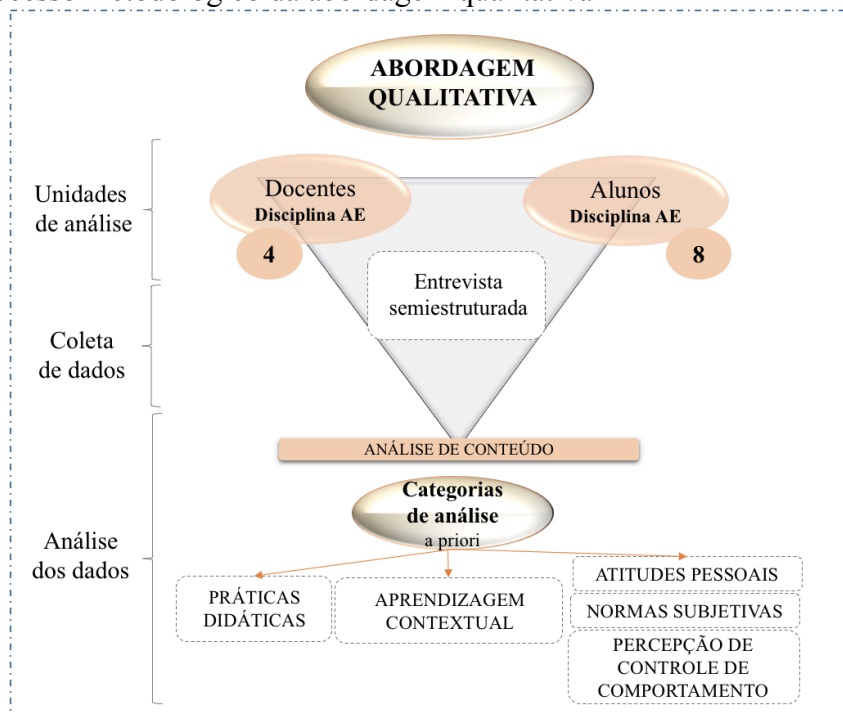
Quadro 3 – Quadros de categorias de análise a priori



Fonte: Elaborado pela autora com base em Rocha e Freitas (2014), Rae (2004) e Liñán e Chen (2009).

Com o objetivo de ilustrar o exposto, na Figura 5 apresenta-se o processo metodológico da abordagem quantitativa.

Figura 5 - Processo metodológico da abordagem qualitativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Em função da complexidade dos temas abordados neste estudo, acredita-se que a adoção de diferentes enfoques metodológicos e de diferentes técnicas e procedimentos de análise, são estratégicos e conferem maior fidedignidade para este tipo de estudo. Para Günther (2006), unir as duas abordagens metodológicas garante rigor, riqueza e complexidade ao trabalho. Nesse sentido, apresenta-se a seguir, a abordagem quantitativa utilizada nesta pesquisa.

5.1.2 Abordagem quantitativa

A presente sessão expõe a população e amostra, a coleta de dados e a análise dos dados da abordagem, finalizando com uma figura que ilustra todo o processo metodológico proposto para a abordagem quantitativa.

5.1.2.1 População e amostra

Atualmente a instituição de ensino investigada possui 56 alunos matriculados regularmente na disciplina de Atitude Empreendedora, distribuídos em três cursos de graduação.

Tabela 1 – Disciplinas Atitude Empreendedora

Disciplina	Curso	Campus	Nº de alunos
Atitude Empreendedora para Controle de Automação	Engenharia de Controle de Automação	UFSM	16
Atitude Empreendedora na Estatística	Estatística	UFSM	9
Atitude Empreendedora para Ciências Ambientais	Engenharia Sanitária e Ambiental	FW	17
TOTAL	-	-	42

Fonte: UFSM (2017).

5.1.2.2 Coleta dos dados da abordagem quantitativa

Na perspectiva quantitativa adotada para atingir o terceiro objetivo específico proposto, empregou-se o instrumento *Questionário de Intenção Empreendedora (QIE)* (LIÑÁN; CHEN, 2009), composto por 20 questões divididas em 3 blocos: Atitudes pessoais, Normas Subjetivas e Percepção de Controle e Comportamento. Em função da adequabilidade do referido instrumento para o contexto em que foi utilizado, destaca-se que a escala *likert* original do Questionário de Intenção Empreendedora, foi adaptada de 7 para 5 pontos.

Resgatando-se a perspectiva demonstrada no capítulo 3 – Intenção Empreendedora -, ressalta-se que o QIE se refere à um instrumento validado no Brasil por Souza (2015).

A aplicação ocorreu em sala de aula, seguindo um cronograma previamente estipulado, onde foram registrados os horários e salas de cada turma, buscando evitar que um indivíduo responda aos instrumentos duplicadamente. Ao adentrar às salas de aula os estudantes foram convidados a participar da pesquisa e foi disponibilizado um período de tempo para que os interessados pudessem responder os instrumentos. Os questionários então foram recolhidos e posteriormente tabulados e analisados.

A coleta quantitativa ocorreu em dois momentos, sendo o primeiro no início do semestre letivo (Coleta A), em setembro de 2017, com os alunos que cursam das disciplinas de Atitude Empreendedora e o segundo momento ao final da referida disciplina (Coleta B), em dezembro de 2017, conforme pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 – Relação dos dados coletados na etapa quantitativa

Código	Disciplina	Curso	Coleta A	Coleta B
1	Atitude Empreendedora para Controle de Automação	Engenharia de Controle de Automação	13	16
2	Atitude Empreendedora para Ciências Ambientais	Engenharia Sanitária e Ambiental	12	17
3	Atitude Empreendedora na Estatística	Estatística	9	9
-	TOTAL	-	34	42

Fonte: Elaborado pela autora.

5.1.2.3 Análise dos dados da abordagem quantitativa

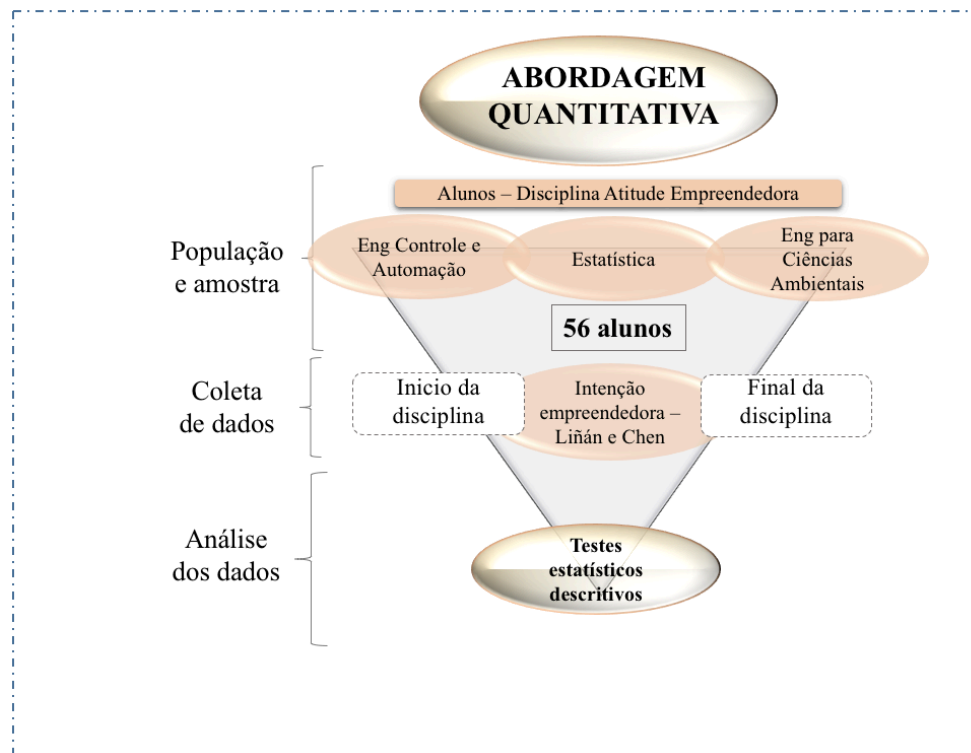
Quanto à perspectiva quantitativa, após o processo de tabulação e codificação dos dados, obtidos por meio dos questionários validados, realizado em uma planilha Excel® (Office 2016), foi realizada uma conferência, com o objetivo de verificar possíveis erros de digitação. Para tratamento e análise dos dados coletados empregou-se testes estatísticos, utilizando o software *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS® versão 23. Nessa ocasião foram analisado quantitativamente e explorado os dados do modelo proposto por Liñán e Chen (2009).

Foram calculadas as mínimas, máximas, médias, e o desvio padrão de cada dimensão e construtos estudados.

Com a finalidade de estabelecer a relação entre as médias, também foram propostas as comparações entre os fatores do QIE e gênero.

Na Figura 6 apresenta-se os procedimentos da abordagem quantitativa.

Figura 6 - Processo metodológico da abordagem quantitativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Vergara (2012) destaca que pesquisas quantitativas têm como propósito identificar a relação entre variáveis, caracteriza-se pela objetividade, pelos critérios probabilísticos para a seleção das amostras, pelos instrumentos estruturados de coleta, pelas técnicas estatísticas para o tratamento dos dados e pela busca pela generalização dos resultados. A autora faz o contraponto com as pesquisas qualitativas, que contemplam a subjetividade, a descoberta, com amostras intencionais, dados coletados por meio de técnicas pouco estruturadas, tratados por meio de análises de cunho interpretativo, sem generalização de resultados. “Assumir que esses métodos podem ser vistos como complementares, ao invés de rivais, traz à tona a ideia da triangulação” (VERGARA, 2012, p. 242).

5.3.1 Triangulação

Segundo Maxwell (1996), a triangulação reduz o risco de que a conclusão de um estudo reflita viés ou limitações próprios de um método escolhido, conduzindo assim a conclusões mais credíveis. Para Yin (2016), conclusões que se baseiam na triangulação dos dados de diversas fontes aumentam a credibilidade e confiabilidade do estudo.

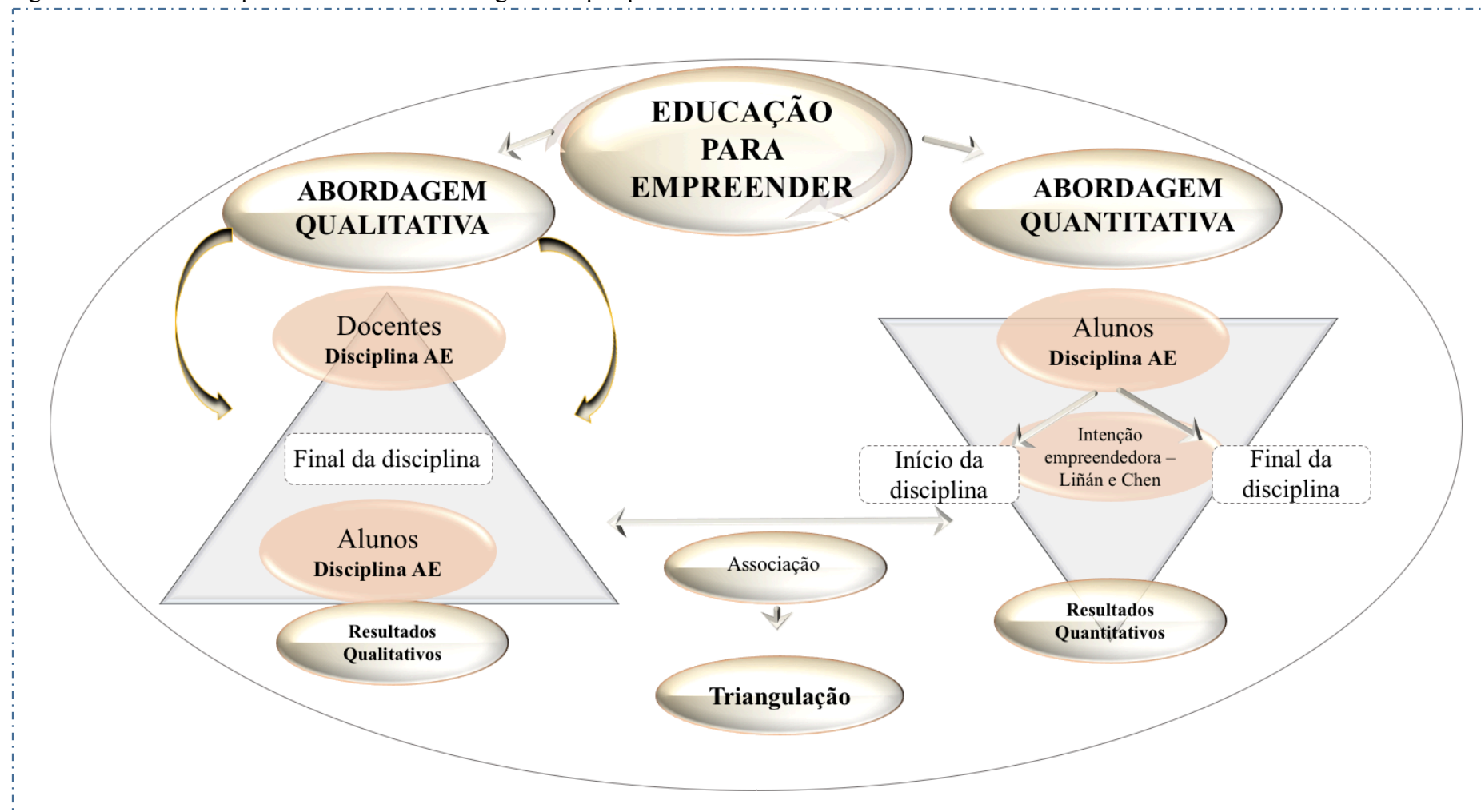
O termo triangulação é originário da navegação e da estratégia militar, visando determinar a exata posição de um objeto a partir de diversos pontos de referência. No âmbito das ciências sociais, “a triangulação pode ser definida como uma estratégia de pesquisa baseada na utilização de diversos métodos para investigar um mesmo fenômeno” (VERGARA, 2012, p. 242).

De forma sucinta, Vergara (2012) afirma que a triangulação pode ser vista a partir de duas óticas: uma que contribui com a validade de uma pesquisa, e como uma alternativa para a obtenção de novos conhecimentos, através de novos pontos de vista. Por meio da triangulação podem se estabelecer ligações entre descobertas obtidas pelas diferentes fontes de coleta, ilustrá-las e torná-las mais compreensíveis, conduzindo a paradoxos, proporcionando nova direção aos problemas emergidos no estudo (DENZIN, 1978; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Para Denzin (1978) e Patton (2002) a triangulação pode ser: das fontes de dados (triangulação de dados); entre os diferentes avaliadores (triangulação do investigador); de perspectivas para o mesmo conjunto de dados (triangulação da teoria); e dos métodos (triangulação metodológica). Morse (1991) também propõe o emprego da expressão “triangulação simultânea” para o uso ao mesmo tempo de métodos quantitativos e qualitativos; como proposto pelo presente estudo.

No intuito de promover uma visão ilustrativa e para contribuir para a compreensão dos procedimentos metodológicos do estudo, apresenta-se a figura síntese (Figura 7) e a matriz de amarração (Quadro 4).

Figura 7 – Síntese dos procedimentos metodológicos da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Matriz de amarração da pesquisa

Objetivos da pesquisa		Fundamentação Teórica	Pontos de Investigação (Questões de pesquisa)	Unidades de análise/ Amostra	Coleta dos dados	Análise dos dados
Geral	Específicos					
Analisar o processo de educação empreendedora, considerando-se suas metodologias e práticas na perspectiva da aprendizagem empreendedora, e sua influência no desenvolvimento da intenção empreendedora em alunos de graduação de uma instituição de ensino superior.	- Identificar metodologias e práticas de ensino aplicadas na disciplina Atitude Empreendedora;	-Educação Empreendedora	Quais as metodologias e práticas de ensino aplicadas no processo de aprendizagem na disciplina de Atitude Empreendedora?	Unidades de análise: - Professores ministrantes da disciplina AE	Para alunos - no início da disciplina AE: - Questionário de Intenção Empreendedora (QIE - Linán e Chen).	Para os alunos: -Análise de Conteúdo; - Tabulação e codificação dos dados; - Testes estatísticos com SPSS.
	- Mapear o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos de graduação (das disciplinas Atitude Empreendedora da UFSM);	- Aprendizagem Empreendedora	Qual o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos?		Para alunos - no final da disciplina AE:	
	- Identificar os níveis de intenção empreendedora dos alunos que cursaram a referida disciplina, no início e no final da mesma;	- Intenção Empreendedora	Quais são os níveis de intenção empreendedora de discentes?	Amostra:	- Entrevista semiestruturada.	Para os docentes: - Análise de Conteúdo;
	- Associar as metodologias e práticas aplicadas a partir da educação empreendedora aos níveis de intenção empreendedora e ao processo de aprendizagem empreendedora após a realização da disciplina.	- Educação, aprendizagem e intenção empreendedoras	Existe associação entre as metodologias e práticas aplicadas a partir da educação empreendedora aos níveis de intenção e ao processo de aprendizagem empreendedora?	- Alunos da disciplina AE	- Questionário de Intenção Empreendedora (QIE - Linán e Chen);	Para alunos e docentes: - Análise conjunta dos dados quantitativos e qualitativos; - Triangulação.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Telles (2001).

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados e analisados os resultados obtidos no estudo. No intuito de facilitar a compreensão destes resultados, optou-se por manter a divisão de etapas já exposta na sessão anterior, que são:

1. Análise da abordagem qualitativa;
2. Análise da abordagem quantitativa;
3. Triangulação dos dados.

6.1 ANÁLISE DA ABORDAGEM QUALITATIVA

Resgatando-se os passos de análise adotados, apresenta-se a seguir, em ordem de execução, a análise de cada um desses:

1. Realização das entrevistas;
2. Leitura flutuante;
3. Sumarização das entrevistas;
4. Protocolo de entrevistas
5. Aplicação da técnica de Análise de Conteúdo: categorial e de enunciação – definição das categorias de análise a priori

6.1.1 Realização das entrevistas

As entrevistas ocorreram a partir de contato prévio, por e-mail, com os docentes e alunos selecionados, momento em que foram apresentados os objetivos do presente estudo. Conforme já exposto nos procedimentos metodológicos da presente pesquisa, o critério de seleção dos entrevistados ocorreu por conveniência, uma vez que todos os docentes e alunos foram convidados para participar da entrevista. Nesse sentido, todos aqueles que retornaram positivamente, foram entrevistados. As entrevistas foram realizadas. As entrevistas foram realizadas individualmente a partir da aplicação do roteiro de entrevistas (Apêndices A e B), no mês de dezembro do ano de 2017 no campus da UFSM em Santa Maria e em Frederico Westphalen, no local de preferência do entrevistado e tiveram duração aproximada de uma hora. A relação dos entrevistados da pesquisa é exposta na Tabela 3.

Tabela 3 – Relação dos entrevistados da pesquisa

Código	Disciplina	Curso	Professores Entrevistados	Alunos Entrevistados
1	Atitude Empreendedora para Controle de Automação	Engenharia de Controle de Automação	1	4
2	Atitude Empreendedora na Estatística	Estatística	1	2
3	Atitude Empreendedora para Ciências Ambientais	Engenharia Sanitária e Ambiental	2	2
-	TOTAL	-	4	8

Fonte: Elaborado pela autora.

6.1.2 Leitura flutuante

Após a transcrição das entrevistas aplicou-se a técnica de leitura flutuante que proporcionou o conhecimento prévio dos textos. Para Richardson (2011) esta técnica viabiliza o conhecimento prévio do material coletado, as primeiras orientações e impressões a respeito das mensagens dos documentos. A partir da leitura flutuante iniciou-se a construção do protocolo de entrevistas.

6.1.3 Sumarização e categorização das entrevistas

Posterior à leitura flutuante, as transcrições foram sumarizadas e categorizadas, visando facilitar a análise qualitativa dos dados, tendo por base os objetivos da pesquisa, e os quadros de referência adaptados de Rocha e Freitas (2014), Rae (2004) e Liñán e Chen (2009).

6.1.5 Protocolo de entrevistas

Segundo Minello (2014) o protocolo de entrevistas refere-se a uma sequência de quadros que sintetizam os aspectos mais importantes da entrevista, extraídos para organizar os dados de forma mais adequada e coerente em relação aos objetivos a que se propõe. Nesta ferramenta, são expostos um panorama geral, respeitando à divisão de sessões utilizadas no roteiro de entrevistas a nomear: dados complementares de suporte, composto por idade/sexo e formação profissional; história de vida que contempla atividade dos pais e valores transmitidos por eles, fatos marcantes da vida e sua posição quanto a ser empreendedor e/ou

inovador. Em seguida as práticas didáticas utilizadas na disciplina de Atitude Empreendedora que inclui os fatores que fizeram o indivíduo ministrar (docente) ou cursar (aluno) a disciplina, a descrição das atividades realizadas, sua percepção sobre as mesmas e resultados percebidos. A terceira sessão contempla o processo de aprendizagem, no sentido de conhecimentos aprendidos durante a disciplina, mudanças pessoais e habilidades desenvolvidas. Por fim, intenção empreendedora, aborda comportamentos necessários para profissionais da respectiva área do entrevistado, auto avaliação frente às atividades propostas na disciplinas e reflexão sobre a pressão social para escolha da área de atuação.

O protocolo de entrevistas é apresentado no Quadro 5 e foi essencial para a análise dos dados, contribuindo de maneira eficiente para a realização da análise de conteúdo e da triangulação.

Quadro 5 - Protocolo de entrevistas

(continua)

Entrevistado	Dados comp. de suporte	História de vida		Práticas Didáticas	Aprendizagem Empreendedora	Intenção Empreendedora		
	Idade/ Sexo, Formação prof.	Atividade dos pais e valores	Empreendedor / inovador	Práticas	Conhecimentos ministrados/ adquiridos	Modelos de referencia	Atitudes Pessoais *	Normas Subjetivas **
D01	56 anos Engenheiro eletricista UFSC	Pai: militar Mãe: prof. Estadual Valores de ética, responsabilidade e compromisso com a verdade	Ambos	Cases de alunos e ex alunos; Metodologias de modelagem de negócios	Modelagens de negócios: canvas design thinking, plano de negócios	Espírito de equipe, saber ouvir, delegas e cumprir tarefas	Diversidade de perfis dos alunos	Exigência de um título e não profissão
D02	43 anos Estatístico UFRGS	Pai e mãe microempresários Valores de certo e errado	Ambos	Podcasts e vídeos; Grupo de pesquisa; Brainstorm; Poker;	Ser social e não social	Mente investigativa, persistência e perseverança	Foram colaborativos	Não se aplicou
D03	38 anos Engenharia de alimentos URI	Pai: bancário Mãe: dona de casa Persistência, comprometimento	Empreendedor	Gestão de resíduos; Café conversa	Planejamento estratégico, desenvolvimento pessoal	Ética, postura profissional	Positiva, houve desenvolvimento dos alunos	Não percebe pressão

* Percepção de comportamento

* Pressão social

(continuação)

Entrevistado	Dados comp. de suporte	História de vida		Práticas Didáticas	Aprendizagem Empreendedora	Intenção Empreendedora		
	Idade/ Sexo, Formação prof.	Atividade dos pais e valores	Empreendedor/ inovador	Práticas	Conhecimentos ministrados/ adquiridos	Modelos de referencia	Atitudes Pessoais*	Normas Subjetivas**
D04	42 anos Bióloga UFSM	Pai: funcionário público Mãe: dona de casa Humildade, respeito e educação	Empreendedor	Palestras Sensibilização e gerenciamento de resíduos	Equipe, liderança cooperação	Ter conhecimento e atitude	Nota próxima a 10	-
A01	21 anos Eng. Sanitária e ambiental UFSM	Pai: aposentado pela prefeitura Mãe: doméstica Persistência	Ambos	Sensibilização para descarte de resíduos sólidos Premio amigo do meio ambiente	Sensibilização, Buscar, ir atrás	Solucionar problemas	Empreended ora	Pressão para escolher o curso.
A02	21 anos Agronomia UFSM	Pai: Bombeiro Mãe: Técnica em enfermagem	Inovador	Sensibilização do descarte para os técnicos admin. Palestras	Planejamento Senso crítico	Ético	Evoluiu ao longo da disciplina	Não percebe pressão.

* Percepção de comportamento

** Pressão social

(continuação)

e	Dados comp. de suporte	História de vida		Práticas Didáticas	Aprendizagem Empreendedora	Intenção Empreendedora		
	Idade/ Sexo, Formação prof.	Atividade dos pais e valores	Empreendedor / inovador	Práticas	Conhecimentos ministrados/ adquiridos	Modelos de referencia	Atitudes Pessoais*	Normas Subjetivas**
A03	31 anos Estatística UFSM	Pai: empresário Mãe: dona de casa	Empreendedora	Vídeos sobre empreended. Brainstorm Poker	Estratégia Visão	Visão	Atitude proativa	Percebe pressão
A04	24 anos Eng. De Controle e Automação UFSM	Pai: funcionário público Mãe: professora do estado	Inovadora	Dinâmicas para avaliar o perfil empreendedor, Palestras, Plano de negócios	Proatividade Tomar riscos	Honestidade, Ética, Humanização	Em evolução	Percebe pressão
A05	28 anos Administração e Estatística	Pai: Veterinário e nutricionista Mãe: Farmacêutica e nutricionista Persistência	Ambos	Vídeos Poker	Inovação	Motivação, busca de oportunidade	Positiva pois experimentou	não percebe pressão para empreender

* Percepção de comportamento

** Pressão social

(conclusão)

Entrevistado	Dados comp. de suporte	História de vida		Práticas Didáticas	Aprendizagem Empreendedora	Intenção Empreendedora		
	Idade/ Sexo, Formação prof.	Atividade dos pais e valores	Empreendedor/ inovador	Práticas	Conhecimentos ministrados/ adquiridos	Modelos de referencia	Atitudes Pessoais	Normas Subjetivas
A06	25 anos Engenheiro de controle e automação UFSM	Pai: agricultor Mãe: Bancaria Valores de ética	Ambos	Palestras Plano de negócios	Liderança Motivação	Desenvolver plano de negócios Liderança	Positiva, deu a ideia de produto para plano de negócios	Não percebeu pressão
A07	23 anos Engenheiro de controle e automação UFSM	Pai: Bancário Mãe: Terapeuta Valores de necessidade de conhecimento	Ambos	Canvas Plano de negócios	Iniciativa Perdeu o modo de falar com pessoas diferentes	Inovador capaz de aprender coisas novas	Não se importou	Não sente pressão
A08	23 anos Engenheiro de controle e automação UFSM	Pai: professor Mãe: professora Valores de certo e errado	Ambos	Canvas Plano de negócios	Visão de mercado	Ter postura Visão,	Está sendo empreendedor	Não percebe pressão

Fonte: elaborado pela autora, baseado em Minello (2014).

6.1.5 Aplicação da técnica de Análise de Conteúdo: categorial e de enunciação

Na fase de interpretação dos dados, para Bardin (2014), o pesquisador deve retornar ao referencial teórico, procurando embasar as análises dando sentido à interpretação. A partir dos relatos extraídos buscou-se destacar os principais aspectos relacionados às práticas didáticas da disciplina Atitude Empreendedora, o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos sua intenção empreendedora, mantendo-se sempre a perspectiva do entrevistado. Assim, expõe-se a seguir, a análise das categorias definidas a priori.

6.1.5.1 Análise das categorias definidas a priori

Definidas a partir do enfoque da abordagem teórica adotada e dos objetivos propostos para este estudo, as categorias de análise definidas a priori, consiste na classificação dos elementos constitutivos das falas, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamentos segundo critérios previamente definidos (BARDIN, 2014). Resgatando-se as categorias definidas a priori, ou seja, a partir do arcabouço teórico apresentado - (1) Práticas Didáticas e (2) Aprendizagem Empreendedora (3) Intenção Empreendedora - a seguir apresenta-se sua análise:

(1) Práticas Didáticas

A literatura nacional e internacional sobre a concepção de práticas didáticas empreendedoras é heterogênea, composta por divergentes opiniões sobre o uso de diversas práticas pedagógicas, tais como aulas expositivas, plano de negócios, casos de ensino, visita a empresas, atividades em grupo, entre outras (HENRIQUE; CUNHA, 2008; ARASTI; FALAVARJANI; IMANIPOUR, 2012; SILVA; PENA, 2017). Para Knotts (2011), esta diversidade de opções pedagógicas é fruto da flexibilidade que permeia a educação empreendedora, a qual propõe a utilização de variados métodos de ensino, a fim de que estes, em conjunto, possam desenvolver diversas habilidades e técnicas empreendedoras nos estudantes por meio de experiências práticas.

Segundo Yusoff, Zainol e Ibrahim, (2015) a transformação do indivíduo por meio de práticas didáticas empreendedoras deve centrar-se em um currículo baseado no conhecimento por meio de métodos e práticas, como palestras, workshops e casos para ensino, integrado à oportunidade de os alunos executarem os projetos propostos e aprenderem através da

observação, experiência e/ou descoberta, por meio de métodos como simulações, jogos e plano de negócios.

Nesse sentido, com relação a este estudo, os docentes que planejaram e ministraram as disciplinas de Atitude Empreendedora dos cursos de graduação investigados na UFSM, pautaram o desenvolvimento das atividades de aula, a partir de diferentes enfoques e práticas, como pode ser observado nos trechos da fala de D01, D02, D03 e D04.

Quadro 6 – Categoria “práticas didáticas”

Ent.	Trechos dos relatos
D01	“...a gente trabalhou com dois focos nesse semestre. Um foco é trazer cases de alunos e ex-alunos empreendedores que tiveram ou sucesso ou insucesso pra falar, fazer seu relato da sua experiência, no sentido que isso possa ser um estopim de motivação para os alunos e mostrar à eles que eles também podem criar, também podem avançar na sua concepção de negócio. E, um outro aspecto que a gente trabalhou também ao longo do semestre foi em diferentes metodologias de modelagem de negócios, com design thinking, canvas, e o próprio plano de negócios.”
D02	“...através do Gabriel Goffi, que eu fui ver como o poker tem a ver com empreendedorismo e a gente lançou o Clube de Poker na Estatística. A ideia do torneio É usar o poker como uma ferramenta de incentivo ao estudo do cálculo de probabilidades, porque o poker tem isso, então, baseado nas cartas que tu tem, na condição da mesa, na condição das apostas, tu tem várias condições e tu tem que avaliar pra calcular as probabilidades.”
D03	“Então, a gente sempre pensou assim todo o semestre um projeto, que eles pensem num projeto e executem né, e tenha execução, eles mesmos pensem toda essa logística, tudo isso, né. Pensando na gestão de resíduos do campus a gente finalizou com o café conversa dois e três que foi com os alunos da casa do estudante, as duas casas e com os técnicos administrativos. Então culminou que a gente conseguiu lixeirinhas, adesivos, tu pode ver no coisa assim, com doação, ficou bem bonitinho, aí surgem muitas ideias né que provavelmente vai continuar.”
D04	“nós falamos sobre o conteúdo que eu ministrei, no final da aula eu fiz uma espécie de uma pergunta, na primeira aula, geral, sobre o assunto, as opiniões dele, eu queria, além da discussão que foi levantada em aula, eu queria que cada um baixasse a cabeça e escrevesse do seu jeito, sobre a ética, sobre as relações entre os seres humanos, o que é trabalho em grupo, o que é trabalho em equipe, como que a gente trabalha cooperando com o outro, então eles fizeram uma espécie de texto dissertativo, foi dado e eles me entregaram.”

Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatos dos entrevistados.

A adoção das referidas práticas pode se somar às estratégias para o desenvolvimento da educação empreendedora em uma instituição de ensino que busca promover o comportamento empreendedor de seus alunos. Esse tipo de processo educacional demanda diferentes abordagens, algumas, das quais, ainda sequer foram criadas (OLIVEIRA; BARBOSA, 2014). No entanto, no entendimento desses autores, não basta apenas introduzir práticas ou propostas denominadas de “modernas”; faz-se necessário adequá-las às demandas e peculiaridades dos interessados, ou seja, dos próprios estudantes.

Para Lopes (2010) a educação empreendedora é diferente do ensino tradicional por se calcar mais na atividade do próprio aluno, em uma forma mais experiencial, prática e contextualizada no mundo real, que incentive o pensamento crítico e a análise, preparando-o para lidar com incertezas e com a falta de recursos, típica do início de um empreendimento, projeto ou nova frente de atuação. Uma formação que compreenda estas características, para Henrique e Cunha (2008), requer uma adaptação dos conteúdos e práticas didático-pedagógicas, que sintonizem de forma mais apropriada aos seus objetivos, não utilizando apenas métodos comuns de transmissão de conhecimentos, oriundos do ensino tradicional.

Esta associação de diferentes técnicas e métodos foram utilizadas nas disciplinas de Atitude Empreendedora da UFSM e isso pode ser constatado nos trechos das falas dos alunos A01, A03 e A04:

“Tinha aula e tinha o projeto. Sobre atitude empreendedora, sobre empreender, sobre o profissional que empreende e como que a gente tinha que ser no mercado de trabalho né, quanto empreendedor. Bem bacana. Na verdade eles não puxaram pra área ambiental. Eles consideraram importante a área ambiental, mas também de, fizeram uma geral de tudo, empreendedor em todas as áreas, no caso.” (A01)

“...Aí eu fui e ele começou a contar como é que seria. Aí o professor me falou assim: que ele tinha interesse de conseguir fazer um evento de torneio de poker mas ele não conseguia aí eu fiquei pensando: eu vim de relações públicas, lá você vai criar toda a dinâmica do evento, eu to ali de presidente do Diretório Acadêmico, acabou coincidindo, ãã eu vou fazer porque é uma coisa que vai pelo diretório acadêmico, e eu já tenho uma experiência lá de RP lá dos dois primeiros semestres eu posso ajudar ele então a tirar isso do papel que era o que eu queria.”(A03)

“No início a gente fez umas dinâmicas para avaliar nosso perfil empreendedor, em seguida, nós fizemos uma dinâmica pra criar uma equipe de uma empresa digamos assim, que era os grupos que nós tínhamos em aula né, em seguida fizemos um pitch, 2 min. e meio aí depois do CANVAS, plano de negócio, algumas aulas sobre plano de negócios... Bom, vimos todos os passos para o plano de negócios, aí a gente fez uma pequena apresentação depois pra ver como tava indo nosso plano de negócios conforme a gente ia escrevendo sobre as empresas né. Depois, fizeram uma viagem para o polo de empreendedorismo na PUC em Porto Alegre.” (A04)

Mesmo com a diversidade de técnicas didáticas empreendedoras, algumas são mais intensamente defendidas na literatura. Schaeffer e Minello (2016) fazem uma revisão teórica e destacam as principais práticas adotadas em sala de aula para o desenvolvimento da educação empreendedora, umas delas refere-se à seminários e palestras com empreendedores. Segundo Rocha e Freitas (2014), essa prática é muito utilizada e adequada para o desenvolvimento dos indivíduos. Isso ocorre, visto que a transferência de conhecimentos a partir das experiências de vida dos empreendedores, inserindo sucessos e fracassos ocorridos durante a sua trajetória revela-se como uma rica ferramenta de incentivo aos alunos (ROCHA; FREITAS, 2014; SILVA; PENA, 2017).

Esta técnica foi adotada pelos professores das disciplinas de Atitude Empreendedora nos cursos de Engenharia de Controle e Automação (1) e Engenharia Sanitária e Ambiental (3). Na disciplina 1, o docente convidou especialistas para orientar os alunos nas seções de um plano de negócios, visto que empreender para negócios foi um dos focos da mesma. Já na disciplina 3, os seminaristas eram, geralmente, empresários da comunidade e sua atuação para com os alunos objetivava incentivar, motivar e despertar para empreender em qualquer profissão.

Ressalta-se que o emprego da técnica didática de palestras e seminários com empreendedores pode resultar em um processo de aprendizagem empreendedora, visto que esta, conforme Rae e Carswell (2000), origina-se partir de experiências práticas pessoais e experiências práticas de outras pessoas. Além disso, Fiet (2000b) afirma que a eficiência dos métodos didáticos utilizados pelos professores está diretamente relacionada à aprovação dos mesmos pelos alunos. Segundo o autor, obter a aprovação dos alunos para determinada abordagem de ensino é importante visto que qualquer sistema de aprendizagem funcionará melhor se houver comprometimento das duas partes (FIET, 2000b).

Por essa razão, a aquisição de novos conhecimentos por meio da observação do comportamento e das ações de outros indivíduos revela-se, conforme destacado nos trechos de fala a seguir, uma rica ferramenta; visto que obteve retorno positivo tanto de quem a aplicou, os docentes (D04), quanto daqueles que assistiram, os alunos (A02 e A06), conforme exposto.

“a parte que eu tenho que ministrar e na aula seguinte eu trago um palestrante, que seja da cidade, no semestre, esse agora que tá encerrando eu trouxe um senhor que é comerciário e foi fantástico, porque eu tinha falado sobre competição, cooperação, ética no trabalho e ele veio e fez o fechamento da disciplina, ele falou sobre a empresa, o relacionamento com os funcionários, o relacionamento das pessoas que competem dentro da empresa, **eu acho que os alunos gostaram bastante, porque eles vieram depois da aula comentar, né?**” (D04)

“Teve palestrante e ele falou um pouquinho sobre historia de vida dele, sobre o... a... parte da firma dele que ele tem tipo moveis se eu não to enganado e daí também teve uma aula como uma psicóloga, mas isso aí é mais coisa teórica foi alguma coisa assim sobre relacionamento pessoal... hã... no nosso também no nosso café com conversa teve participação do responsável sobre coleta de resíduos do campus do resíduo tóxicos então acho que **foi o ponto bem gratificante pra nós...** (A02)

“Primeiro teve varias palestras com monte de pessoas empreendedoras... e... eles contavam a historia de vida deles né e tudo. Pra gente ter uma ideia e depois... teve uma aula que dai ele pediu: Bom agora vocês tem que criar uma empresa dizer o nome dela... hã... o que vocês vão fazer e a partir dessa aula a gente foi desenvolvendo mecanismos né... fazer todo o plano de negócios da empresa. Então durante essas aulas, por exemplo, veio uma pessoa que sabia sobre o conteúdo, uma pessoa tipo de fora, de uma empresa né explicar como se faz tal... tal ferramenta né,

dai depois a gente tinha que aplicar ela dai no final a gente teve que apresentar o nosso plano de negócios do trabalho, **foi bem legal..**” (A06)

Além disso, resgatando-se o trecho de fala do entrevistado D01 do Quadro 7 (pag. 63), destaca-se que uma abordagem similar à seminários e palestras com empreendedores foi adotada pelo referido docente da disciplina, no momento em que este trouxe alunos e ex-alunos para depor a respeito da sua experiência. Dada a proximidade dos alunos ouvintes para com àqueles que estão expondo seus relatos, a adoção desta prática pode despertar nos alunos sentimentos de identificação, diferentes daqueles estimulados por empresários e empreendedores.

Recurso didático adotado pelo professor da disciplina de Atitude Empreendedora na Estatística e que obteve resultados similares aos àqueles apontados na técnica de Seminários e palestras com empreendedores, foi a utilização de *podcasts* e apresentação de vídeos. Este recurso educacional, segundo Carvalho (2009), tem como principal vantagem o “estudo móvel” e a inserção de ferramentas da Web no dia a dia das salas de aula. A partir dessa perspectiva os *podcasts* e vídeos da internet são uma alternativa que, junto com outras práticas e as aulas presenciais, pode aumentar a efetividade da aprendizagem (MOURA; CARVALHO, 2017).

A utilização desta metodologia é explicitada nos trechos das falas de D02, A03 e A05, que participaram da referida disciplina:

“Eu tentei trabalhar com os alunos uns artigos, passando pra eles material de leitura, mas eu vi que eles dedicam nada de tempo pra isso. Se tu passar uma leitura pra eles fora do período de aula, a maioria não lê se for extenso, se for curto, alguns leem e usar sala de aula pra fazer leitura fica um pouco monótono. Hoje em dia os alunos estão mais voltados a ouvir Podcasts, na internet, e assistir vídeos. Então é uma coisa que tu consegue manter um aluno focado, se tu passar esse tipo de material. Na parte teórica, então, o que a gente faz é, vou dizer assim, 80% baseado em talks, né.. talks gravados de.. Então ao invés de trazer gente, você pega uns talks gravados né, em vídeos em TEDs, Youtube.” (D02)

“Atividades que foram realizadas, ele passou diversos vídeos sobre empreendedorismo do Gabriel Goff, e daquele outro que eu esqueço sempre o nome, deixa eu lembrar o nome dele... esqueci agora. Pra ver, eu acho que era pra tentar colocar os alunos na visão que ele tava tendo, porque é muito difícil você chegar aqui sobre empreendedorismo, uma coisa que você não consegue saber se você nunca teve contato na vida. Aí no fim, com tantos vídeos que ele passou, e foi construindo o que ele queria passar pra nós, as pessoas passaram a enxergar...” (A03)

“Bom, ele... a gente viu bastante vídeos de, fez algumas coisas em cima desses vídeos do Murilo Gunn, do Gabriel Goffi, principalmente, mas ele também mostrou de outros que agora não me recordo o nome mas sempre, que são caras assim que tu vê que eles tem uma questão inovadora muito grande, que eles sempre tão buscando

inovar. Então eu diria que, sempre puxou mais pro lado dessa questão de buscar fazer algumas coisas, práticas, buscar inovação, buscar não ficar estagnado.” (A05)

Outra ferramenta muito utilizada para desenvolvimento do processo de aprendizagem empreendedora é a metodologia de resolução de problemas. Na visão de Friedlander (2004), ensinar técnicas para resolução de problemas permite que os estudantes desenvolvam a capacidade de questionar e ir atrás de respostas, de aprender a aprender, de construir a partir das próprias perspectivas, de saber selecionar as informações, processá-las e aplicá-las de modo adequado às adversidades de situações em que estão expostos.

Esta técnica foi empregada nas disciplinas de Atitude Empreendedora dos cursos de Estatística (2) e Engenharia Sanitária e Ambiental (3). Para a disciplina 2, a ferramenta de resolução de problemas foi adaptada para ser utilizada como vetor de pesquisa para um grupo de pesquisa criado e dirigido pelos alunos da disciplina. Estes levantaram o problema a ser pesquisado e sugeriram uma pesquisa que será realizada no semestre subsequente. Os alunos propuseram analisar o motivo das elevadas taxas de evasão de estudantes do curso de Estatística na UFSM. Ao final desta atividade, foi proposto um questionário a ser aplicado no próximo semestre. Nesse sentido, apresentam-se, a seguir, trechos das falas que ilustram tal prática:

“O projeto do laboratório de pesquisa, que foi um dos projetos que a gente criou com a disciplina. Basicamente é um treinamento pra eles conseguirem bolar uma pesquisa, assim como essa, de um tópico aleatório que eles vão descobrir qual que é. **A gente faz uma espécie de brainstorm** e então eles levantam um problema e começam a desenvolver questões sobre aquele tópico, botar isso no questionário e fazer uma pesquisa piloto...” (D02)

“**uma dinâmica de ideias que ele trabalhou depois de um vídeo**, que ele começou que ele pediu assim pra gente escrever em post-its, ãã o que que você via de problema no mundo? Você podia ser amplo, não precisava ser específico então você escrevia, o meu era sobre linguagem de programação então eu queria saber de tecnologia e como é que eu poderia trabalhar isso com as pessoas.” (A03)

Salienta-se, nos trechos de fala destacados de D02 e A03, para a utilização da técnica didática de *Brainstorming*. Esta prática estimula o desenvolvimento de princípios que, segundo Filippova, Trainer e Herbsleb (2017), permitem que grupos de indivíduos desenvolvam ideias inúmeras ideias, livre de pré-julgamentos, possibilitando que todos os integrantes possam contribuir.

Já na disciplina 3, os docentes que a ministraram, levantaram um problema da comunidade a ser solucionado pelos alunos. Este referiu-se ao gerenciamento e descarte dos

resíduos sólidos no campus da UFSM em Frederico Westphalen. A turma foi dividida em grupos, os quais trabalharam a sensibilização dos técnicos-administrativos responsáveis pelo descarte de resíduos da instituição (grupo a) e os estudantes moradores das casas de estudante 1 e 2 da UFSM-FW (grupo b). O grupo “a” reuniu os técnicos administrativos da universidade em um evento intitulado “café conversa”. Neste evento os técnicos foram abordados problemas para o correto descarte de resíduos sólidos. Um dos resultados foi a colocação de baldes reutilizados, doados por empresa de sorvetes da cidade, espalhados e etiquetados pelo campus, conforme exposto na Figura 8.

Figura 8 – Descarte de resíduos sólidos UFS-FW



Fontes: Alunos da disciplina AE-FW

Já o grupo “b” orientou os moradores para o correto descarte de resíduos sólidos e após isso, levantaram quem estava fazendo a atividade proposta corretamente e criaram um evento para premiar aqueles moradores que se destacaram, conforme exposto na Figura 9.

Figura 9 – Orientação e premiação da Casa do Estudante UFS-FW



Fontes: Alunos da disciplina AE-FW

Tais atividades podem ser também constatadas nas falas dos entrevistados D03, D04 e A01:

“Então eles foram divididos em três grupos e cada grupo bolou então, teve premiação pros alunos da casa do estudante, eles foram na casa visitar, depois eles foram visualizar quem fazia melhor, ganhou prêmios, então foi bem interessante assim, é... é bem motivador né isso porque eles mesmo bolam as estratégias, fazem o projeto e e e vem evoluindo muito aqui no nosso campus isso, então as pessoas, os outros professores, outros cursos visualizam essas ações né” (D03)

“então nós colocamos... vamos fazer a sensibilização e gerenciamento em resíduos sólidos aqui dentro do campus, porque... vamos começar por aqui, não adianta a gente querer começar com a comunidade, temos que começar com nós, então nossa proposta, ela foi muito interessante, porque nós desafiamos os alunos, dividimos as 19 pessoas em 3 grupos e essas pessoas tinham responsabilidades separadas.” (D04)

“Então eu trabalhei com o bloco B, e a gente realizou projetos, dinâmicas, até meu grupo fez até um evento pra premiar os apartamentos que melhor separavam resíduos e... a gente trabalhou todos juntos, todos incentivando os moradores dizendo “Ah, vamos separar o lixo certinho, corretamente porque precisa”. Uma questão de sensibilização. A gente aplicou um questionário em cada apartamento, pra ver se eles separavam e se eles não separavam os resíduos, porque? Que se faltasse coletores, se fosse por falta de coletoras, a gente ia disponibilizar, então as coletoras. E a maioria foi por falta de coletoras, sabe.” (A01)

Outro recurso muito utilizado nos últimos anos para o desenvolvimento de educação empreendedora refere-se ao plano de negócios. Para Dornelas (2015) a criação desse documento é uma prática fundamental durante o processo de educação empreendedora, visto que o aluno aprende a elaborar um plano detalhado sobre a sua ideia antes de colocá-la em prática. A utilização da mesma para o desenvolvimento do perfil empreendedor ocorre a partir da necessidade dos indivíduos em compreender, criar e desenvolver uma empresa (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014).

A metodologia de plano de negócios foi utilizada na disciplina AE 1 e percebe-se que a aplicação desta prática pode proporcionar aos alunos o incentivo necessário para a abertura de três novos negócios. Um desses empreendimentos é um aplicativo de acompanhamento de ônibus baseado na localização dos usuários (aplicativo *Buzee*), outro consiste em um dispositivo colocado no gado para controle de abigeato, e o terceiro é voltado para a eficiência energética e refere-se à ao controle de consumo de energia (*Lunix*).

Ressalta-se que este último, cujo plano de negócio foi gerado a partir da disciplina ganhou o primeiro lugar no Empreenda Santander 2k17, conforme ilustrado na Figura 10.

Figura 10 – Prêmio Empreenda Santander 2k17



The image shows a screenshot of a news article from the UFSM website. At the top left is the UFSM logo, which includes the text 'Universidade Federal de Santa Maria' and '1960'. To the right of the logo is the acronym 'UFSM'. Below the logo is a blue navigation bar with the following links: INSTITUCIONAL, CURSOS, BIBLIOTECAS, INGRESSO, and SERVIÇOS. Below the navigation bar is a breadcrumb trail: INÍCIO / NOTÍCIAS UFSM / UFSM É A GRANDE VENCEDORA DO PRÊMIO EMPREENDA SANTANDER 2K17. The main headline of the article is 'UFSM é a grande vencedora do prêmio Empreenda Santander 2k17'. Below the headline is the date '08/11/2017 18:45' and the classification 'Classificada em: Geral'. There is a photograph of three men in suits standing together. To the right of the photograph is the main text of the article, which states that UFSM won the 'Empreenda Santander 2k17' award in the 'Universitário Empreendedor' category. The text mentions that the award was presented on Wednesday (7th) at the Santander Theater, Vila Olímpia, in São Paulo. The project 'Lunix', led by academic Jader Stefanello and oriented by professor Hélio Hey, competed with more than 2,000 proposals from across the country. After three rounds of evaluation, four projects were selected for the final, and UFSM's project was chosen. The prize is R\$ 100,000. The student and professor will also participate in immersion courses in entrepreneurship and management at Babson College in the United States. Below the photograph and main text are two short paragraphs providing more details about the project and the award.

A UFSM conquistou o prêmio **Empreenda Santander 2k17**, na categoria **Universitário Empreendedor**, entregue nesta terça-feira (7), no Teatro Santander, Vila Olímpia, na capital paulista. O projeto **Lunix**, liderado pelo acadêmico Jader Stefanello e orientado pelo professor Hélio Hey, concorreu com mais de 2 mil propostas de todo o país.

Após três triagens, os avaliadores selecionaram quatro projetos para a final e, entre estes, escolheram o da UFSM. A premiação é de R\$ 100 mil. O estudante e o professor também participarão de cursos de imersão, respectivamente, nas áreas de empreendedorismo e gestão, na Babson College, nos Estados Unidos.

O projeto **Lunix** foi desenvolvido por Jader Stefanello e pelo colega Fernando Ferreira na disciplina de Atitude Empreendedora, do curso de Engenharia de Controle e Automação. A cadeira integra um rol de disciplinas de diferentes cursos de graduação voltadas para a formação empreendedora.

A proposta elaborada pelos acadêmicos da UFSM, conforme o professor Hélio Hey, objetiva a inteligência energética a partir do controle do consumo de energia tanto no âmbito industrial quanto residencial.

Fontes: Notícias UFSM 2017.

Tais atividades podem ser constatadas nos trechos dos entrevistados A06, A07 e A08.

“Meu trabalho foi a gente pensou em fazer... hã... um dispositivo pra colocar na... hã principalmente no gado né pra combater o crime de abigeato que é o roubo de gado que tem muito na região sul e centro-oeste que é onde que concentra a maior região de gado... daí a gente podia monitorar saber a posição do gado via radiofrequência, URF, então isso demanda um consumo bem menor, a gente poderia usar uma bateria e nosso produto ficaria mais ou menos do tamanho de uma carteira de cigarro assim e... isso tornou viável nosso projeto...” (A06)

“Aí, dessa ideia que a gente criou, que era uma, a gente tinha criado uma ideiazinha de um rastreamento por rádio frequência pra caminhões. E aí eu levei essa ideia para o professor, porque eu tava procurando um projeto para o meu, o meu integrador. Aí eu levei para um professor e comecei a discutir com ele, e ele falou “ah tem algumas falhas na tua ideia mas um tempo atrás eu tive essa ideia aqui” e aí era fazer rastreamento de ônibus usando o celular das pessoas que estão embarcadas, ao invés de um dispositivo GPS... Então a gente pula a concessionária e os próprios usuários que fazem o sistema funcionar. E aí essa é a ideia do projeto. Chama Buzee o projeto, que é o rastreamento de ônibus baseado na localização dos usuários.” (A07)

“A empresa surgiu da matéria AE do XX né. O XX deu bastante apoio, disse que gostou bastante da ideia, que a gente tinha dado ideia de gerenciamento da iluminação pública e privada. E, na primeira ideia, dada pelo Jader era um poste auto suficiente. Então era um poste que tivesse painel solar, então instalava ele num lugar isolado e ele funcionaria. A gente veio com essa ideia, só que daí veio a questãozinha de “ah a gente tem o mercado chinês, ta aí né”, a gente cria uma coisa e no outro dia aparece outra 10 vezes mais barato. Então, aí eu tive, finalmente

aquela ideia do click, aí eu tive esse click da base da empresa hoje que daí é esse sistema de gerenciamento. Que passou de ser um produto pra ser um sistema, um serviço, que serviço é mais difícil de tu querer copiar ou querer baratear.” (A08)

Outro método de ensino para a educação empreendedora é a utilização e estímulo ao aprendizado de determinados tipos de jogos. Esta atividade, para Mwasalwiba (2010) é uma prática que proporciona aos alunos desenvolver habilidades de criar estratégias, solucionar problemas, tomar decisões sob pressão, aprender pelos próprios erros, desenvolver tolerância ao risco e comunicação intra e intergrupais.

Na disciplina de Atitude Empreendedora 3, no curso de Estatística, o docente responsável inseriu o jogo de *poker* como prática didática. Segundo manual criado por Tandler e Carter (2011), esta atividade permite que seus jogadores desenvolvam capacidades de resolução de problemas, mente multifuncional, capacidade de controle de emoções, avaliar e assumir riscos, raciocínio lógico e planejamento. Especificamente para o curso de Estatística, o *poker* pode trazer muitos benefícios visto que além das habilidades já citadas, pode facilitar o aprendizado ao cálculo de probabilidade, base para o referido curso de graduação.

O relato dessa atividade pode ser observado nos trechos:

“Quanto tu deve apostar? Tu também tem que calcular, então no poker tem também essa questão. Tu tem que saber calcular a probabilidade de que tu tem de ganhar determinada mão, tem que calcular qual é o valor correto a apostar, apostar mais ou menos, tem exatamente a medida ideal, se tu souber fazer o cálculo de quanto tu deve colocar de ficha, tu tem que saber fazer o cálculo, não é simples. Então isso gera um, e é um esporte divertido, é um esporte mental oficializado pela Federação Nacional de Esportes da Mente, faz parte das Olimpíadas de Esportes de Mente. E tem, além da questão matemática, a questão da avaliação interpessoal, a questão da avaliação psicológica entre jogadores, então, o jogador de poker joga olhando a tua cara e o jogador não fica mais feliz se tiver um jogo bom, não fica mais triste se tiver um jogo ruim. Ele não pode manifestas essas coisas porque ele tá entregando o jogo dele.” (D02)

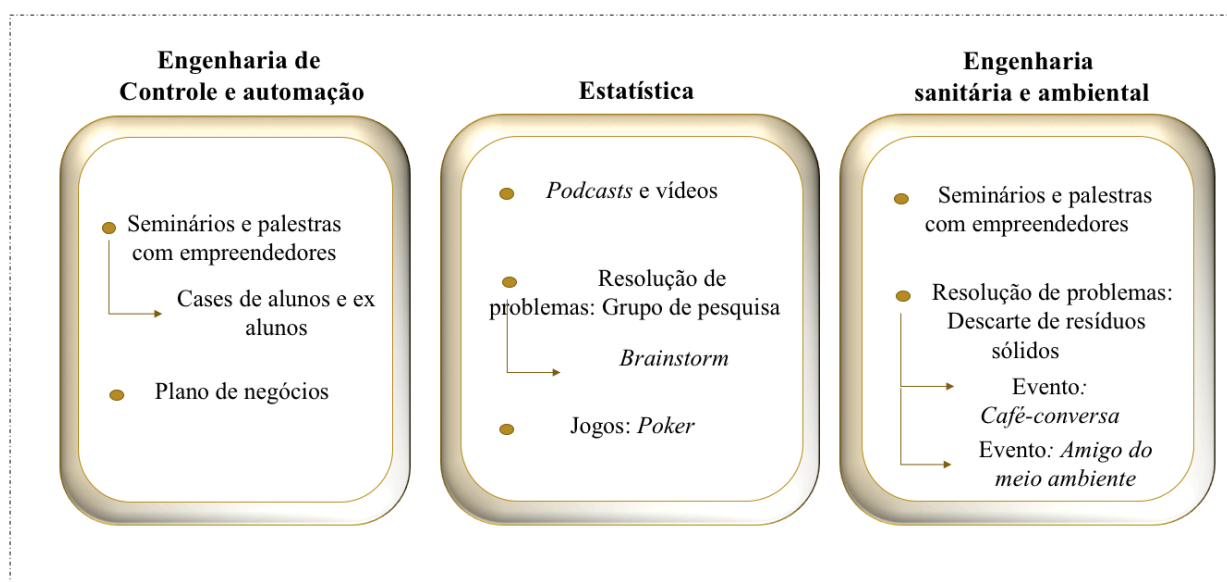
“a gente ficou bastante no Poker, instruir a gente sobre essa visão empreendedora e no projeto. Então basicamente foi isso, foi dividida em duas, e o poker tinha que executar, não era só vim na aula, a gente teve uma aula prática que foi o que eles reclamaram que poderia ter tido mais mas ele não pensou dessa forma, ele achou que se os alunos fossem nas mesas com as pessoas que já jogam podiam aprender mais vendo mas, eu acho que eles preferiam ter ficado numa mesa separado porque eles são de um nível mais alto. Eu tava na organização então eu não jogava porque era muita coisa que tinha pra fazer. Eu não conseguia jogar e ficar organizando e cuidando de todas as mesas de quem tava jogando. Foi assim.” (A03)

“Então eu diria que, sempre puxou mais pro lado dessa questão de buscar fazer algumas coisas, práticas, buscar inovação, buscar não ficar estagnado. Eu diria que ele puxou, principalmente pra esse lado, tanto é que essa questão do poker, que foi

bem fortemente trabalhado, acho que foi uma questão interessante pra abrir a mente pra trabalhar de uma maneira bem diferente. Pelo menos foi isso que eu percebi que ele trabalhou bem. É que eu já sabia jogar então, digamos, foi um pouquinho mais fácil. É legal. É bem interessante assim... pra sair um pouco do convencional. Pra ti conseguir ter ideia novas, pra tu não ficar muito preso a alguma coisa. Digamos pro meu lado, que eu tive na faculdade, as vezes era muito engessado, muito fixa. Então nisso foi legal porque deu pra tornar mais até mais interessante a disciplina assim... Não ficar aquela coisa engessada. Então, ao meu ver foi mais isso.” (A05)

A partir do exposto, resgatando-se o primeiro objetivo específico do presente trabalho - identificar metodologias e práticas de ensino aplicadas nas disciplinas de Atitude Empreendedora – e, com o intuito de colaborar com a compressão de todos os recursos didáticos utilizados nas disciplinas de Atitude Empreendedora apresenta-se a Figura 11.

Figura 11 – Práticas de ensino aplicadas nas disciplinas de Atitude Empreendedora



Fonte: elaborado pela autora

Conforme exposto na Figura 10, ressalta-se que inúmeras atividades desenvolvidas estão inseridas nas práticas didática desenvolvidas, tais como: cases de alunos e ex-alunos consiste em uma atividade da prática “Seminários e palestras com empreendedores, da mesma forma que *bransitorm* está para resolução de problemas e café-conversa e evento amigo do meio ambiente. Atenta-se para o fato de que estas últimas atividades citadas – eventos: “café conversa” e “amigo do meio ambiente” -, como foram propostas por grupos de alunos diferentes, nem todos os entrevistados participaram de ambas.

Evidencia-se que para alcançar os seus objetivos, é necessário que ocorra uma adaptação das metodologia e práticas pedagógicas ao contexto de aprendizagem buscada.

Nessa perspectiva, diferentes métodos, técnicas e recursos têm sido estudados e testados como forma de se promover o processo de aprendizagem empreendedora (ROCHA; FREITAS, 2014). As práticas didáticas experienciais, segundo Rae e Craswell (2002) são apontadas como fatores primários de geração do referido processo de aprendizagem. Isso ocorre, visto que “Aprender fazendo” pode fornecer uma base sólida de habilidades e conhecimentos aprendidos. Para isso, a educação empreendedora deve ser centrada no aluno e às atividades que facilitem e estimulem seu raciocínio de forma empreendedora (BALAN; METCALFE, 2012).

A partir do exposto, a próxima categoria de análise a priori evidenciará o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos da presente pesquisa.

(2) Processo de Aprendizagem Empreendedora

Häag e Kurczewska (2016) apontam que metodologias de ensino alinhadas aos preceitos de educação empreendedora podem desencadear o processo intitulado aprendizagem empreendedora. Conforme já discutido, a aprendizagem empreendedora como campo de pesquisa, foi fundamentada em teorias de aprendizagem baseadas na experiência (COPE, 2005; POLITIS, 2005). Para Jay (2005), a experiência é um fenômeno de difícil compreensão, uma vez que se baseia em ação e reflexão e são moldadas pela identidade pessoal e vivências de cada indivíduo. Nesse sentido, ressalta-se a relevância da aprendizagem contextual proposta por Rae (2004), que consiste no processo de construir significado a partir das interações sociais e das experiências.

Argumenta-se então, que, na construção de métodos educativos e pedagógicos, para desenvolver o processo de aprendizagem empreendedora, é necessário que se compreenda o contexto do referido processo, os recursos utilizados, a percepção dos participantes em relação às atividades, suas mudanças pessoais e habilidades desenvolvidas. (HÄAG; KURCZEWSKA, 2016). Transcendendo conceitos e métodos, o processo de aprendizagem empreendedora deve ensinar a ser, a agir e a pensar, por meio de ferramentas que coloquem os indivíduos a se questionar a respeito de suas experiências passadas, de suas realidades, e de como estas, em conjunto, influenciarão no seu futuro.

Essa perspectiva foi trabalhada com os docentes das disciplinas de Atitude Empreendedora, a partir da capacitação docente realizada dentro do Projeto Educação e Atitude Empreendedoras, a qual o presente trabalho faz parte. Nesse sentido, os professores implementaram práticas didáticas diferenciadas em suas respectivas turmas, descritas na

categoria de análise Práticas Didáticas. Buscando instigar os alunos a reverem seus comportamentos, propuseram diferentes enfoques para essas práticas, o que pode ser constatado nos trechos das falas de D02, D03 e D04, a seguir:

“Hã... então, principalmente uma avaliação, em primeiro lugar, em que tipo de empreendimento você vai fazer, eu destaco para os alunos sempre dois tipos, essências, que é um social e um não social. Um mais privado, assim, né.. comercial, então eu acho que a gente destaca essas duas coisas e a dificuldade dessas duas coisas. Então, eu procuro incentivar mais o lado social, né.. Apesar de que o poker tá muito ligado ao lado comercial, mas também não se separa do lado social. Então mesmo que tu queira fazer algo social, sem visar o lucro, tu ainda vai precisar de dinheiro, muitas vezes. Eu procuro... porque no lado comercial existe uma discussão maior, que eu também não sou expert nessa área, mas o dinheiro é limitado no mundo, é uma coisa que foi forjada, também não tem um valor intrínseco... então eu acho que tem questões muito difíceis aí de resolver, são coisas que eu não sei nem como responder ainda. Eu sempre tento enfatizar para os alunos, na hora de tentar fazer alguma coisa, **tentar pensar no social**. Tentar pensar numa questão que vá **ajudar outras pessoas a entender determinados problemas**, ao invés de simplesmente estar tentando fazer algo comercial, visando lucro.” (D02)

“É, eu trabalho bem essa parte de escolhas, né, trabalho com músicas, com eles assim que eles, a interpretar né, até tem uma que a gente sempre trabalha, que eu trabalho com eles que é aquela “The Wall”, né, do Pink Floyd, que é uma letra bem boa, né, fala de educação, daquela educação quadradinha, né então o que muda nisso, trabalho com uma música do Michael Jackson, também, que é...o que estamos fazendo, o que nós permitimos fazer com o nosso planeta, né... **então isso mexe muito com eles, né, mexe com o emocional deles, que é justamente esse o intuito, né, e tentamos mostrar, assim, que eles, que eles criem essa força de vontade, assim, saiam da apatia..**” (D03)

“Como eu te disse, eu trabalho com a parte de equipe e liderança em uma das aulas e a outra competição e cooperação, entre todas as disciplinas... é que cada professor tem uma forma de abordar, eu não conheço as aulas dos meus colegas... mas em matéria de conteúdo tu diz assim, né? Na minha opinião, o que acrescentaria mais pra eles é... a aula de liderança que eu dei, eles ficam muito interessados, a gente faz a parte teórica antes e depois conversa, e uma outra aula, que aí é dividida, da professora XX e YY, que é a de planejamento estratégico pessoal, se tu me perguntasse dois pontos, que eu acho mais importante, né? Esse planejamento estratégico, que é a organização do trabalho, eu não conheço a aula como um todo, mas assim, a gente conversa nas reuniões, **se tu não tiver planejamento em qualquer coisa que tu for fazer na tua vida, tu pode ter ideias maravilhosas, não vai funcionar**, então, no início, ainda antes dos alunos começarem a desenvolver o projeto que é proposto a eles, essa aula é ministrada e a gente vê que depois que se ministra a aula de planejamento, eles realmente planejaram as datas, vou fazer isso e tal época, então, semana que vem a gente tem que entregar um relatório pro professor, esse planejamento que eu acredito que a maioria deles não tinha é bem importante pra disciplina.” (D04)

A partir dos destaques nos trechos expostos, parece razoável afirmar que os docentes das disciplinas orientaram os alunos para além dos conhecimentos inerentes ao conteúdo teórico de sala de aula, utilizando mecanismos e atividades experienciais, fundamentos da aprendizagem empreendedora.

Oliveira e Barbosa (2014) enfatizam que os alunos não devem ser levados a buscar um espaço pré-definido, mas que sejam guiados, através da aprendizagem e reflexão, de forma autônoma e criativa, a traçar seus próprios caminhos. Os autores complementam que o entendimento da subjetividade dos estudantes, sobre a qual irá se sustentar o seu saber ser, o seu saber tornar-se e o seu processo de formação, pode auxiliar de modo significativo na elaboração de um processo de formação dos alunos (OLIVEIRA; BARBOSA, 2014).

A partir desse efeito singular das práticas didáticas no processo de aprendizagem empreendedora em cada indivíduo, não se surpreende ao observar que dentre os doze alunos entrevistados, ao serem questionados a respeito dos conhecimentos adquiridos a partir da disciplina Atitude Empreendedora, cada um deles citou características desenvolvidas, que não necessariamente, foram as mesmas para outro aluno. Isso comprova o caráter singular e a influência da subjetividade de cada indivíduo sobre o processo de aprendizagem e sobre o que agregam pra si mesmo, ainda que vivenciando a mesma situação. Tais características desenvolvidas a partir da referida disciplina foram: sensibilização/visão, busca de oportunidade, comportamento empreendedor, planejamento, senso crítico, desenvolvimento pessoal, estratégia, iniciativa/proatividade, correr riscos, inovação, liderança, motivação.

Nesse sentido, apresenta-se uma série de quadros, um para cada aluno entrevistado, que objetiva caracterizar as habilidades adquiridas e possivelmente geradas a partir da disciplina de Atitude Empreendedora, representando alguns resultados do processo de aprendizagem empreendedora. Ressalta-se que os quadros a seguir são divididos em características citadas pelos alunos e características percebidas pelo pesquisador nos relatos desses sujeitos. Além disso, no intuito de apresentar uma visualização mais abrangente do trabalho, são resgatadas as atividades práticas experienciadas pelos alunos na disciplina.

Quadro 7a – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

A01	CC1	
	Característica	Sensibilização/Visão
	Conceito	Sensibilizar-se ou tornar-se sensível, na perspectiva do processo de aprendizagem empreendedora, consiste em tomar conhecimento de questões anteriormente imperceptíveis ou ignoradas (FERNANDES; DA SILVA, 2017).
	Trecho	<p>“Eu acho que a sensibilização. A disciplina em si é toda voltada pra sensibilização e pra atitude empreendedora, né. Era uma coisa de unir o empreendedorismo com a sensibilização, tanto que os outros projetos também da disciplina também já foram com base nisso...”</p> <p>“Ba... mudou minha visão com as pessoas que, a gente achava... né. Aqui tem jornal e tem RP e a gente pensava “ah esses nunca vão separar os resíduos né, eles não tem nada...” e foi completamente diferente, sabe. Então, mudou muito a nossa visão quanto às pessoas, quanto ao que as pessoas pensam. Que as pessoas tão preocupadas sim com o meio ambiente, e que as nossas atitudes empreendedoras pra elas foram importantes, sabe. Foi assim, algo que mudou a vida delas também. O hábito delas de como elas faziam em seus apartamentos, então...”</p>
	CC2	
	Característica	Busca de oportunidade
	Conceito	Para Souza (2005), a característica busca de oportunidades é considerada como fundamental para a formação do indivíduo empreendedor. Nesse sentido, identificar oportunidades, mais do que simplesmente ter ideias, é imprescindível e consiste em aproveitar todo e qualquer momento para observar oportunidades.
	Trecho	“E isso foi assim.. da gente ter que ir buscar, da gente ter que ir atrás , saber o que fazer, sabe, se a gente tivesse só ficado em sala de aula vendo teoria, nunca teria desenvolvido o que desenvolveu na disciplina. Então... aumentou muito nosso conhecimento, tudo que a gente não sabia que podia fazer antes, agora sabe que a gente pode fazer.”
	CP1	
	Característica	Comportamento empreendedor
	Conceito	O comportamento empreendedor compreende as características particulares que alguns indivíduos apresentam, por exemplo, diante de oportunidades empreendedoras, ou seja, de como as percebem, como pensam e processam, como se adaptam, como se predispõem à ação, enfim, como agem de forma empreendedora (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014).
	Trecho	“Até desde que a educação ambiental, a gente sempre tem que tá trabalhando com educação ambiental né. Que isso vem desde separar os resíduos vem desde a infância, então a gente sempre tem que buscar uma alternativa de ser empreendedor na educação ambiental. Claro que engenharia ambiental não envolve só educação, né, mas se a gente começar a ser empreendedor desde o início, desde a infância, a gente vai... poder vincular isso na engenharia ambiental né... poder trabalhar no mercado de trabalho, isso aí.
	Práticas didáticas	Seminários e palestras com empreendedores Resolução de problemas: Sensibilização para descarte de resíduos sólidos Evento: Amigo do meio ambiente

*CC: característica citada pelo entrevistado

*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base em Fernandes e Da Silva (2017), Souza (2005), Hisrich, Peters e Shepherd (2014) e nos relatos dos entrevistados.

Conforme pode ser observado no quadro 7a referente ao processo de aprendizagem empreendedora do aluno A01, percebe-se que o entrevistado cita diretamente duas habilidades aparentemente desenvolvidas a partir da disciplina de Atitude Empreendedora, as quais são: Sensibilização e Busca de oportunidade e iniciativa. Compreender oportunidades identificadas a partir da percepção de questões ignoradas anteriormente, podem ser habilidades desenvolvidas a partir da atividade prática de Resolução de problemas, a qual o entrevistado A01 foi submetido. Sensibilizar alunos a respeito do descarte correto para os resíduos sólidos do campus UFSM-FW incentivou A01 a buscar uma solução para esta situação e também a perceber os motivos pelos quais o correto descarte ainda não era efetivamente realizado. Já o comportamento empreendedor, característica não citada diretamente pelo entrevistado, mas percebida no momento e que se analisa a sua falta, foi, possivelmente estimulada pela prática didática de Seminários e palestras com empreendedores e pelo planejamento do evento “Amigo do meio ambiente”. Isso se justifica, uma vez que estas duas práticas podem despertar o comportamento empreendedor, por meio das vivências de indivíduos que participam e promover sua interação com os alunos da disciplina.

Quadro 7b – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

CC1	
Característica	Planejamento
Conceito	Segundo Becker (2014), aprender a planejar é o ponto de mudança entre criar e agir, comportamentos necessários em qualquer profissão que o estudante venha a exercer. Rocha e Freitas (2014) corroboram esta ideia quando afirmam que o comportamento empreendedor deve ser balizado, dentre outras características, pelo planejamento.
Trecho	“Hã... Planejamento. Acredito que nada ocorre sem planejamento. Hã... Tempo, valorização do tempo acredito que hoje em dia as pessoas procrastinam muitas coisa e nosso grupo também procrastino muita coisa, e isso, as vez, gero...confusão, gero... não brigas, mas gero discussões desnecessárias que nós perdemos muito tempo...É, seria mais isso.”
CC2	
Característica	Senso crítico
Conceito	Para Silva, Schimiguel e Araújo (2015) a capacidade de investigação e o desenvolvimento do senso crítico são elementos que convergem com características integradas a indivíduos empreendedores e compõe elementos associados à parte intangível do capital humano.
Trecho	“ Acho que o meu senso crítico , principalmente, de analisa não só eu mas o... tudo que ta ao meu redor e as vez tenta mostra ou, ou tenta faz as pessoas entenderem que tudo isso aqui não é nosso e sim por um bem maior, tenta mostra que a informação ela pode se, ch... ela pode chegar de forma clara e correta, e as pessoas no, no momento que elas entendem que aquilo ali é certo elas vão para de faze o errado, acredito que muita gente, faz o errado por não te essa informação, então eu acredito que se eu consegui transmiti isso vai se muito relevante.”
CP1	
Característica	Desenvolvimento pessoal
Conceito	Mueller e Anderson (2014) argumentam que a aprendizagem empreendedora consiste em um processo dinâmico relacionado ao desenvolvimento pessoal dos indivíduos. O que engaja os estudantes nesse processo de aprendizagem está menos ligado à criação de um negócio lucrativo, mas aos processos de desenvolvimento pessoal e à conexão com suas necessidades individuais com o objetivo de obter satisfação pessoal com suas atividades (MUELLER; ANDERSON, 2014)
Trecho	Hã eu acredito que... pra mim primeiramente a separação do...dos resíduos acho que é uma área que eu não entendia muito, que eu não... talvez não por não... não por não pesquisa mas por não entende e não rec... não recebe essa informação, hã... na minha casa, agora no meu apartamento aqui em Frederico eu já, tento fazer essa, essa coleta diferente, acredito que, agora como eu... e tenho essa informação, essa informação correta, eu posso transmiti e talvez tenta molda alguma coisa pro, pro bem do meio ambiente, pro bem pf... pro meu futuro ou direção dos meus filhos no caso, acredito que se eu conseguir levar essa... 1% do que eu aprendi na disciplina, principalmente pra esse lado, humano, eu acredito que vai engrandecer o, o mundo lá fora, é isso que eu penso.
Práticas didáticas	Seminários e palestras com empreendedores Resolução de problemas: Sensibilização para descarte de resíduos sólidos Evento: Café-conversa

*CC: característica citada pelo entrevistado

*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base em Becker (2014), Rocha e Freitas (2014), Silva, Schimiguel e Araújo (2015), Mueller e Anderson (2014) e nos relatos dos entrevistados.

O entrevistado A02, citou as características de Planejamento e desenvolvimento do Senso Crítico como sendo frutos originados a partir da disciplina de Atitude Empreendedora. Estas habilidades foram, possivelmente desenvolvidas com a execução da tarefa de sensibilização para descarte de resíduos sólidos e do evento: café-conversa. Isso se sustenta, visto que antes da execução das ações elaboradas para sensibilização dos indivíduos do campus, os alunos analisaram de forma crítica a situação o qual resultava no incorreto descarte dos resíduos e então planejaram o curso das tarefas a serem seguidas. O desenvolvimento pessoal pode estar mais ligado à atividade de Seminários e palestras com empreendedores, visto que, também similar ao ocorrido em A01, os palestrantes convidados dividiram as experiências e os ensinamentos adquiridos durante sua vida.

Ressalta-se para o curioso fato de que A01 e A02 foram expostos à práticas didáticas similares, com exceção dos eventos “café-conversa” executado por A02 e “amigos do meio ambiente” realizado por A01, e conforme exposto nos quadros e nas falas, desenvolveram diferentes habilidades. Resgata-se, então, o papel singular da aprendizagem empreendedora em cada indivíduo, o qual recebe as informações com base em suas experiências, vivências e individualidades.

Quadro 7c – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

A03	CC1	
	Característica	Estratégia
	Conceito	A “Estratégia”, para De Toni et al. (2014a) e Dias (2015), relaciona-se à gestão de um negócio ou projeto, a uma postura estratégica com visão de futuro, gerada por pensamento sistêmico e intuitivo, em conjunto com o planejamento são habilidades inerentes ao indivíduo empreendedor.
	Trecho	“ Estratégia eu acho que a estratégia, a estratégia e.... a estratégia é o principal pra mim e pra mim foi isso porque a gente mudou algumas vezes, algumas estratégias por causa do jogo e por causa do evento, ... então pra mim isso foi fundamental, ver essa parte estratégica saindo da teoria, e ela funcionando na prática. As vezes não vai funcionar como ele... como ele quis, então ele determinou na teoria, o que seria, então pra mim eu vou deixar como foco a estratégia e o foco pra gente ficar naquilo e fazer acontecer.”
	CC2	
	Característica	Sensibilização/Visão
	Conceito	(Já exposto no Quadro 8a)
	Trecho	“Eu acho que ele observou bem, isso que não tinha e eu gosto de encontrar uma coisa que ninguém ta vendo, mas que dá pra fazer, e que dá pra fazer a diferença e que vai proporcionar alguma coisa para as outras pessoas. Então eu acho que é dessa forma que eu gostaria de trabalhar, eu queria ver o que não ta sendo visto, aqui mesmo na UFSM a gente tem a ... Então esse tipo de coisa de conseguir enxergar é o que eu gosto, quando eu enxergo eu fico feliz, porque eu to vendo que tem uma possibilidade ali e se você se focar e criar uma estratégia que dê pra trabalhar ali nela, fazer todo um estudo pra ver se tem possibilidade disso acontecer eu acho que é o que fica dessa disciplina pra mim que eu pretendo mesmo utilizar no futuro.”
	CP1	
	Característica	Comportamento empreendedor
Conceito	(Já exposto no Quadro 8a)	
Trecho	“E isso dele eu achei legal porque ele mostrou que a atitude empreendedora não é só você, como é que eu posso te dizer, ver uma oportunidade assim uma que tá clara, ele viu uma que não tinha aqui dentro, ele se interessou bastante, foi aprender, e conseguiu passar pra gente o que a gente podia fazer, e também encontrar um nicho aí pensar como se mover pra conseguir fazer alguma coisa. Pra mim o que teve de principal foi isso”	
Práticas didáticas	<i>Podcasts e vídeos</i> Resolução de problemas: Grupo de pesquisa <i>Brainstorm</i> Jogos: Poker	

*CC: característica citada pelo entrevistado

*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base em De Toni et al. (2014a), Dias (2015) e nos relatos dos entrevistados.

A partir da avaliação dos trechos de falas referentes ao processo de aprendizagem empreendedora do aluno entrevistado A03, destaca-se que o mesmo apontou a estratégia e a sensibilização como aptidões desenvolvidas a partir da execução das práticas didáticas propostas na referida disciplina. Acredita-se que a estratégia foi trabalhada com a atividade do jogo de *poker*, visto que o mesmo tem como principal característica ser um jogo de estratégia e autocontrole.

A sensibilização está mais ligada às práticas de resolução de problemas e *brainstorm*, visto que, conforme já exposto na categoria a priori anterior, os alunos foram solicitados a propor uma pesquisa, a partir de um problema observado no curso. Especificamente o entrevistado A03, em conjunto com seu grupo de trabalho da atividade, propuseram possíveis problemas e questões para a pesquisa, apontaram os casos de evasão dos graduandos no curso de estatística, e o propuseram como tema para executar a proposta de projeto de pesquisa.

A característica constatada a partir da interpretação da fala do entrevistado A03 – comportamento empreendedor – pode estar atrelada à prática didática de *podcasts*, uma vez que esta se assemelha à seminários e palestras com empreendedores, e pode proporcionar aprendizado a partir das experiências e vivências do indivíduo que expõe suas ideias.

Quadro 7d – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

A04	CC1	
	Característica	Iniciativa/Proatividade
	Conceito	Ter iniciativa implica demonstrar atitude, proatividade e comportamento orientado para o futuro, em superar barreiras (Glaub et al., 2014). A proatividade, constitui um dos cinco componentes da orientação empreendedora (VERZAT; O'SHEA; JORE, 2017). A atitude proativa, segundo Jore (2012) está intimamente ligada à atitude de aprendizado, as quais consistem em um conjunto de disposições afetivas, cognitivas e comportamentais que facilitam o ato de aprender, especialmente entre estudantes.
	Trecho	"Proatividade e esse é um dos grandes problemas que eu vejo na faculdade durante esses 6 anos nos alunos de corredor, é o aluno que fica no corredor entre uma aula e outra sem nada pra fazer e isso a gente muda com proatividade , procurando grupo, procurando professor, procurando disciplinas..."
	CC2	
	Característica	Correr riscos
	Conceito	Uma das definições de empreendedor, refere-se à um indivíduo que agrega valor à determinado projeto, especialmente quando assume riscos (JELILOV; ONDER, 2016). Estes autores ainda ressaltam que o empreendedor se caracteriza pela posse de certas habilidades as quais incluem a capacidade de assumir riscos e o desejo de gerar benefícios a si próprio ou a terceiros.
	Trecho	"É complicado te dizer, porque eu venho mudando desde que eu entrei na empresa, como eu te disse, começar a tomar riscos , tomar as rédeas, eu já era proativa, trabalhava desde o início da faculdade, mas, eu acho que só continuou e talvez tenha reforçado uma mudança que já tinha começado dois anos, um ano e meio antes, que foi quando eu entrei na Quíron, que foi desde o processo de fundação. Mas eu acho que... na minha opinião, visão de mim mesma, com certeza está na área dos riscos..."
	CP1	
	Característica	Desenvolvimento pessoal
Conceito	(Já exposto no Quadro 8b)	
Trecho	"...Então, cada aluno aprender aquilo que não tem prática, marketing, pessoas, hoje em dia engenheiro não pode mais se formar só pra lidar no computador, pra mim, isso é um conhecimento que a gente tá agregando durante a disciplina, que nós não temos nas outras. Acho que tudo se resume a crescimento pessoal, acho que é uma disciplina muito importante pro crescimento pessoal. "	
Práticas didáticas	Seminários e palestras com empreendedores Cases de alunos e ex-alunos Plano de negócios	

*CC: característica citada pelo entrevistado

*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base em Glaub et al. (2014), Verzat, O'shea e Jore (2017), Jore (2012), Jelilov e Onder (2016) e nos relatos dos entrevistados.

Para o entrevistado A04, as principais características desenvolvidas foram iniciativa/proatividade e correr riscos. Acredita-se que a primeira característica – iniciativa – pode estar mais ligada à atividade de “cases de alunos e ex-alunos”, uma vez que a fala de indivíduos próximos à realidade dos alunos, podem acionar sentimentos de identificação com as experiências expostas e vontade de agir.

A outra característica citada – correr riscos – pode ter sido estimulada pelo processo de criação de um plano de negócios, atividade proposta pelo docente que ministrou a disciplina de Atitude Empreendedora. A execução das ferramentas propostas, contidas em um plano de negócios necessitam análise dos riscos, visto que as propostas de negócio deveriam ser inovadoras e viáveis.

Ressalta-se, também, que a própria inscrição na disciplina de Atitude Empreendedora já demonstra que o aluno tem tendências às características ressaltadas como aprendidas. Isso se sustenta, uma vez que iniciativa para cursar a disciplina e correr riscos para executar atividades distantes dos seus conhecimentos básicos, foram capacidades necessárias para o entrevistado.

O desenvolvimento pessoal, característica interpretada a partir dos relatos de A04 e também percebida a partir dos relatos de A02, foi trabalhada com a exposição deste estudante à palestrantes empreendedores que trouxeram ensinamentos e motivação para os alunos atingirem seus objetivos.

Quadro 7e – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

CC1	
Característica	Inovação
Conceito	Para Carvalho (2001), a inovação pode ser entendida como um processo que se desenvolve ao longo do tempo, constituindo-se de uma série de ações e decisões, envolvendo a introdução de ferramentas derivadas do conhecimento, e mecanismos pelos quais as pessoas interagem com o ambiente.
Trecho	“Bá, eu não diria que foi aprendido, na verdade eu já tinha um conhecimento sobre isso aí. Então foi mais renovado, sei lá, alguma coisa nesse sentido. De novo, volto a bater nessa coisa de inovação que isso foi o mais trabalhado , pelo menos em sala de aula foi o que eu senti um pouco mais forte. De várias formas, pensamento lógico, estratégico. Desde monta um planejamento estratégico para o meu empreendimento até pensar em não deixar ele estagnado, o que que eu posso melhorar nele. Nisso eu já to falando que eu to pensando em abrir um negócio. Principalmente isso.”
CP1	
Característica	Estratégia
Conceito	(Já exposto no Quadro 8c)
Trecho	“ De várias formas, pensamento lógico, estratégia. Desde monta um planejamento estratégico para o meu empreendimento até pensar em não deixar ele estagnado, o que que eu posso melhorar nele. Nisso eu já to falando que eu to pensando em abrir um negócio. Principalmente isso”
Práticas didáticas	<i>Podcasts e vídeos</i> Resolução de problemas: Grupo de pesquisa <i>Brainstorm</i> Jogos: Poker

*CC: característica citada pelo entrevistado

*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base Carvalho (2001), em e nos relatos dos entrevistados.

A05 ressaltou a inovação como principal ponto aprendido pela disciplina. Esta, segundo os relatos expostos, está ligada às práticas de *podcasts* e vídeos aos quais os alunos foram convidados a assistir e participar. Além da prática ser considerada como inovadora no ambiente de ensino e aprendizagem, o docente da disciplina trouxe indivíduos considerados inovadores em suas respectivas áreas. Inclusive, conforme exposto nos relatos dos entrevistados, uma destas personalidades trazidas a partir dos *podcasts* enumerou os passos necessários para facilitar o processo de geração de inovação.

A estratégia, habilidade também desenvolvida por A03 – aluno exposto às mesmas práticas didáticas que A05 – está diretamente ligada à proposta de trazer o *poker* para sala de aula como técnica didática. Isso se sustenta visto que o referido jogo tem a estratégia como um dos pilares para sua execução.

Quadro 7f – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

A06	CC1	
	Característica	Liderança
	Conceito	A liderança, conforme Henrique e Cunha (2008) consta como uma das habilidades a serem desenvolvidas ao longo do processo de aprendizagem empreendedora, e consiste na capacidade do indivíduo em delegar tarefas e guiar determinado grupo de pessoas a atingir objetivo em comum.
	Trecho	“Eu sei que teve vários questionários que eu tinha que responder por exemplo... há... sobre lideranças eu acho que é , por que como que você trataria um funcionário se ele fizesse tal coisa por exemplo né daí tu tinha que marcar aí como tu vê... há... bah agora eu não consigo falar sobre isso. Mas era tipo inúmeras folhas, foi tipo umas sete oito folhas que tu ia preenchendo as lacunas e depois disso ele te dava o teu perfil, que que tu tinha de forte que que tu tinha de fraco né é isso.”
	CC2	
	Característica	Motivação
	Conceito	A motivação do indivíduo está ligada ao impulso de obter sucesso nas atividades desenvolvidas mais pela sua realização pessoal - intrínseca - do que pelo recebimento de recompensas externas - extrínseca - (MCCLELLAND, 1972).
	Trecho	“Hã... eu achei que seria muito difícil de tu montar uma empresa né antes de fazer essa disciplina, então fazendo essa disciplina ela ela te instiga... há... tanto pelos dados que o professor mostra de salários que as pessoas ganham, tanto os profissionais que vieram na disciplina e falaram sobre os fracassos deles sobre os sucessos, então a gente vê que... há... ideias simples trouxeram bastante resultados pra muitas pessoas, então isso... isso... deixa a gente bastante motivado pra.. há... pra ser um empreendedor né... ”
	CP1	
	Característica	Correr riscos
Conceito	(Já exposto no Quadro 8d)	
Trecho	“Agora eu penso em empreender antes eu não pensava, por que a gente pensa, a gente sempre o estado normal do ser humano é ficar no conforto né e tu criar uma empresa com certeza vai ser muito mais difícil de tu ficar lá sentado no lugar e ganhando teu salário por mês, mas hoje com certeza eu penso em montar uma empresa até com essa mesma ideia que foi apresentada o professor falou que tem bastante potencial.”	
Práticas didáticas	Seminários e palestras com empreendedores Cases de alunos e ex-alunos Plano de negócios	

*CC: característica citada pelo entrevistado

*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base Henrique e Cunha (2008), McClelland (1972) e nos relatos dos entrevistados.

Conforme exposto no Quadro 7f, referente ao entrevistado A06, liderança e motivação foram atributos desenvolvidos a partir da disciplina. A capacidade de liderança – citada pelo aluno - e correr riscos – constatada a partir da fala do entrevistado – podem ter sido estimuladas pela atividade de criação de um plano de negócios, visto que foi necessário liderar um grupo para a execução das tarefas propostas no plano e analisar os riscos para o processo de abertura de uma empresa. Evidencia-se que a característica “Correr riscos” foi também, possivelmente desenvolvida no entrevistado A04 o qual foi também participou das mesmas práticas didáticas.

Acredita-se que a motivação foi trabalhada no momento em que o aluno foi exposto à palestras e seminários com empreendedores, alunos e ex-alunos contribuindo com suas percepções a respeito do mercado de trabalho e de seu futuro profissional.

Quadro 7g – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

A07	CC1	
	Característica	Iniciativa/proatividade
	Conceito	(Já exposto no Quadro 8d)
	Trecho	“Iniciativa. As ferramentas tão lá, beleza, são legais mas ferramenta não começa projeto. E lá, incentivar, dizer “vai lá e faça!”, acho que foi o, um bom ponto iniciativa a gente usa em qualquer lugar. ”
	CC2	
	Característica	Desenvolvimento pessoal
	Conceito	(Já exposto no Quadro 8b)
	Trecho	“... eu perdi um pouquinho do medo de falar com pessoas diferentes e procurar pessoas pra, pra mentoria. Pessoas que eu sei que sabem mais que eu, que tão a mais tempo na área, que as vezes parecem tão distante da gente... sei la, dono de empresas aqui de Santa Maria que... - ah mas eles tão lá com o trabalho deles, não vou incomodar -, mas geralmente eles tão muito dispostos a ajudar a gente e falar o que eles aprenderam de tanto tapa que eles levaram na cara. E induzir a gente a levar o tapa. E acho que isso é bem interessante, como são alcançáveis essas pessoas que sabem mais que a gente.”
	CP1	
	Característica	Sensibilização/Visão
Conceito	(Já exposto no Quadro 8a)	
Trecho	Ahm... talvez um pouquinho de perceber coisas que podem ser empreendidas , problemas da sociedade que muitas vezes passa batido mas tu nunca... talvez tu pense numa solução mas não aplique, ou tu nem pense numa solução, ou tu nem vê o problema. Tá um pouquinho mais claro pra mim, de como gerar essas perguntas que criam os problemas. Antes da disciplina pensava provavelmente em ser empregado, e agora eu fico pensando em empreender mesmo, sabe. Descobrir se eu sou capaz de fazer isso.	
Práticas didáticas	Seminários e palestras com empreendedores Cases de alunos e ex-alunos Plano de negócios	

*CC: característica citada pelo entrevistado

*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatos dos entrevistados.

Com base no Quadro 7g, aponta-se que as práticas apontadas por A07 foram iniciativa/proatividade e desenvolvimento pessoal e, acredita-se que ambas possam ter sido estimuladas pelas práticas de seminários e palestras com empreendedores e cases de alunos e ex-alunos. A característica de sensibilização/visão pode estar mais ligada à prática de plano de negócios,

Quadro 7h – Caracterização do processo de aprendizagem empreendedora

CC1	
Característica	Sensibilização/Visão
Conceito	(Já exposto no Quadro 8a)
Trecho	<p>“Eu acho mais a visão de mercado. Bem a visão de mercado porque... até a parte de custos né. Por que as vezes a gente desenvolve um negócio só que ninguém quer comprar. Então, a visão de negócio é ver mesmo o que mesmo o teu cliente, a tua persona quer antes de tu desenvolver algo. Então, essa visão eu não tinha antes.”</p> <p>“Ah abriu mais os olhos nessa questão assim de, por exemplo, dá pra empreender. É difícil mas dá pra empreender, se tu quiser, tu consegue. Mais essa ideia assim.”</p>
CP1	
Característica	Iniciativa/Proatividade
Conceito	(Já exposto no Quadro 8d)
Trecho	<p>“Essa questão assim de ter que, “ah eu já peguei esse pepino, já sei como resolver”. Que nem lá no laboratório do PED, tem uns pistões lá que ficam mexendo o bracinho, fica pra baixo e pra cima, e tá ele é por um pistão de ar, então tem uma bomba. Aí várias vezes cheguei lá e os caras “meu deus, não tá funcionando, aiaiai, o que que aconteceu? “, e só não tava ligado o pistão, meio óbvio. Só que o pistão é em outro lugar então a galera não tem noção do que que acontece antes pra aquilo funcionar mas é só levantar uma chavezinha lá. Mais ou menos isso, então... mas porque eu aprendi, talvez eu fui lá e “ai meu deus não tá funcionando”, porque eu aprendi que tinha que ligar. É uma questão de proatividade, sabe..”</p>
Práticas didáticas	<p>Seminários e palestras com empreendedores Cases de alunos e ex-alunos Plano de negócios</p>

*CC: característica citada pelo entrevistado

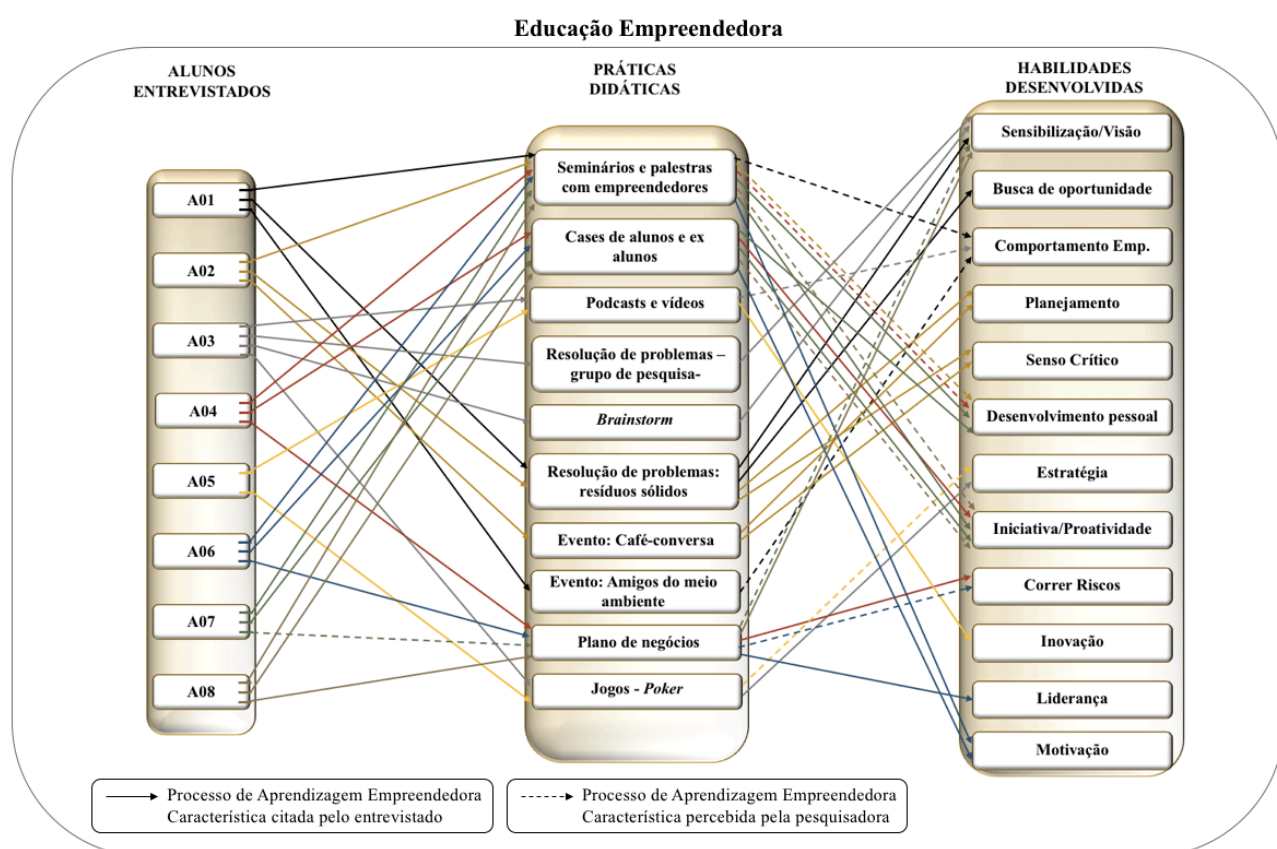
*CP: característica percebida pela pesquisadora a partir das falas dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatos dos entrevistados e em

O aluno A08 citou o desenvolvimento da capacidade de sensibilização/visão o que, segundo os relatos de fala expostos, pode representar o papel das práticas de plano de negócios. Interpretada por meio da fala, a característica de iniciativa/proatividade a partir das técnicas de seminários e palestras com empreendedores e cases de alunos e ex-alunos.

A partir do exposto, resgatando-se o segundo objetivo específico do presente trabalho – mapear o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos da disciplina Atitude Empreendedora – e, no intuito de facilitar a compreensão dos resultados encontrados a partir da análise do processo de aprendizagem empreendedora neste estudo, apresenta-se a Figura 12, que sumariza o referido processo associando, para cada entrevistado, as práticas didáticas adotadas pelos respectivos docentes e as habilidades desenvolvidas nos alunos durante a disciplina de Atitude Empreendedora.

Figura 12 – Processo de Aprendizagem Empreendedora



Fonte: elaborado pela autora

Pode-se perceber, a partir da Figura 11, a interação entre as práticas didáticas realizadas na disciplina de Atitude Empreendedora e como elas estimularam o desenvolvimento de certas habilidades nos alunos, esta linha de raciocínio pode ser apontada como o processo de aprendizagem empreendedora vivenciado.

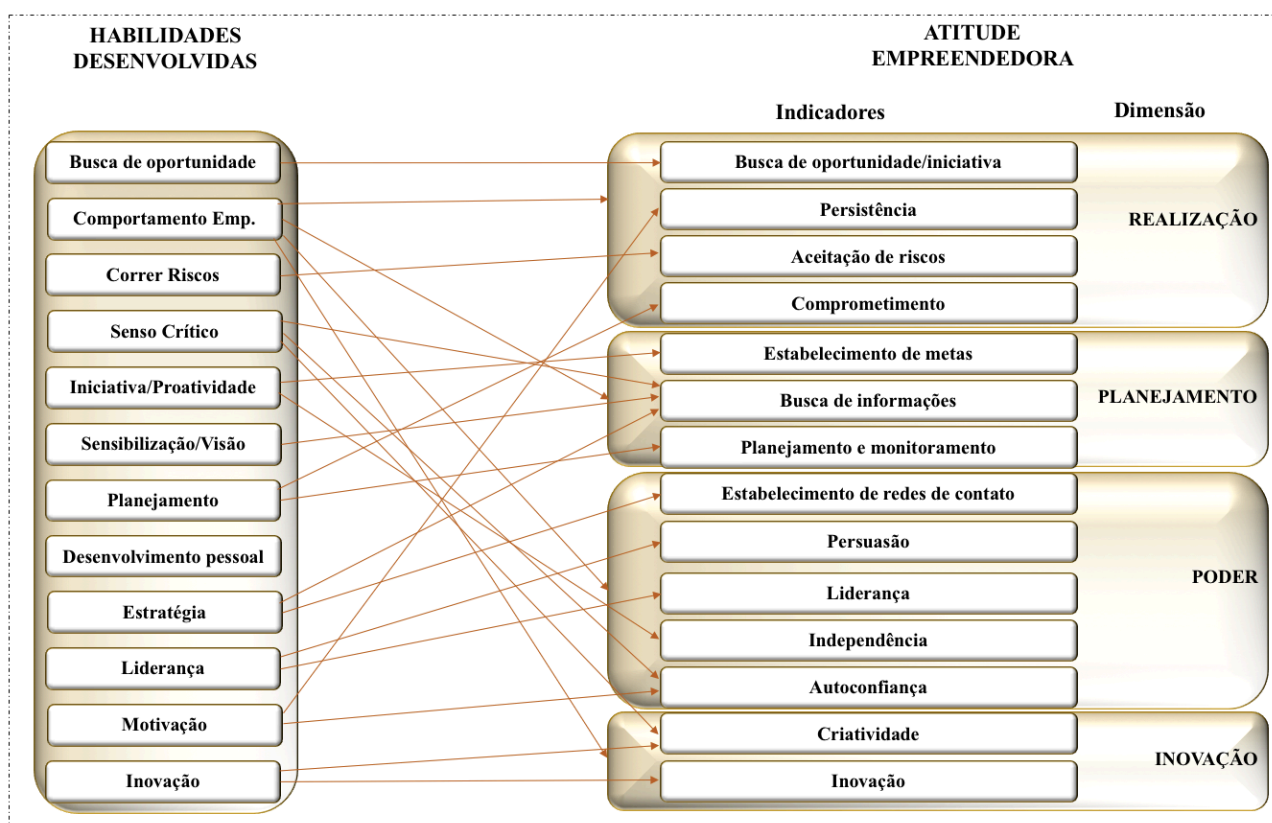
Tais considerações parecem corroborar as teorias que tratam desta temática – aprendizagem empreendedora –, visto que para Rae (2003; 2004) e Kubberød (2017) recursos

metodológicos diferenciados podem influenciar o processo de aprendizagem empreendedora do indivíduo, repercutindo em seu comportamento. Isso se sustenta em função de que a aprendizagem empreendedora pode ser considerada como um processo “altamente” experiencial, no qual as pessoas desenvolvem a mentalidade empreendedora por meio da prática (RAE, 2003; 2004; KUBBERØD, 2017).

Ainda neste enfoque das habilidades adquiridas, percebe-se um foco de curiosidade singular e ao mesmo tempo aderente à própria concepção deste trabalho. Essa curiosidade reside no fato de que as características desenvolvidas nos alunos durante a disciplina, evidenciadas por eles ou percebidas pelo pesquisador, parecem estar intimamente relacionadas à concepção de Souza e Lopez Jr. (2005) em relação aos indicadores comportamentais referentes à atitude empreendedora dos indivíduos.

Tal fato confere aderência aos resultados deste trabalho, em relação aos elementos que compõe o processo de educação empreendedora - práticas didáticas e aprendizagem empreendedora -, visto que os resultados aqui encontrados, referentes à categoria aprendizagem empreendedora, apresentam forte similitude aos indicadores da atitude empreendedora, como pode ser constatado na Figura 13. Nesse sentido, a referida figura apresenta uma associação entre as habilidades desenvolvidas nos alunos a partir da disciplina e os indicadores que compõe a Atitude Empreendedora propostos por Souza e Lopez Jr. (2005).

Figura 13 – Associação entre habilidades dos alunos e Atitude Empreendedora



Fonte: Elaborado pela autora com base em Souza e Lopez Jr. (2005).

De acordo com a Figura 12, percebe-se uma associação direta entre as habilidades e os indicadores de Atitude Empreendedora, conforme será exposto:

-“Busca de oportunidade” está diretamente relacionado à além de “busca de oportunidade e iniciativa”, mas também à “criatividade” e “aceitação de riscos”. Isso se sustenta visto que para Cruz (2005, p. 112) “o processo de identificação de uma oportunidade relaciona-se a um comportamento criativo latente aplicado no momento certo avaliando o risco envolvido àquela situação”;

- Vincula-se o “Comportamento Empreendedor” aos quatro blocos de dimensões – Realização, planejamento, poder e inovação -, visto que o estudo de Souza e Lopez Jr. (2005) estabeleceu todas suas dimensões e indicadores com base no comportamento empreendedor;

- Em virtude da nomenclatura similar, “Correr riscos” e “Aceitação de riscos” parecem ser habilidades e indicadores similares;

- A habilidade “Senso Crítico” está diretamente relacionada aos indicadores de Busca de oportunidade”, “Autoconfiança” e “Criatividade”. Isso se sustenta na perspectiva de Cope (2003), que identifica a capacidade de reflexão crítica como sendo o comportamento do

indivíduo diante de uma situação a qual deve-se questionar. Nesse sentido, autoconfiança e criatividade podem refletir na busca por uma solução para determinada situação.

- “Iniciativa e Proatividade”, segundo McClelland (1972), emerge quando o indivíduo se antecipa às circunstâncias e age para expandir seus objetivos, aproveitando oportunidades fora do comum, portanto relaciona-se diretamente à “Busca de oportunidade/iniciativa”, “Busca de informações” e “Estabelecimento de metas”.

- Resgatando-se o conceito de Sensibilização/Visão - tomar conhecimento de questões anteriormente imperceptíveis ou ignoradas (FERNANDES; DA SILVA, 2017) – pode-se perceber que esta habilidade está relacionada com “Busca de informações”;

- Pela questão conceitual, associa-se a habilidade de planejamento com a dimensão “planejamento”;

-Estratégia consiste em traçar um plano de ação a partir da percepção de fatores do ambiente (HERRON; ROBINSON, 1993). Esta habilidade parece estar intimamente atrelada aos indicadores de “Busca de informações” e “Estabelecimento de redes de contato”.

- Liderança, para Silva et al. (2006), requer, necessariamente a capacidade de “Persuasão”.

- Motivação se faz necessário comportamentos como “Autoconfiança” e “Persistência” para atingir determinado objetivo (TODOROV; MOREIRA, 2005).

- A habilidade de “Inovação, segundo Silva Filho (2010), requer criatividade para propor diferenciais diante de determinada situação.

A partir do exposto, evidencia-se que indivíduos com atitude positivas frente ao aprendizado, segundo Zhao, Seibert e Lumpkin (2010) detém maiores condições de apresentar aspectos inerentes à intenção empreendedora. Nesse sentido, no momento em que os alunos confirmam por meio das falas quais características desenvolver a partir das práticas didáticas da disciplina, tem maior propensão de manifestar fatores convergentes com àqueles de Intenção Empreendedora. Diante disso, apresenta-se a seguir, a última categoria de análise a priori defina para este estudo.

(3) Intenção Empreendedora

Compreender quais fatores influenciam e moldam as intenções empreendedoras dos alunos é, segundo Barkovic e Kruzic (2010), vital para desenvolver programas e políticas necessárias de estímulo a educação empreendedora. A intenção empreendedora, nesse sentido, pode ser descrita como um estado mental consciente que direciona a atenção – experiência e

ação – para um objetivo específico ou indica as formas necessárias para alcançá-lo (BIRD, 1989). Um dos conceitos que parece estar intimamente relacionado e aderente à concepção de intenção empreendedora é a mentalidade empreendedora que, na visão de Hisrich, Peters e Shepherd (2014), consiste na capacidade de detectar, pensar, entender e, como consequência, agir diante das oportunidades.

Muitos trabalhos acadêmicos ressaltam que a existência de intenção empreendedora inclui, além dos fatores mentais, fatores antecedentes ou subjacentes à decisão de empreender (LIÑÁN; CHEN, 2006; WALKER; JEGER; KOPECKI, 2003). Incluído entre esses fatores, está, na perspectiva de Van Auken, Fry e Stephen (2006), a influência de modelos a seguir, os quais são determinantes na linha de raciocínio do potencial empreendedor. Do Paço et al. (2015), em perspectiva similar, aponta que o estabelecimento de um objetivo ou um modelo de referência torna-se fator necessário para a existência de intenção empreendedora.

Uma das formas de incentivar a intenção empreendedora nos alunos, a partir da ótica da educação empreendedora, é o estímulo à reflexão acerca de modelos de referência que devem ser estimulados. Na perspectiva dos docentes, identificar capacidades no intuito de estabelecer modelos de referência também pode ser relevante, visto que os professores, na visão de Oguntimehin e Olaniran (2017), têm o papel de atuarem como sendo os facilitadores daqueles conhecimentos que podem estimular intenção empreendedora nos alunos.

Nesse sentido, os exemplos dessas modelos de referência, na perspectiva dos professores das disciplinas de Atitude Empreendedora podem ser observados nos trechos de fala de D01, D02 e D04.

“Depende, eu acho que todo profissional tem que apresentar: **espírito de saber trabalhar em equipe, saber ouvir, saber delegar, cumprir aquilo que tá estabelecido... ser responsável com as entregas pelas quais se comprometem**, seja aqui na disciplina seja nas demais disciplinas, seja na vida. O profissional fica marcado pelo que ele se propõe a dar, né, na medida em que ele se propõe a dar uma coisa e não entrega o que se propõe a dar, ele passa a ser desacreditado, né. Então acho que isso é uma das questões importantes.” (D01)

“**Olha, o principal é ética, né, eu acredito que isso em qualquer profissão, mas eu sempre passo pra eles quando a gente trabalha com licenciamento ambiental, tudo, a a ética e a postura profissional deles**, né, pode, sim fazer eles crescer muito como pode acabar com a carreira num dia,. Né, então a ética, é a responsabilidade com o trabalho, que não deixa de ser com as pessoas, também, é extremamente importante, né, então principalmente isso, porque você sendo responsável, sendo ético, você vai automaticamente respeitar as pessoas, né, automaticamente saber conversar, automaticamente ser uma pessoa respeitada em função disso, né, porque as pessoas sabem muito bem detectar quando o profissional é sério, né, e responsável, ou que faz as coisas mais ou menos, né,” (D03)

“Teria vários, né, mas assim, um primeiro comportamento, como eu sempre digo pros alunos, é, a gente precisa conhecer o que a gente tá fazendo, tu **tem que ter conhecimento do assunto**, você quer realizar um trabalho, uma pesquisa, um projeto, primeiro tem que ir a fundo, investigar, o que existe no mercado e no mundo científico a respeito, aí vai depender do assunto, mas na área específica, então, não deixa de ser, eu volto na palavra, atitude, né? **Tem que ter atitude** pra levantar e ir atrás das informações. Levantamento de dados mesmo, acho que é um dos itens. O que mais? Atitude no sentido de, também, correr atrás das informações mas saber trabalhar muitas vezes em equipe, porque, geralmente, tu não trabalha sozinho...” (D04)

Conforme observado nos trechos das falas, os docentes destacam-se alguns comportamentos frente às atividades das suas respectivas áreas: espírito de equipe, comportamento proativo, ética e postura profissional, domínio do assunto tratado. Tais modelos de referência podem guiar o percurso metodológico das disciplinas que utilizam a educação empreendedora como base.

Segundo argumentam Van Auken, Fry e Stephens (2006), a existência de modelos a seguir afeta diretamente a intenção empreendedora, visto que estabelecem um padrão de comportamento planejado, e este fator está diretamente relacionado à intenção empreendedora no fator “percepção de comportamento planejado”, conforme já exposto no arcabouço teórico desta pesquisa.

Por essa razão, ressalta-se a importância de proporcionar a estes estudantes este tipo de reflexão – Quais comportamentos um profissional na sua área precisa apresentar? Algumas perspectivas dos alunos a respeito disso podem ser visualizadas no Quadro 8.

Quadro 8 – Modelos de referência na perspectiva dos alunos

(continua)

Ent.	Trechos dos relatos
A03	“...Na minha área tu precisa apresentar: precisa saber observar o todo, precisa saber ouvir, precisa saber ser específico, como por exemplo a pesquisa aquela ali que eu fui comentar do projeto. Você vai na ânsia de querer pesquisar o mundo, mas não da. Você tem que ir aos poucos e ir aumentando. Pra você conseguir ter uma noção sobre a análise porque é isso que você vai trabalhar no seu futuro, você vai transformar um monte de número, em informação, você vai analisar tudo que for possível de todas as áreas possíveis. E trabalhando desse jeito você precisa ter, aprender a ser dinâmico, aprender que você nao vai so trabalhar com número, número e número.”
A04	“...Honestidade. Acredito que uma pessoa não pode... se não for uma pessoa ética e levar tudo na ponta da caneta, entendeu? Tipo, exemplo bem bobo da faculdade, alunos assinarem a chamada pelos outros, eu acho isso erradíssimo, tu não tava lá... ãn, acredito que alunos da engenharia, engenheiros, eles não podem ser muito... eles sempre tem que analisar as coisas de forma lógica, mas falta na gente, na faculdade, a questão da humanização, porque a maioria das pessoas da engenharia, não todas, mas uma certa parcela significativa, ou é preto ou é branco, 1+1 sempre dá 2. Porém, quando a gente trabalha com pessoas, nem sempre vai dar 2. Nem é preto, nem branco, tem 256 tons de cinza no meio. ãn, então, com certeza, o engenheiro tem que ser humano e ético e...”

(conclusão)

A05	<p>“tu tem que ter vontade, tem que ver a oportunidade, tem que tá... como é que eu vou dizer. Eu digo que é fácil porque tu consegue trabalhar em qualquer lugar. Todo lugar precisaria ter um estatístico, tu consegue melhorar as práticas tendo um estatístico. Então é mais de vontade do que fazer algo muito perfeito. As vezes não é tão necessário... tu pode ir melhorando tuas práticas no decorrer. Eu já pensei várias vezes em começar a trabalhar nem que seja dando orientação pra TCC ou coisa assim, começar daí e chegar num ponto de tu ir maturando essa ideia, evoluindo ela, poder oferecer pra empresa e depois tu ter uma consultoria em estatística. Então, oportunidade, eu diria que tem sobrando ainda, que é um mercado relativamente novo.”</p>
A08	<p>“Eu acho que primeiramente postura, nós estamos desenvolvendo postura. Postura e mais a questão de não andar com aquela viseira de burro, que a gente chama. Não ficar só olhando ali, então tem que abrir um pouco. Tem que pensar “ah vou botar o negócio pra funcionar mas tem chuva, tem vento, tem ladrão”. Mais ou menos nessa ideia, ah de não ficar só pensando na área de engenharia, tem toda questão “ah tenho que pensar no design, tenho que aprender também a questão administrativa, tenho que contratar pessoas. Eu vou ter problema com logística? Eu vou ter problema com a pessoa que vai instalar? Eu vou pegar terceirizado? E se ela cair e morrer? “ Entendeu? Tu não pode só fechar, fazer e entregar. Tem que abrir mais o leque.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatos dos entrevistados.

Curiosamente, salienta-se que algumas características expostas como modelos de referência, tanto pelos docentes quanto pelos alunos, apresentam similitudes àquelas características adquiridas a partir do processo de aprendizagem das disciplinas de Atitude Empreendedora. A partir disso, resgata-se, no Quadro 9, as características desenvolvidas pertinentes aos respectivos alunos, conforme já exposto na categoria Aprendizagem Empreendedora, e os destaques dos trechos de docentes e alunos a respeito dos modelos de referências.

Quadro 9 – Associação entre habilidades e modelos de referência (continua)

CARACTERÍSTICA DESENVOLVIDA	TRECHOS DOS MODELOS DE REFERÊNCIA
Sensibilização/Visão (A01, A03, A07 e A08)	<p>“...Na minha área tu precisa apresentar: precisa saber observar o todo, precisa saber ouvir, precisa saber ser específico,” (A03)</p> <p>““Eu acho que primeiramente postura, nós estamos desenvolvendo postura. Postura e mais a questão de não andar com aquela viseira de burro, que a gente chama. Não ficar só olhando ali, então tem que abrir um pouco...””(A08)</p>
Busca de oportunidade (A01)	<p>“tu tem que ter vontade, tem que ver a oportunidade...”(A05)</p>
Comportamento Empreendedor (A01 e A03)	<p>“espírito de saber trabalhar em equipe, saber ouvir, saber delegar, cumprir aquilo que tá estabelecido... ser responsável com as entregas pelas quais se comprometem” (D01)</p>
Desenvolvimento Pessoal (A02, A04 e A07)	<p>“Olha, o principal é ética, né, eu acredito que isso em qualquer profissão, mas eu sempre passo pra eles quando a gente trabalha com licenciamento ambiental, tudo, a a ética e a postura profissional deles...”(D03)</p> <p>“Honestidade. Acredito que uma pessoa não pode...”</p>

(conclusão)

	se não for uma pessoa ética e levar tudo na ponta da caneta, entendeu?”(A04)
--	--

Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatos dos entrevistados.

Conforme já exposto no arcabouço teórico desta pesquisa, a intenção empreendedora compreende as atitudes pessoais, as normas subjetivas e o controle de comportamento percebido (LIÑÁN; CHEN, 2009). As atitudes pessoais, segundo Souza (2015) e Utami (2017), retratam a interpretação que o indivíduo tem de si mesmo e de suas atitudes frente ao comportamento empreendedor.

Retomando para o contexto deste trabalho, foi solicitado aos professores que refletissem a respeito do comportamento empreendedor dos alunos frente às atividades propostas na disciplina de Atitude Empreendedora, algumas destas reflexões podem ser observadas nos trechos a seguir:

“Eu avalio da forma de que uma diversidade que qualquer grupo pode apresentar. **Tem alunos que percebem, absorvem e refletem seriamente** quanto é importante essa transformação na visão deles, pra aqueles que não tem essa transformação ainda; pra aqueles que já são, por natureza, empreendedores, que já se desafiam, que vão a luta, é mais uma disciplina, mais uma atividade que passa; e **tem aqueles que a vida inteira vão ficar à margem dos processo e vão ser, na minha percepção, considerados profissionais de segunda linha**, que simplesmente, passivamente se comportam e tentam não se modificar, vão levando a vida de uma forma muito cômoda e acomodada. Em algum momento da vida vão ser cobrados e infelizmente assim caminha a humanidade.” (D01)

“**Eu acho que melhorou muito**, inclusive teve uma menina, uma história que foi interessante, no primeiro dia quando tu vieste aplicar aquele questionário que a gente chamou o XX também. O XX observou que a turma era apática, que ele conversava com a turma assim e eles eram mega apáticos. Eu tive que concordar plenamente com ele, mas não é só essa turma... a apatia é uma coisa muito geral assim em diversas turmas de estatística, turmas diferentes. E... eu acho que eles foram dando uma melhorada, assim, ao longo do semestre, como eu falei eles participaram das atividades que foram propostas então, eu acho que deu uma.. abriu um pouquinho as asinhas deles assim, talvez não muito mas acho que deu uma incrementada, sim.” (D02)

“**Se eu tivesse que dar uma nota, seria bem próxima de 10.** Eu acho que com o que a gente visualizou, eles vinham muito na minha sala, sempre, tudo que eles iam fazer, iam lá, “ah, prof., olha aqui, a gente tem,... vamos dar um certificado de amigo do meio ambiente pro pessoal da CEU... vamos entregar uma faixa de amigo do meio ambiente... ah, e as pessoas que não forem contempladas no sorteio a gente pode pegar pelo menos umas caixas de bombom e dar pelo menos 2 pra cada pessoa pra todos se sentirem prestigiados, então eu acho que eles evoluíram muito nessas atividades, eles começaram a pensar em equipe, trabalhando junto com o grupo, quando foram desenvolver as atividades, distribuíram pra cada pessoa, você é responsável por isso e você por aquilo e essa organização toda, esse planejamento que fez com que eles alcançassem êxito, eles tinham inicialmente alguns objetivos e

atingiram esses e mais ainda os que eles nem sabiam que existiam, então foi bem além do esperado.” (D04)

Com base nos relatos, percebem-se que a avaliação dos docentes, na maioria dos casos, foi positiva no que se refere ao comportamento empreendedor dos alunos, o que pode sinalizar que a disciplina proporcionou estímulos às habilidades adquiridas a partir do processo de aprendizagem vivenciado. Na mesma linha de raciocínio, foi proposto que os alunos fizessem uma auto-avaliação a respeito do seu comportamento frente às atividades didáticas da disciplina e os resultados podem ser visualizados no quadro 10.

Quadro 10 – Atitudes pessoais – alunos

(continua)

Ent.	Trechos dos relatos
A01	“ Foram empreendedoras. Acho que toda turma foi empreendedora, pelo menos na disciplina foram né. Eu acho que mesmo com cada um nas suas dificuldades, cada grupo tendo o seu projeto, souberam desenvolver bem, sabe. Souberam buscar o que precisava, o que poderia ser feito, como melhorar... então acho que isso é um empreendedor né.. que sabe como fazer as coisas.”
A02	“... Acredito que nu... num primeiro momento eu era zero de empreendedor, e como eu fui entendendo e conhecendo acredito que eu tenha melhorado muito nessa parte porque eu entendi pelo menos o que, o que os professores nos queriam passa ou o que que eles queriam nos transmitir , e daí depois, tendo essa, essa informação nós conseguimos trabalhar, o grupo conseguiu trabalhar e nós...e eu principalmente também, hã, desenvolvi, várias etapas que eu não... que eu não saberia fazer sozinho mas com os suportes do grupo pesquisando acredito que eu desenvolvi bem, questão de planejamento, de gerenciamento, até de, não só manda mas também recebe a ordem e, e faz né dos outros, acredito que isso valorizo bastante.”
A03	“... Então pra mim foi isso, a minha atitude foi ser proativa porque você tem que ver muita coisa que tá acontecendo e você tem que ir atrás, não vai ficar esperando que seu professor vai dizer porque você sabe o que que tem que fazer. Então o que ele precisou de ajuda eu tava aí. Então eu fui... a minha palavra sobre essa disciplina e sobre o que eu fiz é que eu fui proativa, e se eu continuar né como eu trabalho, é como eu gosto de ser proativa e que não precisem me dizer o que eu tenho que fazer, é enxergar o que eu posso fazer e vou lá e faço. ...”
A04	“Se tu me perguntasse isso a um ano e meio atrás eu diria uma *****, com perdão da palavra, hoje eu até acho que tá num caminho legal, ela tá evoluindo... podia tá melhor? Podia, podia tá pior? Podia também. É melhor do que eu já estive um tempo atrás e pior do que eu vou estar daqui um tempo, entendeu?”
A05	“Eu acredito que sim, sempre que ele propor uma coisa, por mais diferente que fosse, eu tentei experimentar. Como o poker não foi algo novo mas foi algo diferente, que eu nunca tinha pensado em trabalhar em sala de aula, então, mas sempre busquei me empenhar naquilo ali até pra ver no que ia dar, que resultado ia dar. Eu achei bem interessante.”
A06	“ A minha atitude, bom eu que tive a ideia do meu grupo eu... a gente... hã... o meu grupo a gente apresentou varias problemas, eu que dei essa ideia de abigeato né, por que eu acho que onde há roubo a como combater e além disso é uma solução que... que seria rentável né por que o dispositivo custa bem menos que um... um... gado que é roubado, então acho que isso foi bem... foi uma ideia boa, uma ideia interessante que eu tive. Os outro colegas também tiveram ideias bem interessantes eu achei..”

(conclusão)

A07	“ Na disciplina eu tava levando meio nas coxas agora , até o último mês que a gente participou do desafio e aí o projeto tomou um corpo mais robusto e aí eu foquei em melhorar pitch, melhorar essas coisas, sabe, postura e tal. Foi o que me deu o click, assim.”
A08	“ Ah eu to sendo... eu não fui e nem vou ser, eu to sendo . Então, eu sempre soube que tinha o perfil mas agora descobrindo que é o que eu quero mesmo. Digamos que junto com meu click, a ideia, eu precisei da matéria pra dar o click também . Então eu acho que é essa ideia aí.”

Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatos dos entrevistados.

Com base no Quadro 11, observa-se uma tendência positiva no que tange a avaliação pessoal dos alunos. Esta evidência encontra sustentação na teoria exposta a respeito deste tema. Liñán e Chen (2006; 2009), Naia (2013), Almeida (2013), Utami (2017) e Al-Shammari (2018), argumentam que as atitudes pessoais positivas influenciam a intenção empreendedora. A atitude ou crença perante um comportamento, neste caso o empreendedor, corresponderá a avaliação favorável que os alunos fizeram do seu desempenho.

Outro argumento que pode ser inferido, com base nos trechos de fala destacados, é que se pode perceber diferentes conceituações a respeito do comportamento empreendedor na percepção dos alunos entrevistados. Por exemplo, para o entrevistado A01 o indivíduo é empreendedor quando realiza suas atividades de forma eficaz, já para A06 ter criatividade e ideias inovadoras significa ser empreendedor. Conforme já exposto neste trabalho, resgata-se o efeito singular das práticas didáticas no processo de aprendizagem de cada indivíduo. Para Oliveira e Barbosa (2014), o entendimento da subjetividade dos estudantes deve ser um fator a ser considerado para a elaboração das práticas didáticas e para o desenvolvimento do processo de formação dos alunos.

Outro fator que compõe a intenção empreendedora são as normas subjetivas, a qual se refere, segundo Ajzen (2001), em que medida a pressão social percebida influencia a manifestação - ou não - de comportamentos empreendedores. Este fator se refere, especificamente, à percepção do indivíduo sobre a aprovação das suas “pessoas de referência” para se tornar empreendedor ou não (LIÑÁN; CHEN, 2009; LIÑÁN, 2008; NAIA, 2013). Segundo estes autores, as normas subjetivas afetam diretamente a atitude pessoal, visto que, considerando-se o capital social, argumenta-se que os valores percebidos nas “características de referência” causariam percepções mais favoráveis em relação às atitudes pessoais (COOPER, 1993; MATTHEWS; MOSER, 1995; LIÑÁN; CHEN, 2009; AL-SHAMMARI, 2018).

A percepção em relação à pressão social foi analisada na perspectiva dos alunos da disciplina de Atitude Empreendedora, conforme observa-se no Quadro 11. Para melhor

compreensão dos relatos, ressalta-se que os alunos A03, A05, A06, A07 e A08 já abriram seu próprio negócio ou estão em processo de abertura do mesmo.

Quadro 11 – Normas subjetivas – alunos

(continua)

Ent.	Trechos dos relatos
A01	<p>“Não teve pressão assim.. na verdade meus pais que falaram “tu vai fazer isso, vai fazer aquilo” e deu sabe.. Na verdade foi assim, eu queria ter ido pra Santa Maria, aí eles não deixaram. Aí eu queria ter ido, pelo ENEM eu queria ter ido pra estudar na UERGS mas lá em São Luiz Gonzaga aí também não deixaram porque era muito longe. Aí eles falaram “Tu vai ir pra Frederico que lá tem UFSM também”. Aí eu vim pra cá daí florestal, engenharia florestal tinha por tudo que é canto na minha cidade, agronomia já tinha parente fazendo, então “Vamo faze uma coisa nova. Vamo fazer engenharia ambiental”. Daí eles apoiaram, falaram que era uma boa escolha, daí eu pensei “então vamos tentar. Eu não queria ter vindo pra cá né, então eles que botaram pressão pra eu vir pra cá, aí então, meio que foram eles que escolheram meu curso porque eles não iam querer que eu fizesse uma coisa que já tinha alguém na família que tivesse fazendo então.”</p>
A02	<p>“Não, deixaram bem claro desde o início que o que eu quisesse faze eles iam me apoia. Hã... a minha mãe só queria que alguém fizesse um curso na área de saúde, então já que a minha irmã foi pra esse lado então eu acredito que que pra ela eu fiquei livre e pro meu pai o que eu fizesse ele estaria de... de acordo comigo. Mas hoje eles super apoiam, eu to fazendo Agronomia, e tanto que se eu quisesse troca eles também me apoiariam, eles não... não teria nenhum problema, só dando a resposta pro que eles queiram e no final acho que isso aí já... já ta... já ta valendo e eu tando feliz e contente com o que eu faço já, pra mim já... já ta de bom tamanho.”</p>
A03	<p>“... começou a pressão em cima da matemática por parte do restante da família, então teve pressão, tem, só que eu sou muito firme nas minhas decisões, quando eu quero uma coisa eu vou fazer aquela coisa e não importa se você... é querer mudar a minha opinião daquilo que eu quero fazer, se eu quero fazer aquilo, eu vou fazer aquilo. Pai, mãe, a minha irmã, sabem que eu sou assim, a família toda sabe então se eu quero fazer relações públicas eu vou fazer relações públicas, se eu quero parar porque eu acho que eu preciso de um complemento pra voltar, eu vou fazer isso e vou voltar depois..”</p>
A04	<p>“Eu diria que isso depende muito da mentalidade. Se fosse uns anos atrás eu diria que a pressão é horrível, hoje em dia não to nem aí, termino quando eu tiver que terminar, vou me esforçar pra terminar, vou, com certeza, mas não vou enlouquecer que nem uns colegas que inventam de fazer somente três matérias num semestre, eu não vou mais pirar por causa de tio e tia que fica perguntando quando vem a formatura, entendeu? Chega, já passei dessa fase, mas uns anos atrás isso me preocupava bastante. Hoje eu não sinto mais tanta pressão, apesar... a pessoa que eu sinto mais, que tá mais perto de mim é a mamãe, mas de resto to nem aí.”</p>
A05	<p>“Pressão nunca tive. Já pro lado negócio, daí é bem isso. Como tem coisas que só eu sei como é que vai ocorrer e tal, tu percebe, bá minha família não tem esse lado empreendedor, eles sempre, meus pais foram funcionários públicos, a minha irmã é professora, meus dois irmãos são autônomos. Todo mundo é funcionário, autônomo talvez seja um pouco mais perto de empreender mas mesmo assim, eles sempre foram empregados de algum lugar. Então, bá tu colocar na cabeça “eu vou empreender, vai dar certo”, é um pouco mais complicado. Eles tem um receio, de certo modo relativamente grande mas nunca me barraram nada. É só ficar nessa questão do receio mesmo. De amigos não... mais me desejam sorte mas nunca questão pressão que eu sinto mais é nessa lado da família, mais por essa questão do receio do que “bá não vai dar certo”. Não é nesse lado, é mais no sentido de preocupação.”</p>

(conclusão)

A06	“É... eu não tive pressão, eu escolhi por minha vontade mesmo, acho que a única pressão que eu tenho é de me formar mesmo, que é muito cobrado né, por que eu pago aluguel , tu tem o teu sustento aqui em Santa Maria, eu... por não ter passado em primeiro vez no vestibular por ter rodado uma vez, então tenho um pouco mais de idade que os meus colegas tem, então eu me cobro também e minha família me cobra também, então logico que isso é uma forma.... uma pressão que eu tenho de me formar.”
A07	“ Pra empreender, eu não tenho certeza como que é a opinião porque... desde que eu realmente comecei com essa história, não encontrei mais com eles ao vivo. Mas eu acho que não tem tanto problema assim. A minha mãe também tinha uma empresa, o meu pai, meu pai não liga eu acho... E aí eu acho que, a minha irmã me dá bastante apoio. Eu acho que, acho que do jeito que o Brasil vai, o pessoal tá vendo que engenheiro tem mais lugar pra trabalhar por si do que trabalhar pra uma empresa recebendo... meu amigos receberam proposta de R\$1.400,00 como engenheiro, sabe. Ganha mais trabalhando no McDonald's. Então acho que empreender tá, tá meio em voga..”
A08	“Ah... não. Acho que a maior pressão veio de mim, sabe, não muito deles. Por exemplo, eu to agora com a empresa, daí eu disse “mãe, óh... eu tenho 6 meses de aceleração. Tenho que focar nisso aí”, “o curso... não tem problema, atrasa”. O que que a dianta a gente se formar em 5 anos pra depois descobrir que aquilo não era o certo. Claro, vou entrar numa parte bem pesada mas... a gente tá novo né. As vezes não é “ah tem que se formar e tal”. Acho que tudo tem seu tempo, sabe.”

Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatos dos entrevistados.

A partir dos trechos de falas destacados no Quadro 12, percebe-se que muitos entrevistados - A01, A02, A03, A04 e A06 - afirmaram que a família exerce pressão sobre as questões profissionais destes alunos. No entanto, conforme exposto na teoria a respeito deste tema, as normas subjetivas consistem em qual medida esta pressão social influencia no comportamento do indivíduo, ou não (LIÑÁN; CHEN, 2009; SOUZA, 2015; UTAMI, 2017). Nesse sentido, conforme pode-se observar nos relatos, apenas os entrevistados A01 e A06 confirmam sofrer influência a partir da pressão de seus familiares nas questões que tangem a vida profissional deste estudante. Os demais alunos, ou não percebem esta pressão social, ou não são influenciados por ela.

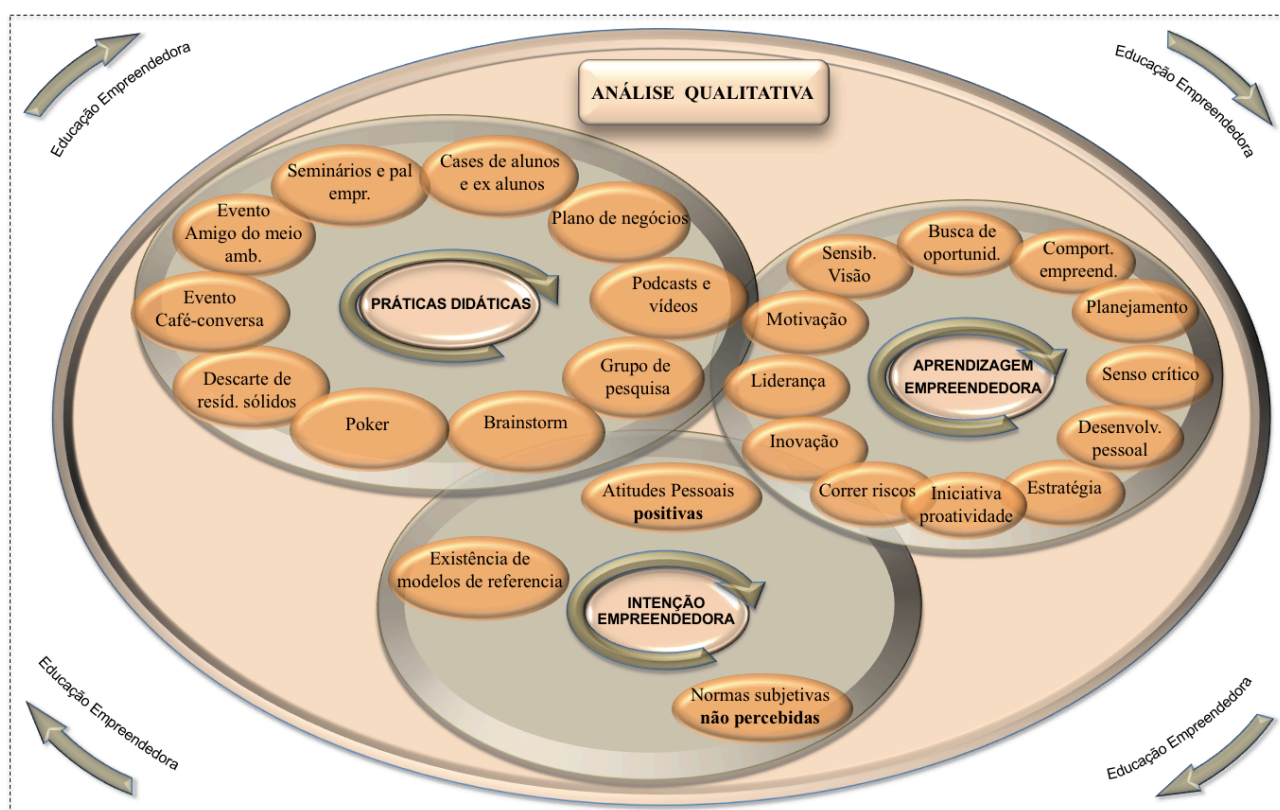
A partir disso, salienta-se que grande parte dos entrevistados não percebe as normas subjetivas como fator influente em suas decisões de carreira seja para tornar-se empreendedor ou não.

A partir do encerramento desta última categoria, buscou-se apresentar uma sumarização dos principais resultados encontrados na análise deste trabalho.

Sumarização dos resultados da análise qualitativa

Com o objetivo de facilitar a compreensão e sintetizar os resultados obtidos a partir da análise das categorias a priori apontadas para este trabalho, propõe-se a Figura 14.

Figura 14 – Análise qualitativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Com base na Figura 13 a qual expõe as três categorias analisadas – Práticas didáticas; Aprendizagem Empreendedora e Intenção Empreendedora - pode-se inferir que, aparentemente, houve contribuição das disciplinas de Atitude Empreendedora no comportamento empreendedor dos alunos. A utilização de práticas didáticas diferenciadas pautadas na experiencição puderam contribuir para o processo de aprendizagem empreendedora dos estudantes o que, possivelmente, afetou na intenção empreendedora desses indivíduos.

Na categoria “Práticas didáticas” os docentes evidenciaram, em primeiro lugar, a preocupação em desenvolver a disciplina e seus recursos didáticos embasados em diferentes perspectivas. Oliveira e Barbosa (2014) apontam que adotar diferentes prática didáticas

refere-se à uma técnica adequada quando se trata de promover a educação empreendedora como objetivo. A primeira técnica didática abordada e relatada pelos estudantes consistiu em Seminários e palestras com empreendedores. Esta, segundo Silva e Pena (2017) é uma prática adequada visto que transmite conhecimentos com base nas experiências de vida dos empreendedores. Tal prática utilizada na disciplina de Atitude Empreendedora no curso de Engenharia de Controle e Automação foi trabalhada em conjunto com a prática de “cases de alunos e ex-alunos”, ambas focadas na orientação dos alunos para elaborar um plano de negócios. Para o curso de Engenharia Sanitária e Ambiental, os seminaristas foram convidados a dividir suas histórias de vida e conhecimentos adquiridos durante sua trajetória. Prática com resultados similares e proposta para os alunos da disciplina de Atitude Empreendedora na Estatística, consiste na utilização de *podcasts* e vídeos que permite aos alunos a obtenção de conhecimento a partir de pessoas de referência dos temas tratados.

Outro recurso utilizado foi a metodologia de resolução de problemas que, para Friedlander (2004) permite que os alunos desenvolvam capacidades como: pensamento crítico, construção a partir das próprias perspectivas, de saber selecionar informações e aplicá-las de modo adequado. A referida técnica foi utilizada para os alunos de Atitude Empreendedora dos cursos de Estatística e Engenharia Sanitária e Ambiental. No primeiro, foi solicitado que os alunos, a partir da técnica de *brainstorm*, levantassem um assunto pertinente ao curso que poderia ser fruto de uma pesquisa acadêmica. O docente intitulou esta atividade como sendo “Laboratório de pesquisa”. No curso de Engenharia Sanitária e Ambiental foi proposto aos alunos desenvolver uma pesquisa e no segundo os alunos foram orientados a trabalhar com o gerenciamento e correto descarte dos resíduos sólidos do campus da universidade em FW, os grupos de aluno, de acordo com as atividades propostas, realizaram outras duas atividades didáticas – evento: café-conversa e evento: amigo do meio ambiente -.

O plano de negócios foi a outra atividade desenvolvida pelos alunos da Engenharia de Controle e Automação e descrita nas entrevistas. Para Dornelas (2016) consiste em uma técnica fundamental para ensinar ao aluno elaborar um plano detalhado a partir de sua ideia. Outro método de ensino relatado pelos alunos e utilizado em uma das disciplinas de Atitude Empreendedora foi a utilização de jogos, especificamente o ensino do jogo de *poker*, aplicadas aos alunos de estatística. O *poker* permite o desenvolvimento de habilidades como: resolução de problemas, capacidade de controle de emoções avaliação para assumir riscos e estratégia (TENDLER; CARTER, 2011).

Na categoria “Aprendizagem empreendedora”, os professores das disciplinas de Atitude Empreendedora relataram ter como principal foco o ensino do agir, pensar, se questionar a respeito de suas experiências passadas, de suas realidades, e de como estas, em conjunto, influenciarão no seu futuro. Este enfoque de aprendizagem empreendedor encontra suporte na perspectiva defendida por Rae (2004) o qual traz a aprendizagem empreendedora como sendo parte de um processo o qual a compreensão do contexto do indivíduo se faz necessária.

Os alunos entrevistados relataram inúmeras habilidades desenvolvidas possivelmente pela disciplina de Atitude Empreendedora, tais como: Sensibilização/visão, busca de oportunidade, planejamento, senso crítico, estratégia, iniciativa/proatividade, correr riscos, inovação, liderança e motivação. Além destas características citadas pelos alunos, outras foram evidenciadas a partir da interpretação das falas, como: Comportamento empreendedor e desenvolvimento pessoal. Ressalta-se que algumas destas características desenvolvidas possuem identificação similar aos indicadores de Atitude Empreendedora propostos por Souza e Lopez (2005).

Na última categoria proposta para este estudo – Intenção empreendedora – evidenciou-se a partir da fala dos entrevistados a existência de modelos de referência apontados tanto pelos docentes quanto pelos alunos e que, segundo Oguntimehin e Olaniran (2017), podem influenciar positivamente na intenção empreendedora. Ainda nessa perspectiva, ressalta-se que muitas características citadas como modelos de referência, foram similares às habilidades desenvolvidas nos alunos a partir da disciplina de Atitude Empreendedora. Ainda nesta categoria, foi evidenciado que os alunos detêm percepções positivas frente à sua atitude como empreendedora. Por fim, referente às normas subjetivas, os alunos apontaram não sofrer influência de familiares e amigos para exercer atividades empreendedoras.

Com o objetivo de conferir maior fidedignidade à análise dos dados expostas, e conforme já mencionado nos procedimentos metodológicos, o presente trabalho contempla além da análise qualitativa, a análise quantitativa dos dados. Esta última será tratada na próxima seção.

6.2 ANÁLISE DA ABORDAGEM QUANTITATIVA

Resgatando-se os passos de análise adotados, apresenta-se a seguir, em ordem de execução, cada um desses:

1. Realização das coletas – no início e no final do semestre;
2. Tabulação dos dados;
3. Análise dos dados.

6.2.1 Realização das coletas

As coletas ocorreram a partir do contato prévio, por e-mail, com os docentes das disciplinas. Neste contato foi solicitado um intervalo de tempo durante a disciplina de Atitude Empreendedora para que os alunos respondessem ao questionário. Conforme já exposto nos procedimentos metodológicos desta pesquisa, ressalta-se que a coleta ocorreu em dois momentos. O primeiro, no início da disciplina (Coleta A), nos meses de agosto e setembro de 2017 e o segundo momento, ao final das atividades da mesma (Coleta B), ocorreu no mês de dezembro de 2017. Visto que foi proposto trabalhar com a população, todos os alunos que estavam presentes durante as coletas foram convidados a participar respondendo o instrumento de coleta de dados. A relação do número de instrumentos coletados no início e no final da disciplina de Atitude Empreendedora é exposta na Tabela 4.

Tabela 4 – Relação dos dados coletados na etapa quantitativa

Código	Disciplina	Curso	Coleta A	Coleta B
1	Atitude Empreendedora para Controle de Automação	Engenharia de Controle de Automação	13	16
2	Atitude Empreendedora para Ciências Ambientais	Engenharia Sanitária e Ambiental	12	17
3	Atitude Empreendedora na Estatística	Estatística	9	9
-	TOTAL	-	34	42

Fonte: Elaborado pela autora.

6.2.2 Tabulação dos dados

Após a coleta, os dados foram tabulados utilizando o software Excel. As tabulações foram divididas por curso e por período de coleta. Com a finalidade de facilitar a leitura dos dados após análise, optou-se por tabular os dados utilizando codificações específicas para enumerar questões nominais, por exemplo, a resposta “sim” corresponde ao número 1, da mesma forma o “não” se refere ao número 2.

6.2.3 Análise dos dados

Esta etapa da pesquisa compreendeu no tratamento estatístico dos dados coletados pertencentes à etapa quantitativa do estudo. Com o objetivo de facilitar a compreensão, optou-se por apresentar os resultados desta etapa em dois tópicos: (i) Caracterização do perfil dos respondentes e (ii) análise do Questionário de Intenção Empreendedora, os quais serão tratados a seguir. Além desta divisão, salienta-se que os referidos tópicos estão subdivididos pelos cursos correspondentes às disciplinas de Atitude Empreendedora – Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Sanitária e Ambiental e Estatística.

6.2.3.1 Caracterização do perfil dos respondentes

Conforme já exposto, em relação à população pesquisada na etapa quantitativa, os dados foram coletados em três disciplinas de Atitude Empreendedora, pertencentes aos cursos de Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Sanitária e Ambiental e Estatística e também em dois momentos, no início (Coleta A) e no final (Coleta B) das referidas disciplinas. Ao total dessas três disciplinas, foram coletados dados de 34 alunos no início e de 42 alunos no final. Evidencia-se que, apesar da tentativa da pesquisadora em comparar os mesmos indivíduos que iniciaram e terminaram a disciplina de Atitude Empreendedora, conforme será exposto, algumas diferenças de população são percebidas – Disciplinas 1 e 2 - e isso se deve ao fato de que muitos alunos não estavam presentes ou no dia em que ocorreu a primeira coleta, ou na segunda coleta, no final da disciplina. Tal fato explica as diferenças de percentual na caracterização do perfil.

(1) Engenharia de Controle e Automação

Na primeira coleta (A), a população é composta por 13 alunos, dentre esses, 12 pessoas são do gênero masculino e 1 do gênero feminino. Cerca de 69,2% estão entre os 20 e 23 anos de idade, 23,1% entre 24 e 27 anos e 7,7% de 16 e 19 anos. Quanto ao estado civil, todos os respondentes são solteiros. 10 indivíduos (76,9%) afirmaram não possuir experiência profissional.

Relativa à segunda coleta (B) dos alunos da disciplina de Atitude Empreendedora referente ao curso de Engenharia de Controle e Automação, a população foi composta por 16 indivíduos, sendo as 16 pessoas do gênero masculino (100%). No que se refere a faixa etária, 75% dos pesquisados possuem idade entre 20 e 23 anos, 18,8% dos pesquisados possuem entre 24 e 27 anos e 6,3% com mais de 28 anos. Em relação ao estado civil, os solteiros representam 93,8% dos respondentes (15 alunos). Quanto a experiência profissional prévia, 81,3% dos respondentes (13 alunos) afirmam que não possuem experiência profissional. Os resultados das coletas A e B podem ser visualizados na Tabela 5.

Tabela 5 – Caracterização do perfil dos respondentes (1)

Variáveis	Pesquisados	COLETA A		COLETA B	
		Frequência	%	Frequência	%
Gênero	Masculino	12	92,3%	16	100%
	Feminino	1	7,7%	0	0
Faixa Etária	16-19	1	7,7%	0	0
	20-23	9	69,2%	12	75%
	24-27	3	23,1%	3	18,8%
	28+	0	0	1	6,3%
Estado Civil	Solteiro	13	100%	15	93,8%
	Casado	0	0	1	6,3%
Curso	Eng. Controle e Automação	13	100%	16	100%
Experiência profissional	Sim	3	23,1%	3	18,8%
	Não	10	76,9%	13	81,3%

Fonte: Dados da pesquisa.

Além das perguntas de perfil, os alunos foram consultados a respeito de já ter cursado, ou não, disciplinas de empreendedorismo. Em relação a coleta A, 30,8% (4 afirmaram nunca ter cursado) e na coleta B, cerca de 81,3% (13). Outro questionamento realizado foi a respeito de o indivíduo ou alguém de sua família exercerem algum tipo de atividade empreendedora. Referente a coleta A, 46,2% (6) apontaram que sim e 53,8%(7) que não. De forma similar, na

coleta B, metade dos respondentes (50%) respondeu que sim e a outra metade que não. Estes resultados podem ser visualizados na Tabela 6.

Tabela 6 – Caracterização do perfil dos respondentes – Disciplina e atividade emp.

Variáveis	Pesquisados	COLETA A		COLETA B	
		Frequência	%	Frequência	%
Já cursou disciplina de Empreendedorismo	Sim	9	69,2%	3	18,8%
	Não	4	30,8%	13	81,3%
Já exerceu atividade empreendedora (entrevistado ou família)	Sim	6	46,2%	8	50%
	Não	7	53,8%	8	50%

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da análise da Tabela 5, pode-se traçar o perfil do aluno que participou da disciplina de Atitude Empreendedora para Controle e Automação: Homem, jovem, solteiro, sem experiência profissional. Com base na Tabela 6, percebe-se diminuição do percentual de indivíduos que já cursaram alguma disciplina de empreendedorismo. Na questão seguinte, por se tratar dos mesmos indivíduos e de um curto espaço de tempo para desempenhar a referida atividade, a maioria dos alunos apontaram não exercer nem existir na família alguém que exerça atividade empreendedora.

(2) Engenharia Sanitária e Ambiental

A coleta A é composta por 12 alunos, dentre esses, 9 são do gênero feminino e 3 do gênero masculino. Aproximadamente 8,3% destes indivíduos possuem entre 16 e 19 anos, 66,7% se encontram na faixa etária de 20 a 23 anos de idade, 16,7% entre os 24 e 27 anos e 8,3% mais do que 28 anos. Quanto ao estado civil, todos os respondentes são solteiros e 11 indivíduos (91,7%) afirmaram não possuir experiência profissional.

Na segunda coleta (B) dos alunos da disciplina de Atitude Empreendedora referente ao curso de Engenharia Sanitária e Ambiental, a população foi composta por 17 indivíduos. Desses, 76,5% são mulheres e 23,5% (4) são homens. A faixa etária predominante é de 20 e 23 anos. Em relação ao estado civil, os solteiros contemplam todos os respondentes (100%). Quanto a experiência profissional prévia, apenas 1 (5,9%) indica possuir experiência profissional, enquanto a maioria, cerca de 94,1% não possuem experiência profissional. Os resultados das coletas A e B podem ser visualizados na Tabela 7.

Tabela 7 – Caracterização do perfil dos respondentes (2)

Variáveis	Pesquisados	COLETA A		COLETA B	
		Frequência	%	Frequência	%
Gênero	Masculino	3	25%	4	23,5%
	Feminino	9	75%	13	76,5%
Faixa Etária	16-19	1	8,3%	1	5,9%
	20-23	8	66,7%	13	76,5%
	24-27	2	16,7%	2	11,8%
	28+	1	8,3%	1	5,9%
Estado Civil	Solteiro	12	100%	17	100%
	Casado	0	0	0	0
Curso	Eng. Sanitária e Ambiental	11	91,7%	16	94,1%
	Outros	1	8,3%	1	5,9%
Experiência profissional	Sim	1	8,3%	1	5,9%
	Não	11	91,7%	16	94,1%

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação a já ter cursado, ou não, disciplinas de empreendedorismo, na coleta A, 66,7% (8) afirmaram já ter cursado e na coleta B, cerca de 70,6% (12). Consultados a respeito de o indivíduo ou alguém de sua família exercerem algum tipo de atividade empreendedora, na coleta A, 8 (66,7%) apontaram que sim e na coleta B, 9 alunos (52,9%). Os resultados podem ser visualizados na Tabela 8.

Tabela 8 – Caracterização do perfil dos respondentes – Disciplina e atividade emp.

Variáveis	Pesquisados	COLETA A		COLETA B	
		Frequência	%	Frequência	%
Já cursou disciplina de Empreendedorismo	Sim	8	66,7%	12	70,6%
	Não	4	33,3%	5	29,4%
Já exerceu atividade empreendedora (entrevistado ou família)	Sim	8	66,7%	9	52,9%
	Não	4	33,3%	5	29,4%

Fonte: Dados da pesquisa.

Da mesma forma que na disciplina anterior, observando-se a Tabela 7 se estabelece um perfil do indivíduo que participou da disciplina de Atitude Empreendedora para Ciências Ambientais. Mulheres, de 20 e 23 anos, solteiras e sem experiência profissional. A partir da Tabela 8, salienta-se que o percentual de alunos que afirmaram já ter cursado alguma disciplina de empreendedorismo permanece similar, e o mesmo ocorre na questão seguinte.

(3) Estatística

A coleta A da disciplina de Atitude Empreendedora referente ao curso de Estatística, é composta por 9 alunos, dentre esses, constado mesmo número de mulheres (55,6%) e homens (44,4). Aproximadamente 22,2% destes indivíduos possuem entre 16 e 19 anos, 22,2% se encontram na faixa etária de 20 a 23 anos de idade, 11,1% entre os 24 e 27 anos e 44,4% mais do que 28 anos. Quanto ao estado civil, 66,7% dos entrevistados são solteiros e 33,3% são casados. 5 indivíduos (55,6%) afirmaram possuir experiência profissional.

Da mesma forma que na coleta anterior, a coleta B foi composta por 9 indivíduos. Desses, 55,6% são mulheres e 44,4% (4) são homens. A faixa etária dos 16 a 19 anos é de 33,3%, 20 e 23 11,1%, 24 e 27 anos é de 22,2% e acima de 28 anos é de 33,3%. Em relação ao estado civil, os solteiros contemplam 66,7% do total de respondentes. Quanto a experiência profissional prévia, metade dos indivíduos (55,6%) indicam que possuem experiência profissional, enquanto 44,4% não possuem experiência profissional. Os resultados das coletas A e B podem ser visualizados na Tabela 9.

Tabela 9 – Caracterização do perfil dos respondentes (3)

Variáveis	Pesquisados	COLETA A		COLETA B	
		Frequência	%	Frequência	%
Gênero	Masculino	4	44,4%	4	44,4%
	Feminino	5	55,6%	5	55,6%
Faixa Etária	16-19	2	22,2%	3	33,3%
	20-23	2	22,2%	1	11,1%
	24-27	1	11,1%	2	22,2%
	28-+	4	44,4%	3	33,3%
Estado Civil	Solteiro	6	66,7%	6	66,7%
	Casado	3	33,3%	3	33,3%
Curso	Estatística	9	100%	9	100%
Experiência profissional	Sim	5	55,6%	5	55,6%
	Não	4	44,4%	4	44,4%

Fonte: Dados da pesquisa.

Aproximadamente 55,6% dos alunos (5) afirmaram já ter cursado disciplinas de empreendedorismo, na coleta A, e na coleta B, o percentual aumenta para 77,8% (7). Além disso, 3 (33,3%) apontaram possuir ou ter alguém na que já exerceu algum tipo de atividade empreendedora, na coleta A, na coleta B este número sobe para 66,7%, o dobro de casos se comparado a coleta A. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 10.

Tabela 10 – Caracterização do perfil dos respondentes – Disciplina e atividade empreendedora

Variáveis	Pesquisados	COLETA A		COLETA B	
		Frequência	%	Frequência	%
Já cursou disciplina de Empreendedorismo	Sim	5	55,6%	7	77,8%
	Não	4	44,4%	2	22,2%
Já exerceu atividade empreendedora (entrevistado ou família)	Sim	3	33,3%	6	66,7%
	Não	1	11,1%	1	11,1%
	Não responderam	5	55,6%	2	22,2%

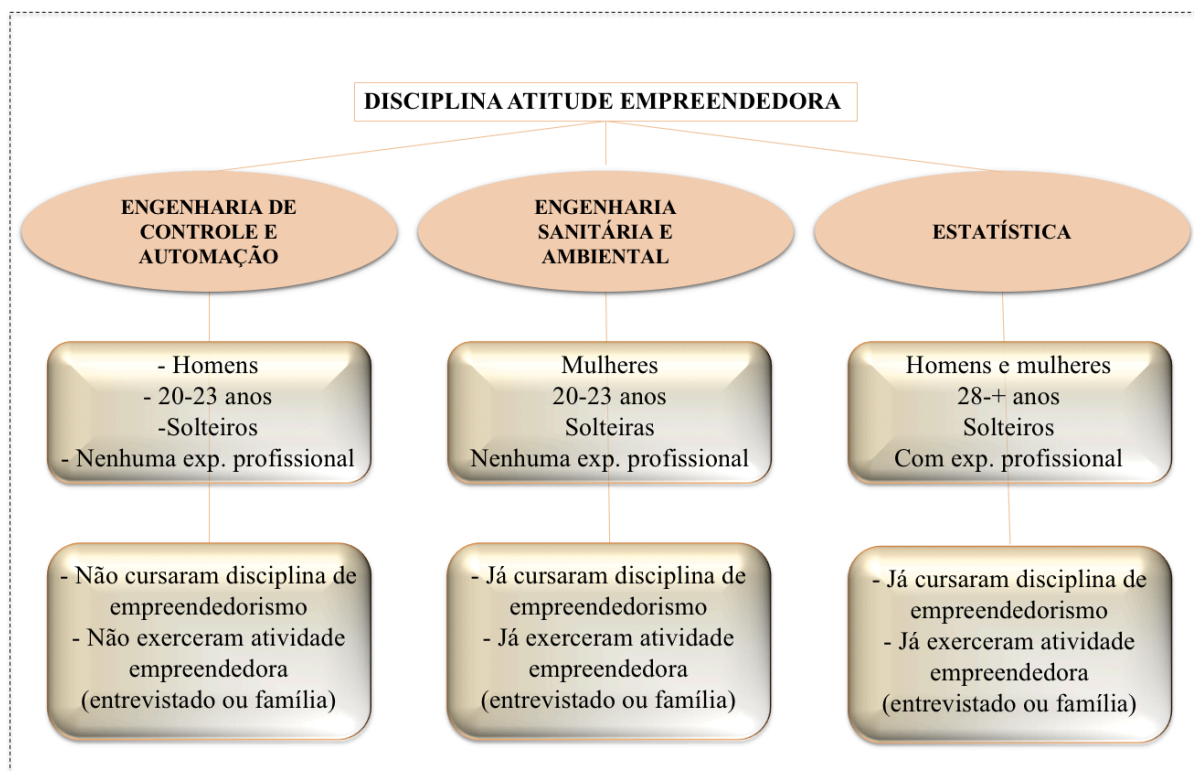
Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da análise das Tabelas 9 e 10, percebe-se que a turma de estudantes de Atitude Empreendedora do curso de Estatística são homens e mulheres, maiores de 38 anos, solteiros e com alguma experiência profissional. Ressalta-se que a coleta de dados quantitativos desta disciplina de Atitude Empreendedora foi a única entre as 3 pesquisadas que obteve 100% de êxito na coleta no início do semestre e no final. No bloco de questões seguinte, cerca de metade dos indivíduos pesquisados afirmaram já ter cursado disciplina de empreendedorismo.

Caracterização de perfil geral

Encerrando-se a discriminação das características dos alunos por curso e com base na frequência dos dados e perfil expostos, apresenta-se a sintetização dos perfis da presente pesquisa, na Figura 15.

Figura 15 – Perfis dos alunos das disciplinas de Atitude Empreendedora



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Com base na Figura 15, identificam-se diferentes perfis de alunos das disciplinas de Atitude Empreendedora. Após realizar a caracterização do perfil dos pesquisados, na sequência apresentam-se os resultados referentes a Intenção Empreendedora.

6.2.3.2 Análise do Questionário de Intenção Empreendedora

Com o objetivo de atender ao terceiro objetivo específico deste estudo – Identificar os níveis de Intenção Empreendedora dos alunos que cursaram a referida disciplina, no início e no final da mesma -, nesta seção serão expostas as análises do Questionário de Intenção Empreendedora, proposto por Liñán e Chen (2009), coletados nas disciplinas de Atitude Empreendedora dos cursos de Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Sanitária e Ambiental e Estatística.

Nesse sentido, para atender ao objetivo específico proposto, aponta-se que os dados serão tratados a partir de testes pertinentes à estatística descritiva, calculando-se os mínimos, máximos, médias, desvio padrão e variância para cada fator proposto – Atitude Pessoal,

Normas Subjetivas, Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora e também testes de médias entre os fatores de Intenção empreendedora e gênero.

Ressalta-se que cada fator do QIE possui limite mínimo e máximo próprio, isso ocorre devido a quantidade de itens respectivos, que varia de um fator para outro, conforme exposto na Tabela 11.

Tabela 11 – Limites mínimos e máximos dos fatores do QIE

Fator	Limite mínimo	Limite máximo
Atitude Pessoal	5	25
Normas Subjetivas	3	15
Controle de Comportamento Percebido	6	30
Intenção Empreendedora	6	30

Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, conforme já exposto, para facilitar a compreensão e manter a mesma sequência da seção anterior, optou-se por apresentar os atributos pertinentes à intenção empreendedora dos alunos por curso.

1) Engenharia de Controle e Automação

A análise dos resultados iniciou com o cálculo dos mínimos, máximos, médias, desvio padrão e variância dos fatores pertinentes aos instrumentos de Intenção Empreendedora, conforme exposto na Tabela 12.

Tabela 12 – Estatística descritiva – disciplina (1)

Estatística Descritiva	ATITUDES PESSOAIS		NORMAS SUBJETIVAS		PERCEÇÃO DE CONTROLE DE COMPORTAMENTO		INTENÇÃO EMPREENDEDORA	
	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B
Mínimo	10,0	13,0	9,0	10,0	12,0	9,0	11,0	12,0
Máximo	25,0	25,0	15,0	15,0	24,0	28,0	30,0	30,0
Média	20,385	22,0	13,0	13,250	18,923	17,063	22,846	23,375
Desvio Padrão	4,2728	3,3267	2,000	1,7321	3,6162	5,2722	5,8001	5,3774
Variância	18,256	11,067	4,000	3,000	13,077	27,796	33,641	28,917

Nº válido (Listwise): 13 (A) e 16 (B).

Fonte: Elaborado pela autora.

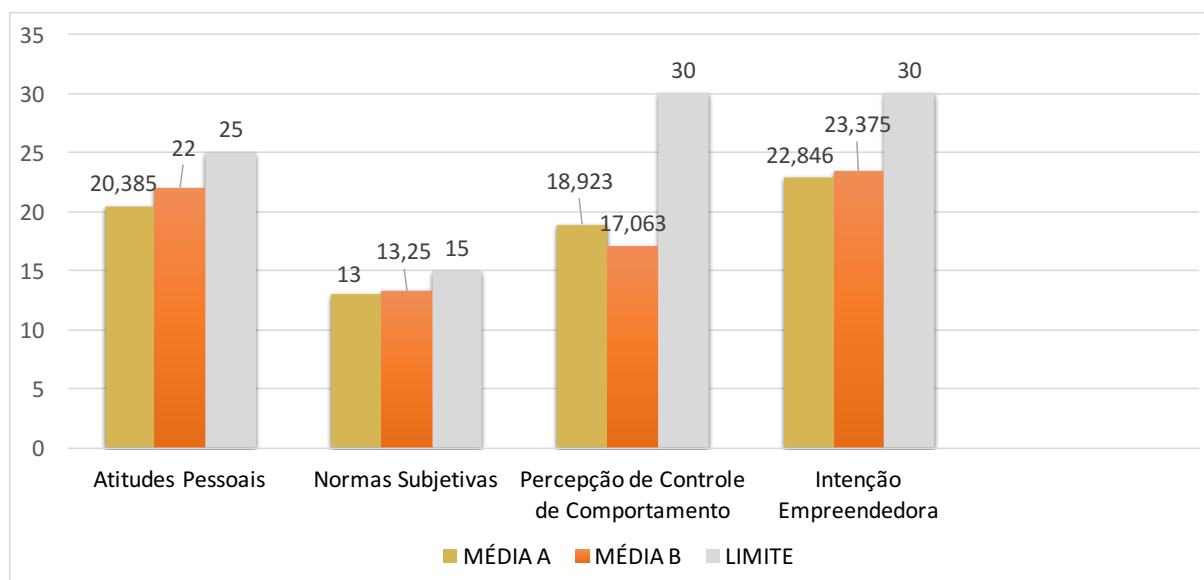
Tendo em vista que a coleta A se refere àquela realizada no início e a coleta B à coleta que ocorreu no final do semestre letivo com os alunos da disciplina de Atitude Empreendedora, a partir do gráfico é possível identificar aumento nas médias dos fatores que compõe o Questionário de Intenção Empreendedora de Liñán e Chen, 2009, o que pode indicar que a disciplina de Atitude Empreendedora, com a utilização das práticas didáticas demonstradas na análise qualitativa deste trabalho, contribuiu para o aumento de Intenção Empreendedora dos alunos da Engenharia de Controle Automação.

A partir da Tabela 12, também pode-se destacar que a maior variação de respostas ocorreu no fator “Percepção de Controle de Comportamento” e a menor variação se deu em “Normas Subjetivas”. Tal fato sugere que os alunos pesquisados têm maior consenso a respeito da pressão social frente às suas atividades profissionais, enquanto que a percepção das facilidades ou dificuldades de se tornar empreendedor demonstram ser mais variáveis de acordo com cada estudante.

Em relação às médias, destaca-se a diferença entre antes e depois das médias do fator “Atitudes pessoais”, nesse sentido, os alunos da disciplina desenvolveram melhores

avaliações pessoais a respeito de se tornar empreendedor. No Gráfico 1 constam estas médias dos fatores de Intenção Empreendedora.

Gráfico 1– Média dos fatores de Intenção Empreendedora – Disciplina 1 - QIE



N= 13 (A) e 16 (B)

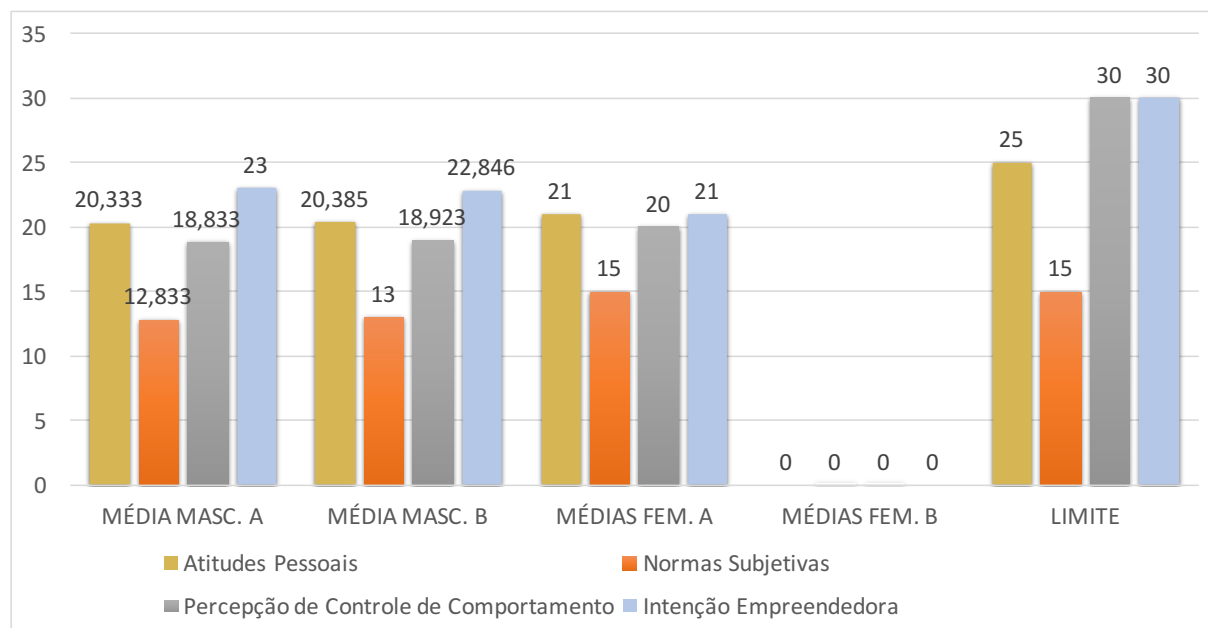
Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da Gráfico 1, salienta-se que o fator “Percepção de Controle de Comportamento” obteve as menores médias se comparado ao valor limite. Além disso, este fator foi o único entre os quatro que a média do início do semestre foi maior que a média do final. Tal fato pode indicar que os estudantes, após serem expostos às práticas didáticas de seminários e palestras com empreendedores, cases de alunos e ex-alunos e planos de negócios, identificaram a percepção de dificuldade para se tornar empreendedor e menor controle sobre seu comportamento para realizar tal atividade.

A média que mais se aproximou do limite máximo foi “Normas Subjetivas”, ou seja, os indivíduos demonstraram interpretar aprovação de familiares, amigos e colegas a respeito de se tornar empreendedor.

Visto que, alguns autores afirmam que o gênero representa um papel importante na determinação de Intenção Empreendedora dos indivíduos (DÍAZ-GARCÍA; JIMÉNEZ-MORENO, 2010; HAUS et al., 2013), apresenta-se, no Gráfico 2, a comparação de médias entre gênero e os fatores de intenção empreendedora.

Gráfico 2– Comparação de Média – Gênero X Intenção Empreendedora – Disciplina 1



N= 13 (A) e 16 (B)

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base no Gráfico 2, referente à coleta A, aponta-se que os indivíduos do gênero masculino apresentaram menos escores nos fatores de Atitudes Pessoais, Normas Subjetivas e Percepção de Controle de Comportamento, se comparado aos indivíduos do gênero feminino. No entanto, ainda com base na coleta A, a média dos homens para o fator Intenção Empreendedora foi maior do que a média das mulheres.

A partir disso, interpreta-se que ao início da disciplina, as mulheres detinham melhor avaliação pessoal do seu comportamento empreendedor, maior conhecimento a respeito da aprovação de familiares e amigos para seguir a carreira empreendedora e se sentiam mais aptas a controlar o referido comportamento, se comparado aos homens. Apesar de que esses fatores, segundo a teoria proposta por Liña e Chen (2009), influenciam a existência de intenção empreendedora, este, consistindo nos esforços pessoais que o indivíduo deve realizar para o comportamento empreendedor, são mais presentes nos homens.

Ressalta-se que as médias dos fatores do gênero feminino na coleta B foram zeradas visto que apenas indivíduos do gênero masculino responderam ao instrumento na segunda coleta.

A seguir, apresenta-se a análise referente à disciplina de Atitude Empreendedora no curso de Engenharia Sanitária e Ambiental.

(2) Engenharia Sanitária e Ambiental

Na Tabela 13 estão dispostos, os cálculos dos mínimos, máximos médias desvio padrão e variância de cada fator do QIE subdivididos por coleta – A e B-.

Tabela 13 – Estatística descritiva – disciplina (2)

Estatística Descritiva	ATITUDES PESSOAIS		NORMAS SUBJETIVAS		PERCEÇÃO DE CONTROLE DE COMPORTAMENTO		INTENÇÃO EMPREENDEDORA	
	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B
Mínimo	16,00	10,00	9,0	9,0	15,0	8,0	16,0	6,0
Máximo	25,00	25,0	15,0	15,0	25,0	28,0	27,0	30,0
Média	20,583	22,94	12,583	12,824	19,917	19,824	20,917	20,588
Desvio Padrão	3,3699	4,7928	2,1515	2,3515	2,9375	5,5704	3,2039	6,9016
Variância	11,356	22,971	4,629	5,529	8,629	31,029	10,265	47,632

Nº válido (Listwise): 12 (A) e 17 (B).

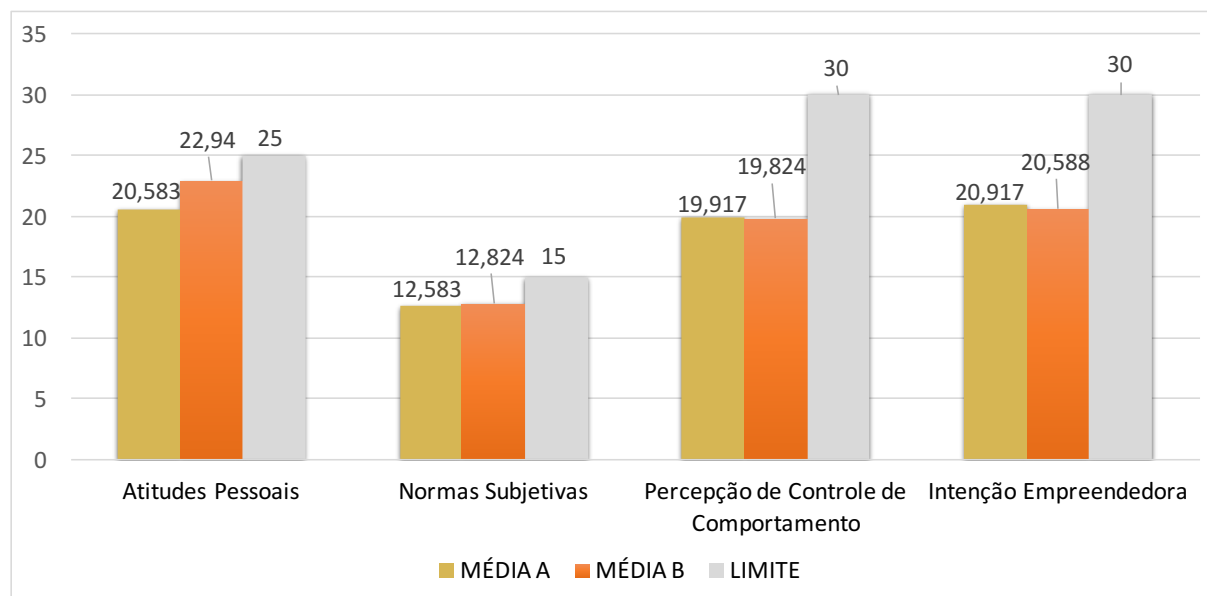
Fonte: Elaborado pela autora.

De forma similar à interpretação das médias da disciplina (1), os alunos da Engenharia Sanitária e Ambiental, em um panorama geral, apresentaram aumento das médias de alguns dos fatores de Intenção Empreendedora, se comparado à aplicação A, da aplicação B. Nessa perspectiva, a utilização das práticas didáticas de Seminários e palestras com empreendedores, Resolução de problemas e Organização de eventos, possivelmente contribuíram para o aumento dos escores dos fatores de Atitude Pessoal, Normas Subjetivas e Intenção Empreendedora.

Comparando-se as coletas A e B e suas respectivas variâncias, os fatores Atitudes Pessoais, Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora apresentaram grande variação de escores. No entanto, este último foi o que apresentou maior diferença. Tal fato demonstra a diferença do referido fator entre os estudantes, ou seja, enquanto alguns possuem “forte” presença de intenção empreendedora, em outros esta se apresenta como “fraca”.

Da mesma forma que no curso de Engenharia de Controle e Automação, a maior diferença de média ocorreu no fator “Atitudes Pessoais” que de 20,583 evidenciado na coleta A, atingiu o escore de 22,94 na coleta B. O gráfico a seguir (3), ilustra as médias do estudo.

Gráfico 3– Média dos fatores de Intenção Empreendedora - Disciplina 2 - QIE

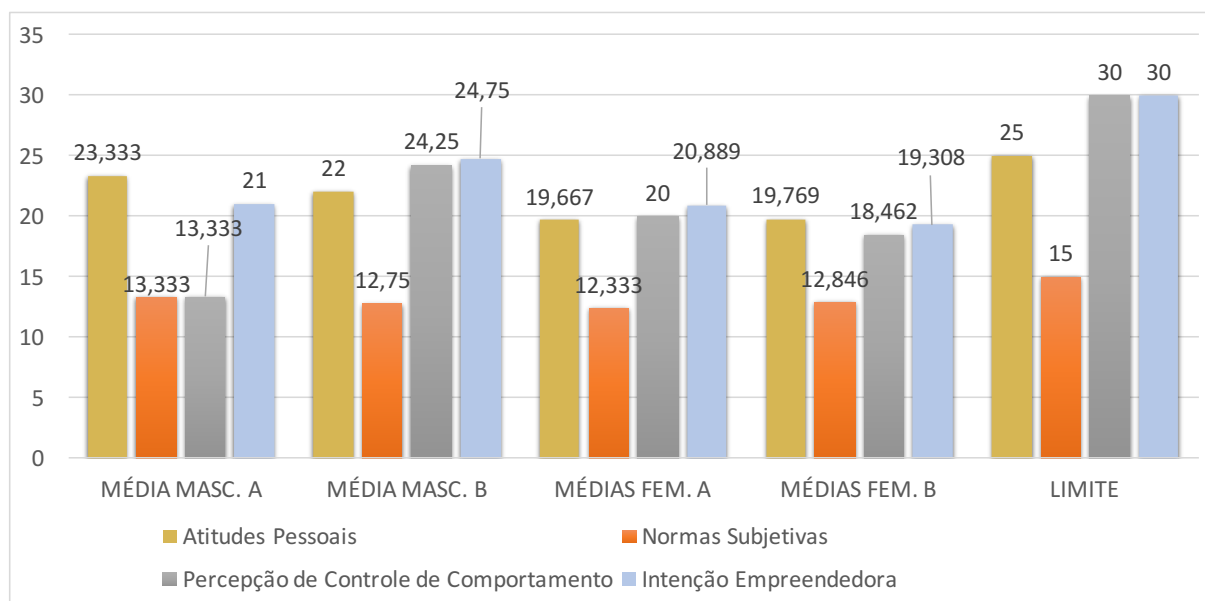


N= 12 (A) e 17 (B)

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base no Gráfico 3, percebe-se que, mais uma vez o fator “Percepção de Controle de Comportamento” obteve menores pontuações se comparado ao limite. Os alunos de Engenharia Sanitária e Ambiental apontaram sentir dificuldade para empreender. A média mais próxima ao limite máximo foi referente ao fator “Atitudes Pessoais”, isso denota que os pesquisados apresentam avaliação pessoa positiva frente a se tornar empreendedor. As Normas Subjetivas também apresentam escores elevados. Com base nisso, interpreta-se que os alunos, mesmo encontrando dificuldades para empreender, se auto-avaliam capazes e com apoio da família, amigos e colegas para realizar tal tarefa.

Gráfico 4 – Comparação de Média – Gênero X Intenção Empreendedora – Disciplina 2



N= 12 (A) e 17 (B)

Fonte: Elaborado pela autora.

Referente à coleta A, no Gráfico 4, é possível identificar que os alunos do gênero masculino obtiveram maiores médias nos fatores Atitudes Pessoais, Normas Subjetivas e Intenção Empreendedora, se comparado às médias do gênero feminino. Nesse sentido, os homens apresentam, melhor avaliação pessoal para se tornar empreendedor, percepção positiva frente à familiares para realizar tal atividade e maior intenção empreendedora. No entanto, percebem-se menos capazes de controlar o referido comportamento.

Após a realização das práticas didáticas propostas na disciplina de Atitude Empreendedora (Coleta B), as médias dos homens permaneceram maiores em todos os fatores se comparado às médias das mulheres, com exceção do fator “Normas Subjetivas”.

Além destas constatações, na análise por gênero, em ambos se percebe que alguns fatores obtiveram maiores médias no início da disciplina de Atitude Empreendedora, diminuindo ao final da mesma. Isso pode ser explicado pelo fato de que a disciplina, por utilizar práticas didáticas experienciais, fez com que os alunos vivenciassem e refletissem a respeito do comportamento empreendedor.

No próximo tópico, se dá continuidade a análise do instrumento para o curso de estatística.

(3) Estatística

A tabela a seguir (14), discriminam-se, em Coleta A e Coleta B, os cálculos dos mínimos, máximos, médias, desvio padrão e variância de cada fator do QIE na disciplina de Atitude Empreendedora na Estatística.

Tabela 14 – Estatística descritiva – disciplina (3)

Estatística Descritiva	ATITUDES PESSOAIS		NORMAS SUBJETIVAS		PERCEÇÃO DE CONTROLE DE COMPORTAMENTO		INTENÇÃO EMPREENDEDORA	
	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B
Mínimo	17,0	17,0	10,0	9,0	8,0	18,0	7,0	19,0
Máximo	25,0	25,0	15,0	15,0	27,0	29,0	28,0	30,0
Média	21,111	22,333	13,667	13,889	20,556	24,111	19,111	24,111
Desvio Padrão	2,6194	2,5981	1,7321	2,0883	5,5478	3,6553	7,9285	4,0449
Variância	6,861	6,750	3,000	4,361	30,778	4,0449	62,861	16,361

Nº válido (Listwise): 9 (A) e 9 (B).

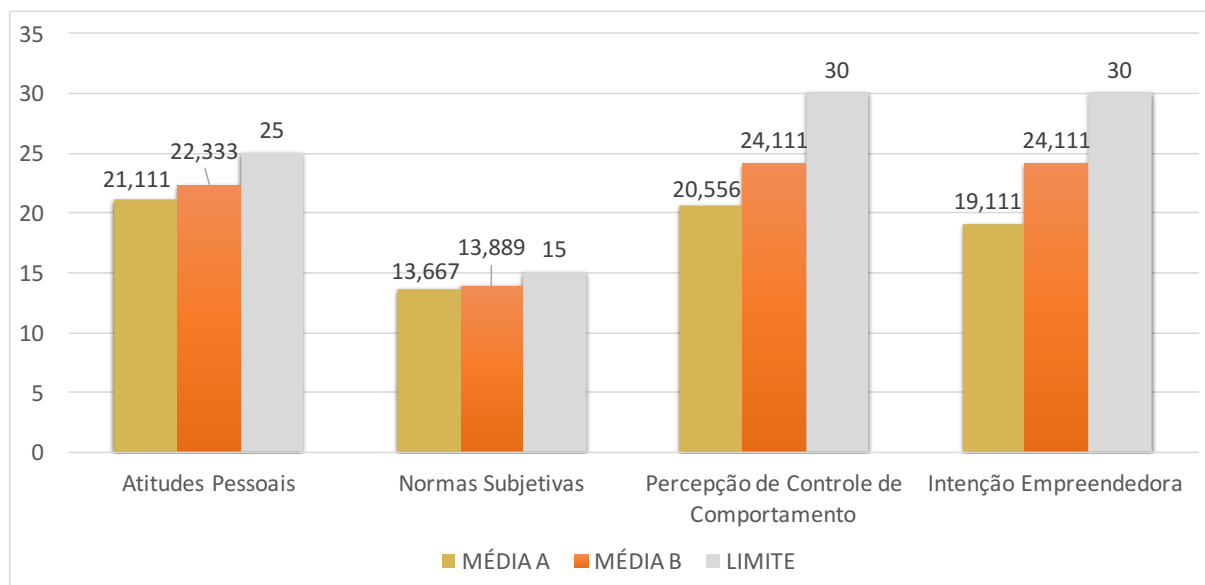
Fonte: Elaborado pela autora.

Mantendo a aparente padronização analisada nas seções anteriores, observa-se que a média dos fatores aumentou da coleta A para a coleta B. A execução da disciplina aprimorou as Atitudes Pessoais, Normas Subjetivas, Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora dos alunos. Especificamente, este último fator, elevou-se em, aproximadamente, 5 pontos. Salienta-se para a provável contribuição das práticas didáticas de *podcasts* e vídeos, resolução de problemas e jogos, especificamente do *poker*, propostas pelo professor da disciplina na evolução dos fatores de intenção empreendedora.

Na análise da variância, destaca-se a Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora que apresentaram grandes variações, se comparado a coleta inicial da coleta final.

As maiores diferenças de médias, comparando coleta A e coleta B, se deram nos fatores “Percepção de Controle de Comportamento” e “Intenção Empreendedora”, conforme ilustrado no Gráfico 5.

Gráfico 5– Média dos fatores de Intenção Empreendedora - Disciplina 3 – QIE

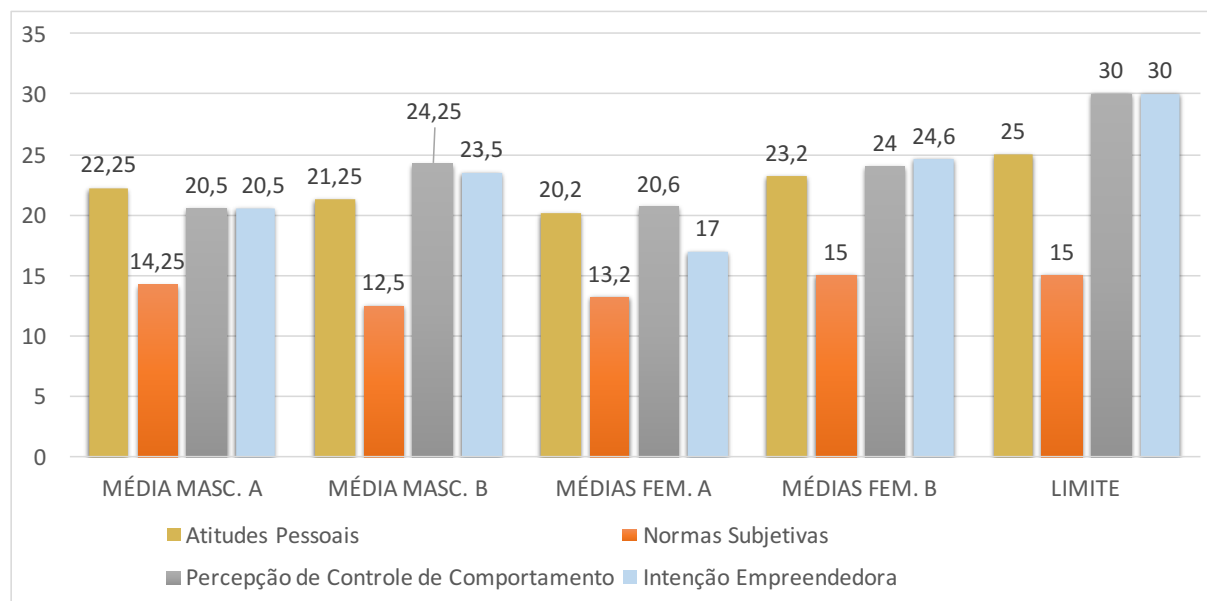


N= 9 (A) e 9 (B)

Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo possuindo as maiores diferenças de médias entre antes e depois, os fatores “Percepção de Controle de Comportamento” e “Intenção Empreendedora” obtiveram escores mais distantes daqueles colocados como limites. Em virtude disso, ressalta-se que a disciplina pode ter contribuído para a melhora dos referidos comportamentos, contudo, o estímulo ao desenvolvimento dos mesmos deve ser constante. As normas subjetivas apresentou média mais próxima ao limite do fator, o que indica que os alunos da Estatística também são apoiados por familiares e amigos para seguir a carreira empreendedora.

Gráfico 6– Comparação de Média – Gênero X Intenção Empreendedora – Disciplina 3



N= 9 (A) e 9 (B)

Fonte: Elaborado pela autora.

Comparando-se as médias por gênero, percebe-se que na coleta A, os indivíduos do gênero masculino apresentavam melhores escores de todos os fatores componentes da intenção empreendedora. Fato que não se mantém na coleta B, visto que nesta, as mulheres apresentam maiores médias dos fatores. A partir disso, denota-se que anterior à disciplina, os homens detinham maiores fatores antecedentes e intenção empreendedora, contudo, com a execução da disciplina de Atitude Empreendedora e suas práticas didáticas, o desenvolvimento destes antecedentes e do comportamento empreendedor foram mais estimulados nas mulheres.

Nó tópico seguinte serão demonstradas as análises estatísticas gerais da Intenção Empreendedoras dos alunos de Atitude Empreendedora.

Análise descritiva geral

Na Tabela 15 se apresentam os dados referentes à estatística descritiva dos alunos participantes das disciplinas de Atitude Empreendedora.

Tabela 15 – Relação dos dados coletados na etapa quantitativa

Estatística Descritiva	ATITUDES PESSOAIS		NORMAS SUBJETIVAS		PERCEÇÃO DE CONTROLE DE COMPORTAMENTO		INTENÇÃO EMPREENDEDORA	
	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B	Coleta A	Coleta B
Mínimo	10,0	10,0	9,0	9,0	8,0	8,0	7,0	6,0
Máximo	25,0	25,0	15,0	15,0	27,0	29,0	30,0	30,0
Média	20,647	21,381	13,029	13,214	19,706	19,690	21,176	22,405
Desvio Padrão	3,4892	3,8947	1,97769	2,0664	3,9430	5,6460	5,7602	5,8936
Variância	12,175	15,168	3,908	4,270	15,547	31,877	33,180	34,735

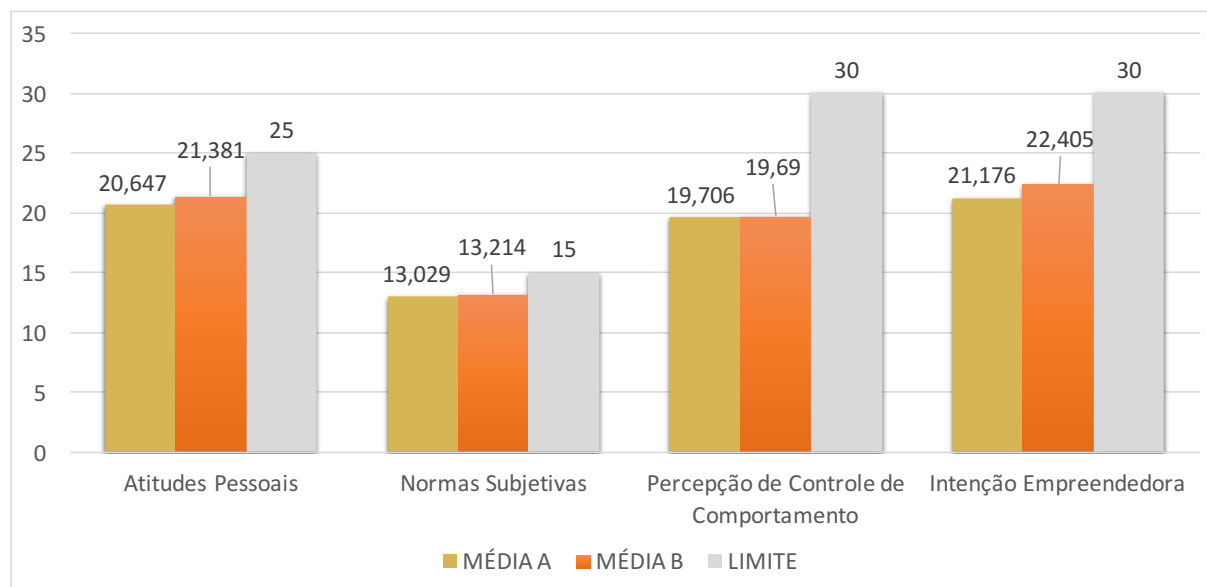
Nº válido (Listwise): 34 (A) e 42 (B).

Fonte: Elaborado pela autora.

Conferindo aderência aos resultados expostos anteriormente, as médias dos fatores do QIE na coleta B foram maiores do que aqueles encontrados na coleta A, o que pode sinalizar que a disciplina de Atitude Empreendedora obteve êxito no fator de estimular o comportamento empreendedor dos alunos.

As oscilações de variância não foram significativas nos fatores Atitudes Pessoais, Normas Subjetivas e Intenção Empreendedora. Os alunos da disciplina obtiveram escores homogêneos nos fatores citados.

Gráfico 7– Média dos fatores de Intenção Empreendedora - Geral – QIE



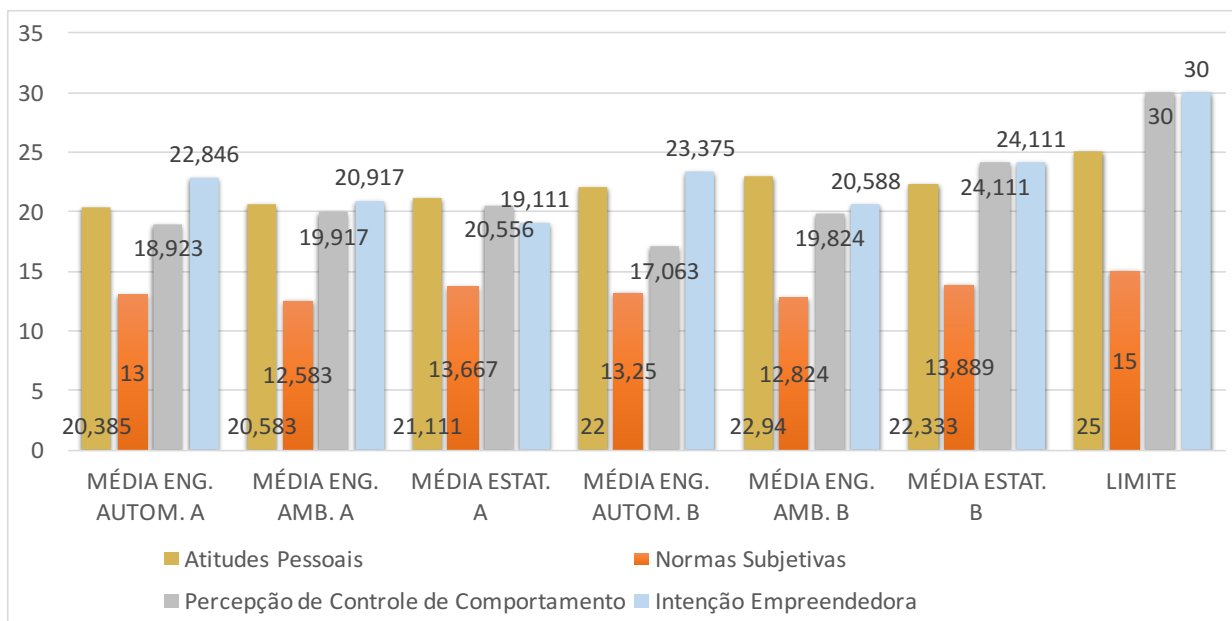
N= 34 (A) e 42 (B)

Fonte: Elaborado pela autora.

A Percepção de Controle de Comportamento, comparado ao limite exposto no Gráfico 7, foi o fator que obteve menor média de pontuação – cerca de 11 pontos de diferença -, e as Normas Subjetivas foi o que obteve maior – aproximadamente 1,5 pontos de diferença.

Com a finalidade de comparar as médias dos cursos, na aplicação A e B, apresenta-se o Gráfico 8.

Gráfico 8- Média dos fatores de Intenção Empreendedora por curso - Geral – QIE



Fonte: Elaborado pela autora.

Com base no Gráfico 8, analisando as médias dos fatores do QIE entre as disciplinas de Atitude Empreendedora dos cursos de graduação, referentes à coleta A, aponta-se que a principal diferente de média se deu no fator Intenção Empreendedora, o qual o curso de Engenharia de Controle e Automação obteve o maior escore (22,846). Na segunda coleta (B), as diferenças mais relevantes de média se apresentaram nos fatores Controle de Comportamento Planejado e Intenção Empreendedora. As pontuações de ambos os fatores foram maiores nos alunos do curso de Estatística.

Nesse sentido, aponta-se o fator Intenção Empreendedora para os alunos de estatística, na coleta A, obteve a menor pontuação se comparado aos outros cursos e, na coleta B, maior, sugere-se que as práticas didáticas realizadas – *Podcasts* e vídeos, resolução de problemas e jogos: *poker* – obtiveram maior êxito no desenvolvimento do comportamento empreendedor dos alunos, dada a evolução dos escores antes e depois da disciplina de Atitude Empreendedora.

Encerrando-se a análise quantitativa e objetivando avaliar suas possíveis conexões com os resultados da abordagem qualitativa, apresenta-se a triangulação de dados.

6.3 TRIANGULAÇÃO DE DADOS

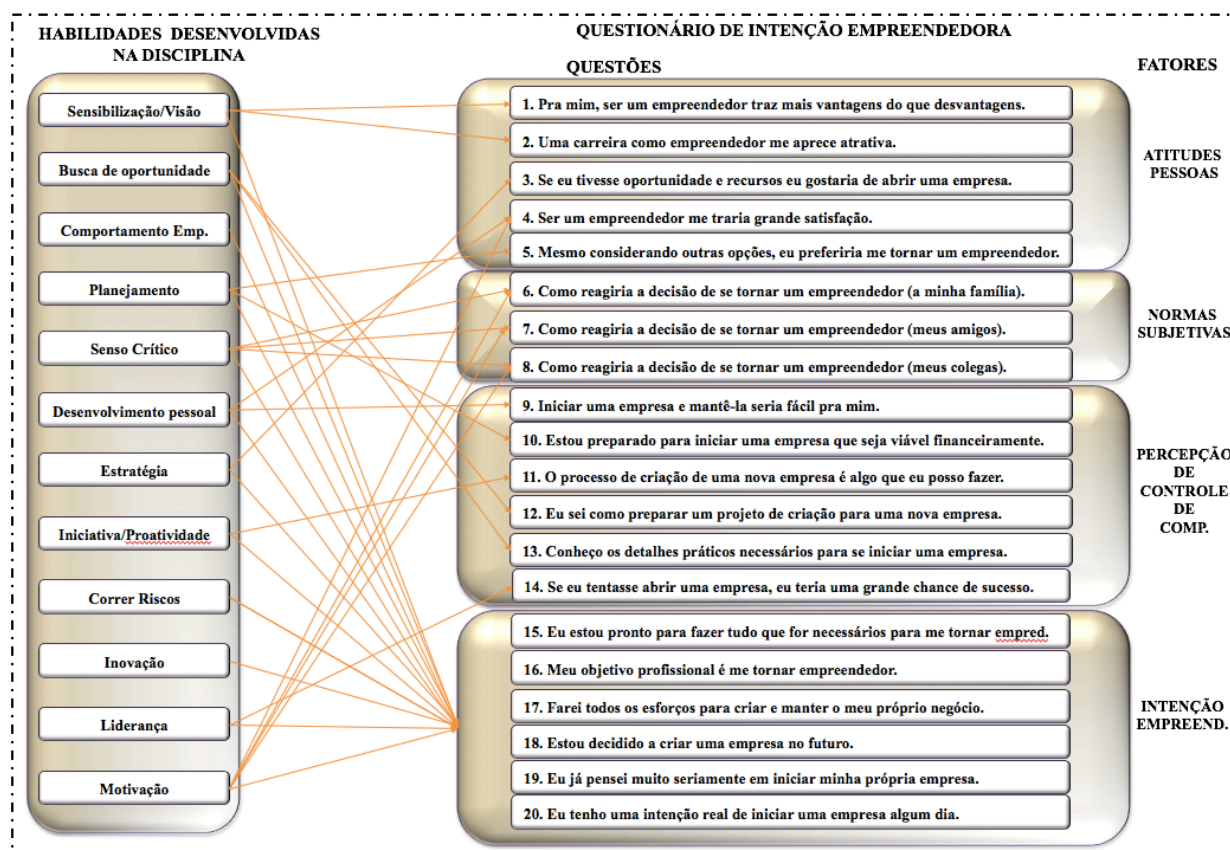
Para atender ao quarto e último objetivo específico desta pesquisa – Associar as metodologias e práticas aplicadas a partir da educação empreendedora aos níveis de intenção empreendedora e ao processo de aprendizagem empreendedora após a realização da disciplina –, nesta seção serão expostas as análises conjuntas das etapas qualitativa e quantitativa apresentadas anteriormente.

Segundo Amaratunga et al. (2002), a combinação dos métodos produz a triangulação metodológica que combina múltiplas observações, perspectivas teóricas e metodologias empregadas. Nesse sentido, na visão de Minayo (2012), a triangulação é uma estratégia de pesquisa que contribui para o aumento do conhecimento acerca de determinado tema, para o alcance dos objetivos definidos e também para observar e compreender a realidade em estudo.

Diante disso, percebe-se a possibilidade de associação entre a abordagem qualitativa, por meio das entrevistas realizadas com professores e alunos das disciplinas de Atitude Empreendedora, e a abordagem quantitativa, a partir da aplicação do questionário de Intenção Empreendedora junto aos alunos que frequentaram estas disciplinas. Na análise dos relatos dos entrevistados, pode-se constatar o surgimento de habilidades nestes alunos, as quais foram desenvolvidas no decorrer das disciplinas, conforme apresentado na abordagem qualitativa, especificamente na categoria aprendizagem empreendedora. No momento em que estas habilidades foram associadas às questões do instrumento de coleta utilizado para mensurar a intenção empreendedora (QIE), adotado na abordagem quantitativa, verificou-se certa aderência entre tais habilidades e as questões do referido instrumento. Este fato confere fidedignidade à esta pesquisa, dada a coerência e complementaridade em relação à estratégia de pesquisa adotada e aos resultados encontrados em cada uma das abordagens.

Nesse sentido, a partir desta constatação de que as habilidades desenvolvidas nos alunos, possivelmente estimuladas pelas práticas didáticas realizadas na disciplina de Atitude Empreendedora, podem ser associadas às questões contidas no Questionário de Intenção Empreendedora (LIÑÁN; CHEN, 2009), criou-se a Figura 16 que apresenta esta associação.

Figura 16 – Associação das habilidades desenvolvidas com QIE – questões



Fonte: Elaborado pela autora com base em Liñán e Chen (2009).

Com base na Figura 16, observa-se que as habilidades desenvolvidas a partir do processo de aprendizagem empreendedora, podem ser relacionadas diretamente com os comportamentos pertinentes e suscitados em cada uma das questões do instrumento de Intenção Empreendedora (QIE). Nessa perspectiva, outro aspecto que parece sustentar esta relação está na constatação de que os conceitos específicos adotados neste estudo para cada uma das habilidades desenvolvidas, apresentam similitudes com aqueles definidos por Liñán e Chen (2009) para cada um dos fatores que compõe o construto Intenção Empreendedora (QUADRO 12).

Quadro 12 – Associação conceitual entre habilidades desenvolvidas e fatores de Intenção Empreendedora (IE)

(continua)

HABILIDADES DESENVOLVIDAS	CONCEITO DA HABILIDADE	CONCEITO DO FATOR	FATORES DE IE
SENSIBILIZAÇÃO/ VISÃO	Sensibilizar-se ou tornar-se sensível, na perspectiva do processo de aprendizagem empreendedora, consiste em tomar conhecimento de questões anteriormente imperceptíveis ou ignoradas (FERNANDES; DA SILVA, 2017).	Refere-se ao grau em que o indivíduo detém uma avaliação positiva ou negativa sobre ser um empreendedor [...] ela inclui não só afetivo (eu gosto, ele é atraente), mas também considerações de avaliação.	ATITUDES PESSOAIS
PLANEJAMENTO	Segundo Becker (2014), aprender a planejar é o ponto de mudança entre criar e agir, comportamentos necessários em qualquer profissão que o estudante venha a exercer. Rocha e Freitas (2014) corroboram esta ideia quando afirmam que o comportamento empreendedor deve ser balizado, dentre outras características, pelo planejamento.		
DESENVOLVIMENTO PESSOAL	O que engaja os estudantes nesse processo de aprendizagem está menos ligado à criação de um negócio lucrativo, mas aos processos de desenvolvimento pessoal e à conexão com suas necessidades individuais com o objetivo de obter satisfação pessoal com suas atividades (MUELLER; ANDERSON, 2014)		
ESTRATÉGIA	A “Estratégia”, para De Toni et al. (2014a) e Dias (2015), relaciona-se à gestão de um negócio ou projeto, a uma postura estratégica com visão de futuro, gerada por pensamento sistêmico e intuitivo, em conjunto com o planejamento são habilidades inerentes ao indivíduo empreendedor.		
SENSO CRÍTICO	Para Silva, Schimiguel e Araújo (2015) a capacidade de investigação e o desenvolvimento do senso crítico são elementos que convergem com características integradas a indivíduos empreendedores e compõe elementos associados à parte intangível do capital humano.	Normas subjetivas mede a pressão social percebida de realizar – ou não realizar – comportamentos empreendedores [...] e remete para a percepção de que “as pessoas de referência” irão aprovar a decisão de se tornar um empreendedor, ou não.	NORMAS SUBJETIVAS
MOTIVAÇÃO	A motivação do indivíduo está ligada ao impulso de obter sucesso nas atividades desenvolvidas pela sua realização pessoal e recompensas externas. (MCCLELLAND, 1972).		

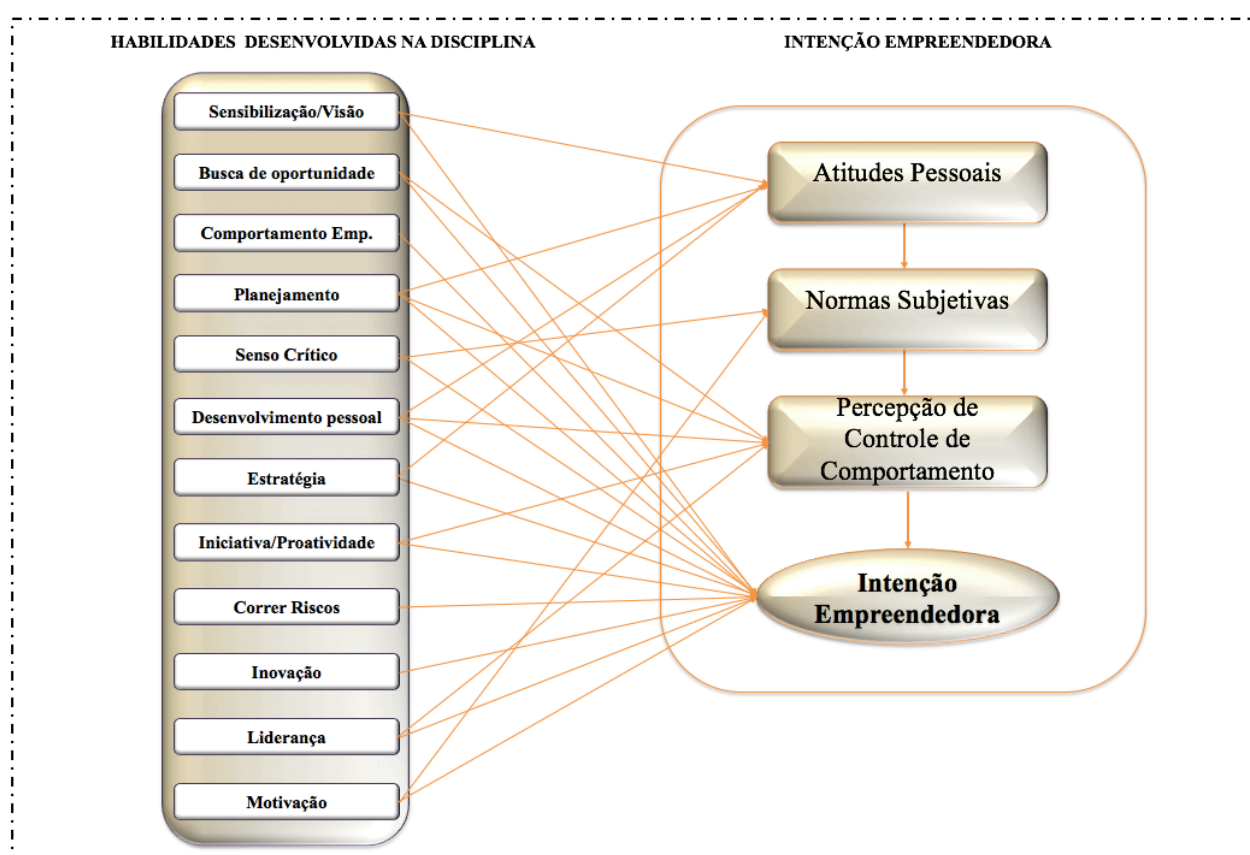
(conclusão)

HABILIDADES DESENVOLVIDAS	CONCEITO DA HABILIDADE	CONCEITO DO FATOR	FATORES DE IE
BUSCA DE OPORTUNIDADE	Para Souza (2005), a característica busca de oportunidades é considerada como fundamental para a formação do indivíduo empreendedor. Nesse sentido, identificar oportunidades, mais do que simplesmente ter ideias, é imprescindível e consiste em aproveitar todo e qualquer momento para observar.	Percepção de Controle de Comportamento é definido como a percepção da facilidade ou dificuldade de se tornar um empreendedor. Neste caso, os autores chamam a atenção para a semelhança com os conceitos de Bandura (1997) de auto eficácia.	PERCEPÇÃO DE CONTROLE DE COMPORTAMENTO
PLANEJAMENTO	Apresentado anteriormente.		
DESENVOLVIMENTO PESSOAL	Apresentado anteriormente.		
LIDERANÇA	A liderança, conforme Henrique e Cunha (2008) consiste na capacidade do indivíduo em delegar tarefas e guiar determinado grupo de pessoas a atingir objetivo em comum.	A intenção empreendedora também é definida como "um estado de mente de direcionar a atenção de uma pessoa para um objeto específico ou um caminho para conseguir algo (LIÑÁN; CHEN, 2009)	INTENÇÃO EMPREENDEDORA * Este fator está associado a todas as habilidades desenvolvidas nas disciplinas de Atitude Empreendedora e está sustentado na página 148 deste estudo.
COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR	O comportamento empreendedor compreende as características particulares que alguns indivíduos apresentam, por exemplo, diante de oportunidades empreendedoras, ou seja, de como as percebem, como pensam e processam, como se adaptam, como se dispõem à ação, enfim, como agem de forma empreendedora (HISRIC; PETERS; SHEPHERD, 2014).		
INICIATIVA/ PROATIVIDADE	Ter iniciativa implica demonstrar atitude, proatividade e comportamento orientado para o futuro, em superar barreiras (Glaub et al., 2014).		
CORRER RISCOS	Uma das definições de empreendedor, refere-se à um indivíduo que agrega valor à determinado projeto, especialmente quando assume riscos (JELILOV; ONDER, 2016). Estes autores ainda ressaltam que o empreendedor se caracteriza pela posse de certas habilidades as quais incluem a capacidade de assumir riscos e o desejo de gerar benefícios a si próprio ou a terceiros.		
INOVAÇÃO	Para Carvalho (2001), a inovação pode ser entendida como um processo que se desenvolve ao longo do tempo, constituindo-se de uma série de ações e decisões, envolvendo a introdução de ferramentas derivadas do conhecimento, e mecanismos pelos quais as pessoas interagem com o ambiente.		
DEMAIS HABILIDADES*	Apresentado anteriormente.		

Fonte: Elaborado pela autora com base em Fernandes e Da Silva (2017), Becker (2014), Mueller e Anderson (2014), De Toni (2014 a), Dias (2015), Silva, Schimiguel e Araújo (2015), McClelland (1972), Souza (2005), Henrique e Cunha (2008), Hisrich, Peters e Shepherd (2014), Galub et al. (2014), Jelilov e Onder (2016), Carvalho (2001), Bandura (1997) e Liñán e Chen (2009).

Nesse sentido, verifica-se que os resultados gerados a partir da análise das entrevistas, encontram respaldo no instrumento utilizado para mensuração da intenção empreendedora. Considerando-se que as questões que compõe este instrumento estão divididas por fatores, realizou-se a associação entre as habilidades desenvolvidas e os fatores que alicerçam a intenção empreendedora, no intuito de ampliar o escopo de análise em relação à associação feita anteriormente entre as habilidades desenvolvidas e as questões do referido instrumento; o que é apresentado na Figura 17.

Figura 17 – Associação das habilidades desenvolvidas com QIE – fatores



Fonte: Elaborado pela autora com base em Liñán e Chen (2009).

Diante disso, dando continuidade ao raciocínio desenvolvido até então, buscou-se nesta etapa da triangulação, associar os resultados das abordagens qualitativa e quantitativa, para cada fator do construto Intenção Empreendedora.

O fator “Atitudes Pessoais” consiste no grau de percepção, positivo ou negativo, que indivíduo avalia para se tornar empreendedor (LIÑÁN; CHEN, 2009). Este fator na primeira aplicação do QIE, no início das disciplinas, teve uma média de 20,64; na segunda, realizada ao final das mesmas, verificou-se um aumento dessa média, alcançando 21,38 pontos, sendo

que o limite desse fator é de 25. Este resultado representa que os alunos, em média, se percebem mais positivamente em relação à tornarem-se empreendedores, sendo suas atitudes pessoais direcionadas a este aspecto, mais presentes em seu comportamento. Isso pode ser constatado no momento em que se analisa a fala desses indivíduos e as habilidades desenvolvidas por eles durante a Disciplina Atitude Empreendedora.

Nesse sentido, verificar-se na Figura 16, que o fator “Atitudes Pessoais” pode ser associado às habilidades de Sensibilização/Visão, Planejamento, Desenvolvimento Pessoal e Estratégia. Esta associação, como dito anteriormente, se deu a partir dos conceitos de cada uma das dessas habilidades e o do fator em questão (QUADRO 13). Além dessas associações conceituais, evidencia-se que esta perspectiva também encontra suporte nos trechos das falas de A01 e A02, no momento em que estes avaliam seu comportamento após a realização da disciplina.

Eu mudei muito, e não é só por mim né.. todos que antes de mim fizeram a disciplina, fizeram agora comigo, todos tem a mesma opinião. Que mudaram, que tiveram outra visão depois que fizeram a disciplina. Até os professores comentaram que tinha gente querendo desistir da faculdade e quando fez a disciplina resolveu ficar. Que começou a ter outra visão e quis terminar a faculdade. Então.. acho que é importante, sabe, e no começo é sempre mais difícil. Claro que no final as disciplinas ficam mais difíceis, mas no começo tu tá acostumado a tá em casa, quer estar perto do pai e da mãe. Aí tu viver na cidade diferente, completamente diferente, ter uma vida completamente diferente, essa disciplina seria importante no início né pra que as pessoas pudessem,... já saber, “ ah isso a gente vai levar pro resto da graduação. A gente vai saber como fazer lá pra frente, quando ficar difícil pra gente”. (A01)

Habilidade: Sensibilização/Visão
Fator: Atitudes Pessoais

“Acredito que isso aí é um ponto que todo mundo deveria trabalhar, pelo crescimento pessoal que tu vai te mas há também de tu... tenta transmiti alguma coisa que as pessoas não sabem. Hoje em dia pra mim empreende ou...é...o que eu pensava antes era sempre abri um negócio ou...ou ganha dinheiro, mas as vez tu mudando uma coisa que já existe, ou tu tentando implementa a tua ideia acredito que cê vai te um crescimento pessoal, tanto pra ti ou pros que cercam a tua volta, pra familiares, amigos, então tu mudando te... talvez um detalhe, tu já pode ser empreendedor, é... não diretamente ligado a questão financeira mas, hã... alguma coisa muito pequena que vai fazer diferença lá na frente ou pra alguém que usufrui diretamente daquilo.” (A02)

Habilidade: Desenvolvimento Pessoal
Fator: Atitudes Pessoais

Com relação ao fator “Normas Subjetivas”, que se refere a avaliação do indivíduo em relação ao apoio da família, amigos e colegas, para se tornar empreendedor, o mesmo foi associado às habilidades de Senso Crítico e Motivação, em função de que o senso crítico está atrelado à percepção do indivíduo em relação à pressão social de o mesmo se tornar

empreendedor; e a motivação no sentido de estimulá-lo ou não, de acordo com essa percepção a tornar-se um empreendedor. Considerando-se que este fator obteve a maior média, 13,21, dentre os fatores da intenção empreendedora, observando que seu limite é de 15 pontos. Tal fato confere aderência às perspectivas dos entrevistados, visto que a percepção destes sobre as pessoas de referência que os envolvem são aspectos citados eles; o que pode ser constatado nos trechos das falas de A01 e A04:

“Então como eu sempre fui assim desde pequena, eles sabiam que não adiantava, mesmo que pressionassem, eu não saí do ensino médio pra fazer uma faculdade, eu fiquei em dúvida. Eu fiquei naquela, será que eu sigo mesmo pra direito como ele gostaria, vou lá conhecer pelo menos, ou será que vou pra área que seria mais fácil pra mim que era na matemática? Que eu sempre fui bem também, fui. Pra mim o desafio foi a comunicação, a comunicação foi a matemática não é tanto. Agora, pressão tem, mas aí vai da pessoa aceitar essa pressão ou não, eu não aceito, eu... são as minhas decisões, são as minhas escolhas então eu faço o que eu quero.”(A03)

Habilidade: Senso Crítico
Fator: Normas Subjetivas

“Eu realmente não sinto muita pressão por parte de ninguém. Aqui em Santa Maria quase todos meus amigos são do próprio Controle e Automação, então eles não tem direito de falar. Mas nunca tive ninguém falando “ah poderia ter escolhido outra engenharia”... nunca tive muito problema com isso. Meu pai e minha irmã sempre me apoiaram, sempre consideraram que era um bom curso.” (A07)

Habilidade: Motivação
Fator: Normas Subjetivas

O fator “Percepção de Controle de Comportamento”, relacionado à capacidade e conhecimentos para se tornar empreendedor, pode ser atrelado às habilidades de Busca de Oportunidade, Planejamento, Desenvolvimento pessoal, Iniciativa/Proatividade e Liderança. Isso se verifica em função de que a busca de oportunidade é uma característica fundamental para o empreendedor, confere sustentação para o planejamento, estimula o desenvolvimento do indivíduo e seu comprometimento com o que se propõe, influenciando sua iniciativa e proatividade, instigando-o a ser um desbravador e a exercer um papel de liderança; o que está intimamente relacionado à capacidade e ao conhecimento necessário para se tornar um empreendedor.

Contudo, este fator, mensurado a partir do instrumento QIE foi aquele que obteve as menores médias, no início e no final das disciplinas – 19,70 e 19,69, respectivamente – mantendo praticamente o mesmo patamar considerando-se os dois momentos de coleta. Isso significa que, possivelmente, os alunos não tiveram um ganho efetivo em relação à sua capacidade e conhecimento para se tornar empreendedor. No entanto, ao se analisar as falas destes indivíduos, constata-se que os mesmos afirmam que se percebem capazes de realizar

atividades empreendedoras, o que pode ser verificado nos trechos dos relatos de A01, A06 e A04:

“Eu acho que é muito importante até com a nossa casa, né. Que a gente tem que ser empreendedor dentro da nossa casa, que a gente tem que saber empreender, saber “como é que a gente vai fazer isso. Esse mês tá apertado de dinheiro, como é que a gente vai sair dessa? O que que a gente vai fazer pra melhorar o mês que vem?” Então tudo... toda nossa vida envolve ser empreendedor, tudo que a gente fizer vai ter uma atitude empreendedora, não só na faculdade, mas na vida toda. Então... acho que é, somos por todos os cantos empreendedores.” (A01)

Habilidade: Planejamento

Fator: Percepção de Controle de Comportamento

“acho que aprendi principalmente crescimento pessoal e fomentação do espírito do empreendedorismo, isso ficou meio clichê mas é verdade, muitos alunos ali, tu olha pros seus rostinhos e vê os olhinhos brilhantes tipo criança, nossa, seria legal se realmente conseguíssemos fazer, né?” (A06)

Habilidade: Desenvolvimento Pessoal

Fator: Percepção de Controle de Comportamento

“Tu pode pegar agora o plano de negócios da XX e ajudar a reformular ele? Posso, porque eu já fiz um. Entendeu? A mesma coisa pros meus colegas e eu acho que isso é realmente muito importante.” (A04)

Habilidade: Busca de Oportunidade

Fator: Percepção de Controle de Comportamento

Outro aspecto a ser considerado nessa análise diz respeito à variação de respostas em relação à percepção de controle de comportamento. Resgatando-se a diferença do nível de variância encontrado neste fator, de 15,54 no início das disciplinas para 31,87 no encerramento das mesmas, pode-se inferir que houve um aumento da discrepância de respostas entre os dois momentos de coleta. Os outros fatores obtiveram uma distinção entre os dois momentos de coleta muito pouco expressivos, o que foi curioso enquanto resultado.

Esta situação, considerando-se a média e os níveis de variância deste fator, representa uma curiosidade a ser investigada e pode ter ocorrido em função de que o fator “Percepção de Controle de Comportamento”, talvez, possa ter gerado dúvidas em relação ao conceito de empreendedor captado e percebido pelos alunos, contribuindo para que os mesmos tenham mais dificuldade de se perceberem como empreendedores. Este raciocínio pode ser constatado nas falas dos entrevistados, as quais evidenciam certa discrepância em relação ao conceito, às habilidades e ao papel do empreendedor. Por outro lado, pode ter ocorrido alguma dificuldade por parte do docente em nivelar este conhecimento entre os alunos e/ou de não ter percebido a existência dessa dificuldade. Além disso, esta questão pode estar atrelada, também, à falta de conhecimento prévio sobre o que é empreender ou ser empreendedor. Isso pode ser respaldado no número de alunos que já haviam cursado alguma disciplina que versasse sobre

empreendedorismo – 22 alunos de 42 –, frente aqueles que nunca tiveram contato com o tema em questão – 20 alunos. Tal fato pode ter contribuído para as diferenças de percepção sobre o que o conceito de empreendedor, bem como para a sua condição e conhecimento para ser um empreendedor, conforme pode ser observado no Quadro 13.

Quadro 13 – Perspectiva dos entrevistados a respeito do conceito de empreendedor

Ent.	Trechos dos relatos
A01	“Souberam buscar o que precisava, o que poderia ser feito, como melhorar... então acho que isso é um empreendedor né.. que sabe como fazer as coisas..”
A03	“É desse jeito que eu vejo o empreendedorismo, é uma oportunidade de você ser ativo de ir atrás do que você quer.”
A04	“... assim, basicamente, a palavra empreendedorismo pra mim, ela me remete a arriscar”
A06	“então a gente precisa ter esse pensamento empreendedor, pensar em abrir empresa... é isso.”
A08	Então, ali eu percebi “óh existe, tem como tu trabalhar, ser empreendedor, só tu tem que ser cauteloso”
D04	“A gente deixa vir deles, eles que tem que ter essa ideia de empreendedorismo de ir atrás, descobrir como eu posso fazer, a melhor maneira de executar”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos relatos dos entrevistados.

Por fim, o fator Intenção Empreendedora tem como foco o estado mental de direcionar a atenção de uma para um objeto ou caminho específico para conseguir algo. Partindo-se deste enfoque, este fator pode ser relacionado à todas as habilidades desenvolvidas, visto que a abrangência do fator intenção empreendedora está na interação de todos os fatores que a compõe. Dessa forma, segundo Liñán e Chen (2009), no momento em que testaram o instrumento para mensurar a intenção empreendedora, todas as hipóteses – atitude pessoal positiva, normas subjetivas e controle de comportamento – se positivas, influenciam positivamente a intenção empreendedora. Sendo estas hipóteses consideradas como antecedentes ao fator intenção empreendedora.

Diante disso, considerando-se que a média deste fator aumentou de 21,17 pontos para 22,40, pode-se afirmar que os alunos, a partir das práticas didáticas e do processo de aprendizagem vivenciado nas disciplinas de Atitude Empreendedora, adquiriram habilidades e passaram a perceber a atividade empreendedora como uma opção para seu futuro profissional. Essa perspectiva pode ser observada nos trechos de fala de A04, A05 e A06:

“Além disso, riscos né, **poder medir os riscos e saber quais riscos tomar pra si e quais dizer - não, perai, isso aqui tá demais - delegação de tarefas, gestão de pessoas, tipo, ah, não é uma coisa assim de louco**” (A04)

Habilidade: Correr Riscos

Fator: Intenção Empreendedora

“Bom, eu acho que o pessoal ali que fez vai sair um pouco mais... bem isso, da questão da inovação vai pegar um pouco melhor pra eles. Porque a gente foi bem incentivado a sempre buscar, não pensar sempre dentro daquele quadrado, sair um pouco daquilo ali, pensar outras maneiras de tu agir. Então acho que talvez seja um pouco mais disso.” (A05)

Habilidade: Inovação

Fator: Intenção Empreendedora

“É agora um pouco mais... agora um pouco diferente depois dessa cadeira eu considero bem importante e eu gostaria realmente de montar uma empresa né, pra ter a experiência de sucesso ou fracasso pelo menos tu ver qual é as dificuldades de tu coordenar os serviços, de tu desenvolver, de tu ter que vender, de ter que fazer todas as etapas...” (A06)

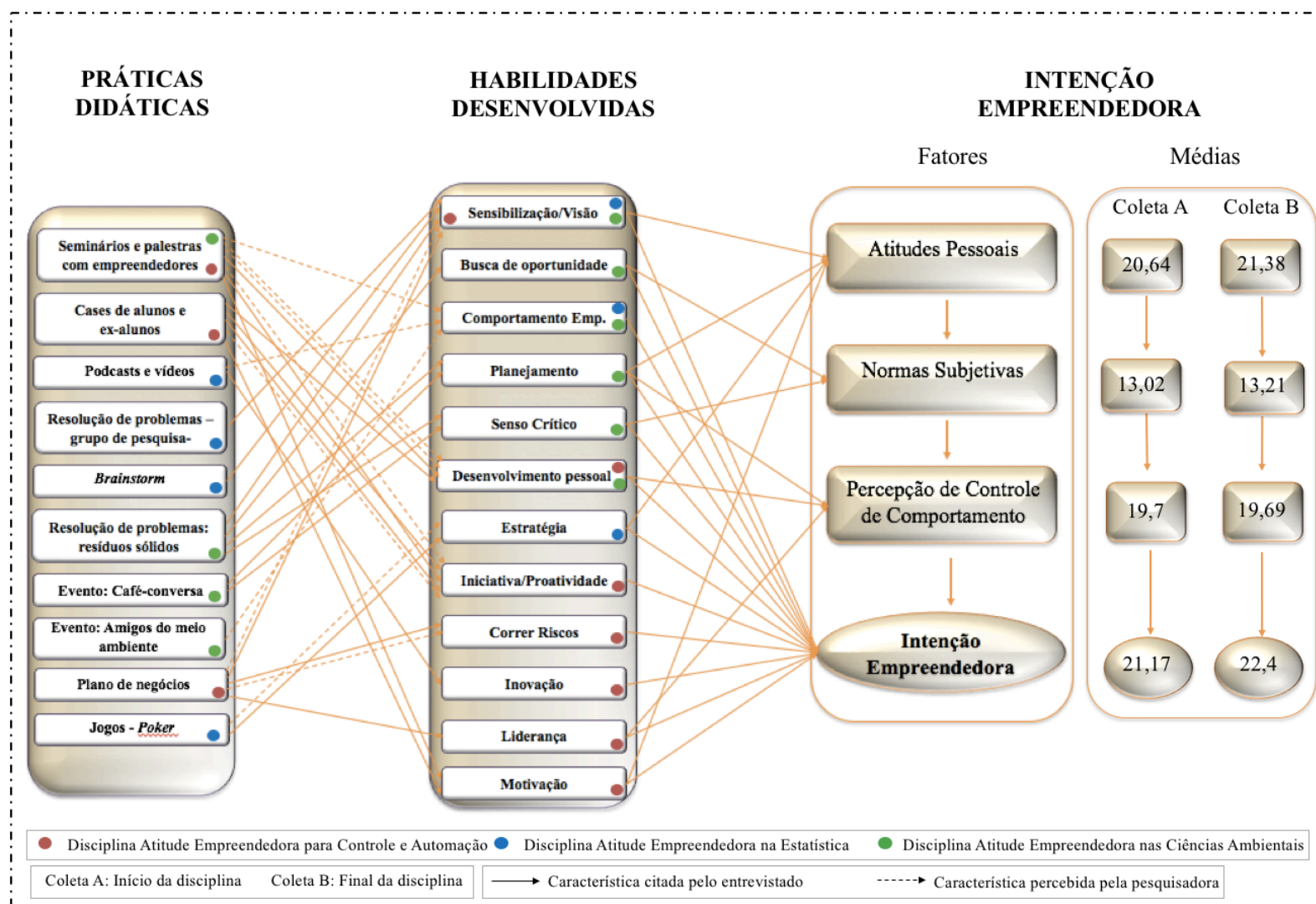
Habilidade: Estratégia

Fator: Intenção Empreendedora

Em função disso, aparentemente, pode-se constatar que as práticas didáticas adotadas, efetivamente geraram resultados positivos nos alunos e se evidenciam pelo desenvolvimento das habilidades, percebidas pelos acadêmicos por meio de seus relatos e do instrumento para a mensuração da intenção empreendedora, e pela pesquisadora com base na análise aqui realizada. Isso encontra guarida quando se busca o resultado da aplicação do instrumento quantitativo antes e depois da disciplina e no cruzamento entre os resultados dessa aplicação e aqueles oriundos da realização das entrevistas. Nesse sentido, acredita-se que, provavelmente, a adoção das práticas didáticas tenha favorecido o desenvolvimento de tais habilidades, visto que o resultado final, em média, no que se refere à intenção empreendedora dos alunos, passou de 21,17 no início das disciplinas, para 22,40 no final das mesmas, e do embasamento disso com os relatos dos entrevistados.

A partir dessa perspectiva, apresenta-se a Figura 18, que evidencia a associação entre as práticas didáticas realizadas nas disciplinas de Atitude Empreendedora, as habilidades desenvolvidas nos alunos a partir da aplicação dessas práticas e sua associação com os respectivos fatores do construto Intenção Empreendedora, propostos por Liñan e Chen (2009).

Figura 18 – Associação das práticas didáticas, habilidades desenvolvidas e fatores de intenção empreendedora



Fonte: Elaborado pela autora com base em Liñán e Chen (2009).

Isso parece significar que, de fato, houve um processo de aprendizagem empreendedora, visto que os alunos vivenciaram diferentes práticas didáticas em sala, foram instigados a desenvolver raciocínios que até então não pareciam existir. Isso se efetivou visto que, no momento em que foi aplicado o instrumento antes e depois e constata-se crescimento efetivo do início para o final da disciplina, em diferentes fatores dos indivíduos, pode-se concluir que de fato houve um processo de aprendizagem empreendedora. A disciplina de Atitude Empreendedora contribuiu para o desenvolvimento dessas habilidades específicas por meio do processo que envolveu professores, alunos, práticas didáticas e processo de aprendizagem, o qual ilustra o processo de educação empreendedora.

Além disso, com base na Figura 17, pode-se afirmar que a utilização de práticas didáticas diferenciadas e predominantemente experienciais, podem desenvolver a intenção empreendedora dos alunos, conforme evidenciado anteriormente.

Tal fato encontra aderência às falas dos entrevistados, visto que, conforme já exposto, A05, A07 e A08, evidenciaram estar em processo de abertura de seus próprios negócios, conforme pode ser observado nos trechos a seguir.

“Sempre tive ligado como isso, há um bom tempo. Agora mais ainda nessa questão de abrir, realmente, daí sim que eu vou colocar a cabeça nessa questão empreendedora, mas acho que... bá... desde que eu vi essa questão, as oportunidades de abrir, como que seria abrir, então acho que eu sempre tive uma intenção só não sabia quando, não sabia como, do que que eu ia trabalhar, mas sempre tive essa vontade de abrir alguma coisa. Eu diria que já faz um bom tempo que isso faz parte da minha vida.” (A05)

“Sim, abrir a empresa. A gente ganhou a pré incubação como, lá no Desafio, na Pulsar e, apesar de que eu não tenho muita ideia de incubar ela, exatamente agora. Porque renda é um problema pra gente nessa área em específico, porque como nós trabalhamos com análise de dados e consultoria, como fonte de renda, temos que ter muito dando antes de poder fazer isso. E o nosso sistema é de baixíssimo custo pra instalar, é só terminar de programar, conseguir um sócio programados além de mim. E... e aí deve ser menos de R\$150,00 por mês pra fazer funcionar, sabe. Então, a necessidade de incubar e ter uma localização física, não sei.” (A07)

“É, então tive esse *click* e o XX falou “vamos se escrever no Santander” e eu “vamos”. E eu e ele só abraçamos a causa e foi indo. Foi tendo, foi afinando, vamos fazer o canvas, *pitch*, plano de negócios, então a gente formulou tudo e foi indo. Mas a gente, por exemplo, não acreditava no projeto até saber a real proporção do mercado, sabe. Até, por exemplo, até chegar lá e ver os outros concorrentes, sabe. Que daí a gente disse “oh, podemos ganhar isso aí”. E daí a gente focou, quando passou na última pra SP, a gente esperava ficar entre os 4 né, e o XX já dizia que nós ia ganhar, pra ele a gente ia ganhar, e aí deu tudo certo e a gente ganhou. Então, muito foi do acreditar na hora e do apoio do professor, também. Que a gente não... ele tinha uma ideia muito mais ampla pro nosso negócio que nós né... o professor tem uma experiência. Então depois que ele disse “ah, pode focar que dá pra ganhar”. Aí a gente focou e deu pra ganhar.” (A08)

Isso indica que, aparentemente, a disciplina de Atitude Empreendedora pode contribuir com a intenção de empreender dos alunos, visto que alguns destes sujeitos manifestaram estar em processo de abertura de seus respectivos negócios.

Considerando-se que o foco deste estudo tem como pano de fundo a educação empreendedora, aqui tratada como a utilização de práticas didáticas baseadas na experiencição e o processo aprendizagem empreendedora como meio para a aplicação dessa vivência, evidencia-se que os resultados encontrados conferem aderência aos propósitos da educação empreendedora, visto serem os mesmos coerentes com a corrente teórica adotada, ampliando inclusive o arcabouço teórico desta área do conhecimento. Isso procede, visto que para cada fator pertinente à intenção empreendedora, foi possível identificar alguns comportamentos, na forma de habilidades, os quais, segundo os relatos dos entrevistados, influenciaram o desenvolvimento de intenção empreendedora.

A seguir são expostas as considerações finais pertinentes ao presente trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o objetivo deste estudo - Analisar o processo da educação empreendedora e seu estímulo para o desenvolvimento da intenção empreendedora, em alunos de graduação de uma instituição de ensino superior, considerando-se suas práticas didáticas e aprendizagem empreendedora -, pode-se constatar que o mesmo foi alcançado na íntegra em função de que, o processo de educação empreendedora, que envolve a utilização de práticas didáticas diferenciadas e gera um processo de aprendizagem empreendedora a partir da experientiação, foram de fato adotadas nas disciplinas de atitude empreendedora aqui analisadas, sendo que tais práticas e processo, estimularam o crescimento dos fatores compreendidos pela Intenção Empreendedora dos alunos de graduação das disciplinas de Atitude Empreendedora, nos cursos de Estatística, Engenharia de Controle e Automação, e Engenharia Sanitária e Ambiental – campus FW, da UFSM.

Com relação ao primeiro objetivo específico deste trabalho - Identificar metodologias e práticas de ensino aplicadas na disciplina Atitude Empreendedora – percebe-se que o mesmo foi atingido, uma vez que a partir das falas dos docentes e dos alunos participantes da disciplina de Atitude Empreendedora, identificaram-se as práticas didáticas utilizadas na referida disciplina. Com base nos relatos, verificou-se a utilização de onze (11) práticas didáticas distintas, divididas pelos três cursos de graduação. Para os alunos da disciplina de Atitude Empreendedora para Controle de Automação, foram propostas as práticas de “Seminários e palestras com empreendedores”, *Cases* de alunos e ex-alunos” e “Plano de Negócios”. Na disciplina de Atitude Empreendedora na Estatística, o docente propôs aos estudantes as metodologias de *Podcasts* e vídeos, resolução de problemas –laboratório de pesquisa e *braistomg* – e utilização de jogos como o *Poker*. Atitude Empreendedora nas Ciências Ambientais utilizou as práticas de Seminários e palestras com empreendedores, resolução de problemas – Descarte de resíduos sólidos, evento café-conversa e amigo do meio ambiente.

O segundo objetivo específico - Mapear o processo de aprendizagem empreendedora dos alunos de graduação (das disciplinas Atitude Empreendedora da UFSM) – foi alcançado no momento em que, a partir das práticas didáticas evidenciadas, pode-se perceber habilidades desenvolvidas nos alunos tais como: Sensibilização/visão, busca de oportunidade, planejamento, senso crítico, estratégia, iniciativa/proatividade, correr riscos, inovação, liderança e motivação. Além destas características citadas pelos alunos, outras foram evidenciadas a partir da interpretação das falas, como: Comportamento empreendedor e

desenvolvimento pessoal. Ressalta-se que algumas destas características desenvolvidas possuem identificação similar aos indicadores de Atitude Empreendedora propostos por Souza e Lopez (2005).

Para a consecução do terceiro objetivo específico deste trabalho - Identificar os níveis de intenção empreendedora dos alunos que cursaram a referida disciplina, no início e no final da mesma -, realizou-se a aplicação e análise do Questionário de Intenção Empreendedora de Liñán e Chen (2009). Os resultados evidenciaram que as médias dos fatores do QIE na coleta no final da disciplina foram maiores do que aquelas encontrados no início.

Atendendo ao quarto e último objetivo específico proposto para este trabalho - Associar as metodologias e práticas aplicadas a partir da educação empreendedora aos níveis de intenção empreendedora e ao processo de aprendizagem empreendedora após a realização da disciplina -, percebe-se que o mesmo foi alcançando, visto que a partir das habilidades desenvolvidas nos alunos, pode-se perceber associação com as questões conceituais dos atrelados à intenção empreendedora – Atitudes pessoais, Normas subjetivas, Percepção de controle de comportamento.

De forma geral, pode-se apontar que as disciplinas de Atitude Empreendedora, por meio de práticas didáticas de cunho experiencial, promoveram o processo de aprendizagem empreendedora que, por sua vez, estimulou o desenvolvimento de habilidades nos alunos de graduação que participaram das referidas disciplinas em direção ao comportamento empreendedor. Com a aplicação do questionário de Intenção Empreendedora nesses alunos, pode-se constatar melhora dos fatores que compõe tal comportamento – Atitudes pessoais, normas subjetivas e intenção empreendedora – com exceção do fator Percepção de controle de comportamento. Isso pode sugerir que, em média, os alunos se percebem mais positivamente em relação à tornarem-se empreendedores, sendo suas atitudes pessoais direcionadas a este aspecto, mais presentes em seu comportamento e que estes indivíduos, no geral, não percebem pressão de familiares e próximos em seguir a carreira empreendedora. Em relação à percepção de controle de comportamento ter se mantido nos dois momentos de coleta, no início e ao final da disciplina, com os mesmos valores em média, pode indicar que os alunos das disciplinas de Atitude Empreendedora, não se sentem capazes de, efetivamente, tornarem-se empreendedores. Outro aspecto que pode justificar esta evidência reside no fato de que os relatos dos entrevistados evidenciam certa discrepância em relação ao conceito de empreendedor. Isso parece indicar a necessidade de nivelamento dos conceitos sobre o indivíduo empreendedor, tanto para os alunos quanto para os docentes. Aponta-se então, para o relevante papel do professor como estimulador do processo de aprendizagem e facilitador

dos conhecimentos pertinentes à esta temática, sendo necessário que o mesmo se capacite para tal função, especificamente no que se refere aos construtos atitude e intenção empreendedoras, independentemente da área em que essa disciplina seja ofertada.

Nesse sentido, percebe-se que a educação empreendedora pode estimular, de fato, a intenção de empreender dos indivíduos, no momento em que esta ensina a ser, a agir e a pensar por meio de ferramentas que coloquem os alunos como questionadores de suas realidades e possíveis transformadores do futuro. Isso se justifica visto que a educação empreendedora, conforme demonstrado nos resultados deste trabalho, refere-se a um tema transversal na educação formal de estudantes de graduação, visto que agrega valor a qualquer tipo de conhecimento, ampliando as capacidades dos cidadãos.

Contribuições, limitações e sugestões do estudo

Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído com os estudos referentes ao tema educação empreendedora, oferecendo informações relevantes para que universidades, professores e alunos percebam a relevância de desenvolver, cada vez mais, métodos e técnicas que possam transmitir além dos conteúdos didáticos pertinentes à profissão do indivíduo, mas também estimular o indivíduo a questionar-se e a colocar-se como elemento propulsor de mudanças do ambiente em que vive.

A contribuição prática, ocorreu a partir da relevância de disciplinas que versem sobre diversos conteúdos embasando-os nos preceitos da educação empreendedora.

Como limitações desta pesquisa, não se pode afirmar categoricamente que os resultados aqui encontrados foram exclusivamente das práticas didáticas utilizadas pelos professores. Bem como, não se pode afirmar categoricamente que aquilo que foi desenvolvido, se deu em função da disciplina, porém, os resultados encontrados deixam claro que as práticas e as disciplinas, de fato, contribuíram para esse desenvolvimento.

Além disso, aponta-se que as análises estatísticas aqui realizadas foram meramente descritivas. Isso ocorreu devido a coleta inicial não possuir mesmo número de respondentes que a final, não sendo possível inferir a respeito dos dados, sendo necessário, para isso, a técnica de pareamento de dados.

Como sugestão para futuros estudos, recomenda-se que pesquisas neste sentido ocorram de forma continuada nas instituições de ensino superior, permitindo verificar a evolução e o desenvolvimento, tanto do comportamento dos alunos, quanto dos docentes. Além disso, sugere-se a implementação de disciplinas como as de Atitude Empreendedora, tratadas nesse trabalho, e, em função disso, consequente ampliação na população pesquisada.

Outro ponto a ser destacado como sugestão, consiste no tratamento estatístico mais aprofundado para ser possível afirmar se as habilidades desenvolvidas a partir da disciplina, de fato, influenciam no aumento de intenção empreendedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJZEN, I. The theory of planned behaviour. **Organ. Behav. Hum. Decis. Process.** 50, 179–211, 1991.

AL-SHAMMARI, M. Entrepreneurial intention of private university students in the kingdom of Bahrain. **International Journal of Innovation Science**, n. just-accepted, p. 00-00, 2018.

ALMEIDA, G. O. **Valores, atitudes e intenção empreendedora: um estudo com universitários brasileiros e cabo-verdianos**. 2013. 400 f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

AMARATUNGA, D.; BALDRY, D.; SARSHAR, M.; NEWTON, R. Quantitative and qualitative research in the built environment: application of 'mixed' research approach. **Work study**, v. 51, n. 1, p. 17-31, 2002.

ANDREASSI, T.; FERNANDES, R. J. R. O uso de competições de planos de negócios como ferramentas de ensino de empreendedorismo. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. **Aprendizagem organizacional no Brasil**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ARASTI, Z.; FALAVARJANI, M. K.; IMANIPOUR, N. A Study of Teaching Methods in Entrepreneurship Education for Graduate Students. **Higher Education Studies**, 2(1), 1-10, 2012.

ÁVILA, D. D. F. L. **Empreendedorismo e (des) envolvimento local: o propósito de uma intervenção educativa em rede**. Tese de Mestrado (Intervenção social, inovação e empreendedorismo) – Universidade de Coimbra, 2015.

BAE, T. J.; QIAN, S.; MIAO, C.; FIET, J. O. The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: A meta-analytic review. **Entrepreneurship theory and practice**, 38(2), 217-254, 2014.

BALAN, P.; METCALFE, M. Identifying teaching method that engage entrepreneurship students. **Education + Training**, 54(5), 368–384. 2012.

BANDURA, A. Self-efficacy mechanism in human agency. **American Psychology**, 37, 122-147, 1982.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edição 70, 2014.

BARINI FILHO, U. **Transmissão da competência empreendedora: um estudo de casos múltiplos**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, 2008. São Paulo, 2008. 157 p.

BARKOVIC, D.; KRUZIC, D. Students' perception and intentions towards entrepreneurship: the empirical findings from Croatia. **The Business Review**, 14(2), 209–215, 2010.

BARON, R. A. OB and Entrepreneurship: The reciprocal benefits of closer conceptual links. Em B. M. Staw & R. M. Kramer (Eds.), **Research in Organizational Behavior - An annual series of analytical essays and critical reviews** (vol. 24, pp. 225-270). Oxford: Elsevier Science, 2002.

BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

BELK, R. W.; FISCHER, E.; KOZINETS, R. V. **Qualitative Consumer and Marketing Research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2013.

BENNETT, M. Business lecturers' perception of the nature of entrepreneurship. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, Vol. 12 No. 3, pp. 165-88, 2006.

BERNHEIM, C. T. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior** – Brasília : UNESCO, 2008.

BINTI OTHMAN, N.; OTHMAN, S. H. The Perceptions of Public University Students of Entrepreneurship Education in Malaysia. **International Business Management**, v. 11, n. 4, p. 865-873, 2017.

BIRD, B. J. **Entrepreneurial behavior**. Glenview: Scott Foresman and Co, 1989.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. Etnometodologia: uma proposta para pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração da UNIMEP**. v. 12, n. 2, 2014.

CARVALHO, C. O Uso de Podcasts no Ensino e na Aprendizagem das Ciências Naturais: um estudo com alunos de 9º ano sobre temas do Corpo Humano/Saúde. **Revista Ozarfaxinars**, v. 8, 2009.

CARVALHO, F. C. A. **Gestão do conhecimento: o caso de uma empresa de alta tecnologia**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – UFSC, Santa Catarina, 2001.

COMISSAO EUROPEIA. **Repensando educação: investindo em habilidades para melhores resultados socioeconômicos**, 2012.

COOPER, A.C. Challenges in predicting new firm performance. **Journal of Business Venturing**, 8(3), 241–253, 1993.

COPE, J. Entrepreneurial learning and critical reflection: Discontinuous events as triggers for ‘higher-level’ learning. **Management learning**, v. 34, n. 4, p. 429-450, 2003.

COPE, J. Toward a Dynamic Learning Perspective of Entrepreneurship. **Entrepreneurship: theory and practice**. Vol. 29, nº 4, 2005.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRUZ, R. **Valores dos empreendedores e inovatividade em pequenas empresas de base tecnológica**. Tese de doutorado apresentado ao programa de pós-graduação em administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

DE TONI, D.; MIORANZA, G.; MILAN, G. S.; LARENTIS, F. As dimensões dos modelos mentais dos empreendedores e seus impactos sobre o desempenho organizacional. **READ - Revista Eletrônica de Administração**, v. 79, n. 3, p. 713-739, set/dez 2014a.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Penso, 432 p, 2006.

DENZIN, N. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. 2. ed. Nova York: Mc Graw-Hill, 1978.

DIAS, D. T. A. **Impactos dos modelos mentais no desempenho organizacional: um estudo no setor metalmeccânico de Caxias do Sul**. 168f. Dissertação de Mestrado – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Administração, 2015.

DÍAZ-GARCÍA, M. C.; JIMÉNEZ-MORENO, J. Entrepreneurial intention: the role of gender. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 6, n. 3, p. 261-283, 2010.

DO PAÇO, A.; FERREIRA, J. M.; RAPOSO, M.; RODRIGUES, R. G.; DINIS, A. (2015). Entrepreneurial intentions: is education enough?. **International Entrepreneurship and Management Journal**, 11(1), 57-75, 2015.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. (5a ed.). Rio de Janeiro: Empreende / LTC, 2015.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo: transformando ideais em negócios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ENDEAVOR. **Empreendedorismo nas universidades brasileiras**. São Paulo, 2017.

EUROPEAN COMMISSION. Assesment of compliance with the entrepreneurship education objective in the context of the 2006 Spring Council conclusions. Brussels, November, 2007.

FAYOLLE, A.; B. GAILLY; N. LASSAS-CLERC. Effect and Counter-effect of Entrepreneurship Education and Social Context on Student's Intentions. **Estudios de Economia Aplicada** 24(2), 509–523, 2006.

FAYOLLFE, A.; LINAN, F. The future of research on entrepreneurial intentions. **Journal of Business Research**. 67, 663–666, 2014.

FERNANDES, E.; DA SILVA, M. EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMPREENDEDORA NA ESCOLA. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, v. 1, n. 1, p. 157-167, 2017.

FERREIRA S. Reformas na educação superior: novas regulações e a reconfiguração da universidade. **Educação Unisinos**, 19(1):122-131, janeiro/abril, 2015.

FIET, J. The pedagogical side of entrepreneurship theory. **Journal of Business Venturing**, Vol. 16, pp. 101-117. 2000b.

FIGARO, R. **A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014.

FILIPPOVA, A.; TRAINER, E.; HERBSLEB, J. D. From diversity by numbers to diversity as process: supporting inclusiveness in software development teams with brainstorming. In: **Proceedings of the 39th International Conference on Software Engineering**. IEEE Press, 2017. p. 152-163.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2009.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. **Curso de estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

FORTES, G. P.; LOPES, C. C. S.; TEIXEIRA, R. M. Aprendizagem empreendedora para inovação: estudo de casos de pequenas empresas do programa ALI. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, 10(3), 2016.

FREITAS, H., CUNHA Jr., M. V. M., MOSCAROLA, J. Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. **RAUSP**, v. 32, n. 3, Jul/Set., p. 97-109, 1997.

FRIEDLAENDER, G. M. S. **Metodologia de ensino-aprendizagem visando o comportamento empreendedor**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. 2004. 144 p.

GERBA, D. T. Impact of entrepreneurship education on entrepreneurial intentions of business and engineering students in Ethiopia. **African Journal of Economic and Management Studies**. Vol. 3 No. 2. pp. 258-277, 2012.

GLAUB, M. E.; FRESE, M.; FISCHER, S.; HOPPE, M. Increasing Personal Initiative in Small Business Managers or Owners Leads to Entrepreneurial Success: A Theory-Based Controlled Randomized Field Intervention for Evidence-Based Management. **Academy of Management Learning & Education**, v. 13, n. 3, p. 354-379, 2014.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. Penso Editora, 2016.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

GÜNTHER, H. Pesquisa qufalitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2):201-210, 2006.

GUENTHER, J.; WAGNER, K. Getting out of the ivory tower—new perspectives on the entrepreneurial university. **European Journal of International Management**, 2(4), 400-417, 2008.

HAASE, H.; LAUTENSCHLANGER, A. The Teachability Dilemma of Entrepreneurship. **International Entrepreneurship Management Journal**, 7:145-162, 2011.

HÄGG, G.; KURCZEWSKA, A. Connecting the dots: A discussion on key concepts in contemporary entrepreneurship education. **Education+ Training**, v. 58, n. 7/8, p. 700-714, 2016.

HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HASHIMOTO, M. **Centros de empreendedorismo no Brasil**. São Paulo: Sebrae-SP, 2013.

HAUS, I.; STEINMETZ, H.; ISIDOR, R.; KABST, R. Gender effects on entrepreneurial intention: A meta-analytical structural equation model. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, 5(2), 130-156, 2013.

HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008.

HERRON, L.; ROBINSON JR, R. B. A structural model of the effects of entrepreneurial characteristics on venture performance. **Journal of business venturing**, v. 8, n. 3, p. 281-294, 1993.

HIGGINS, D.; ELLIOTT, C. Learning to make sense: what works in entrepreneurial education?. **Journal of European Industrial Training**, 35(4), 345-367, 2011.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. (9a ed.). (F. A. Costa, Trad.). Porto Alegre: AMGH, 2014.

HOLCOMB, T. R.; IRELAND, R. D.; HOLMES, R. M.; HITT, M. A. **Architecture of entrepreneurial learning: exploring the link among Heuristics, Knowledge, and action.** *Entrepreneurship: Theory & Practice*, v. 33, n. 1, p. 167-192, 2009.

JELILOV, G.; ONDER, E. Entrepreneurship in Nigeria Realities on Ground. **Pyrex Journal of Business and Finance Management Research**, p. 006-009, 2016.

JONES, B.; IREDALE, N. Enterprise education as pedagogy. **Education + Training**, 52(1), 7-19, 2010.

JONES, C.; ENGLISH, J. A Contemporary approach to entrepreneurship education. **Education + Training**, v. 46, n. 8/9, p. 416-423, 2004.

JOE, M. **Learn and proactivity. Development of measurement tools and analysis of inter-attitudinal links.** (Doctoral thesis). Doctorate in Educational Sciences. Nanterre: Paris West University Nanterre La Défense. 2012.

KAUTONEN, T.; van GELDEREN, M.; FINK, M. Robustness of the theory of planned behaviour in predicting entrepreneurial intentions and action. **Enterp. Theory Pract.** 39, 655-674, 2015.

KIRBY, D. A.; IBRAHIM, N. Entrepreneurship education and the creation of an enterprise culture: Provisional results from an experiment in Egypt. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 7, n. 2, p. 181-193, 2011.

KNOTT, T. L. The SBDC in the classroom: providing experiential learning opportunities at different entrepreneurial stages. **Journal of Entrepreneurship Education**, 14(1), 25-38, 2011.

KOLB, D. A. *Experiential learning: Experience as the source of learning and development.* Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

KOMULAINEN, K. J., KORHONEN, M.; RÄTY, H. On entrepreneurship, in a different voice? Finnish entrepreneurship education and pupils' critical narratives of the entrepreneur. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, 26(8), 1079-1095, 2013.

KOZLINSKA, I. Contemporary approaches to entrepreneurship education. **Journal of Business Management**, n. 4, 2011.

KRAKAUER, P. V. C.; PORTO, M. C. G.; OLIVEIRA, C. S. M. O.; ALMEIDA, M. I. R. Ensino de Empreendedorismo: Utilização do *Business Model Generation*. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 12, n.1, p.07-23, jan./mar., 2015.

KRAKAUER, P. V. C.; SANTOS, S. A.; ALMEIDA, M. I. R. Teoria da Aprendizagem no Ensino de Empreendedorismo: Um Estudo Exploratório. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (REGEPE)**, São Paulo, v.6, n.1, p. 101-127, jan./abr., 2016.

KRUEGER, N. F.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Ventur.** 15, 411–432, 2000.

KRUEGER, N.F.; CARSRUD, A.L. Entrepreneurial intentions: applying the theory of planned behaviour. **Entrep. Reg. Dev.** 10, 315–330, 1993.

KUBBERØD, E., KUBBERØD, E., PETTERSEN, I. B., & PETTERSEN, I. B. Exploring situated ambiguity in students' entrepreneurial learning. **Education+ Training**, 59(3), 265-279, 2017.

KUMAR, R. **Research methodology: A step-by-step guide for beginners.** Sage, 2014.

KURATKO, D. F. **Entrepreneurship: Theory, process, and practice.** Cengage Learning, 2016.

LANERO, A.; VÁZQUEZ, J. L.; GUTIÉRREZ, P.; GARCÍA, M. P. The impact of entrepreneurship education in European universities: an intention-based approach analyzed in the Spanish area. **International Review on Public and Non-Profit Marketing**, v. 8, n. 2, p. 111-130, 2011.

LAVIERI, C. Educação...empreendedora? In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas.** Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

LEE, S.; LIM, S.; PATHANK, R. Influences on students attitudes toward entrepreneurship: a multi- country study. **International Entrepreneurship Management Journal**, 2, 351–366, 2006.

LEIVA, J. C.; ALEGRE, J.; MONGE, R. The influence of Entrepreneurial learning in new Firms' performan e: a study in Costa Rica. **Rev. inovar.** v. 24, edición especial, 2014.

LEKOKO, M.; RANKHUMISE, E. M.; RAS, P. The effectiveness of entrepreneurship education: What matters most?. **African Journal of Business Management**, v. 65, n. 1, p. 12023, 2012.

LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. **Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014.** Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. Caderno de pesquisa, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014b.

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian Challenges. **Journal of Small Business Management**, v.53, n. 4, p. 1033–105, 2015a

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 1, pp. 419-439, Jul./Ago. 2015b.

LIÑÁN, F. Intention-based models of entrepreneurship education. **Piccola Impresa/Small Business**, v. 3, n. 1, p. 11-35, 2004.

LIÑÁN, F. Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? **International Entrepreneurship And Management Journal**, 4, 257–272, 2008.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. W. Development and Cross-Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. **Entrepreneurship theory and practice**, 33(3), 593-617, 2009.

LIÑÁN, F.; RODRÍGUEZ-COHARD, J. C.; RUEDA-CANTUCHE, J. M. Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education. **International entrepreneurship and management Journal**, 7(2), 195-218, 2011.

LINDH, I; THORGREN, S. Critical event recognition: An extended view of reflective learning. **Management Learning**, 2015.

LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

MADEIRA, A. B.; LOPES, M.; GIAMPAOLI, V.; DA SILVEIRA, J. A. G. Análise proposicional quantitativa aplicada à pesquisa em administração. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo. Vol. 51, nº4, jul/ago. 2011.

MALACARNE, R.; BRUSTEIN, J.; BRITO, M. D. Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

MALEKOVIĆ, S.; TIŠMA, S.; KESER, I. The importance of entrepreneurial learning on the example of the South East European Center for entrepreneurial learning in Croatia. **The European Journal of Applied Economics**, 13(1), 60-71., 2016.

MAN, T. W. Y. Exploring the behavioural patterns of entrepreneurial learning: A competency approach. **Education e Training**, v. 48, n. 5, p. 309-321, 2006.

MARASSI, B. R.; VOGT, M.; BIAVATTI, V. T. A experiência em empresa júnior na formação acadêmica e as características empreendedoras na carreira profissional. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

MARINHO, E. S. **Processo de incubação, características empreendedoras e aprendizagem empreendedora: uma perspectiva interativa**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Administração. 2016. 161 p.

MARRA, B. M.; ALBRETCH, L. P.; SOUZA, L. F. Criando soluções tecnológicas. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

MARTIN, B. C.; MCNALLY, J. J.; KAY, M. J. Examining the formation of human capital in entrepreneurship: A meta-analysis of entrepreneurship education outcomes. *Journal of Business Venturing*, 28(2), 211-224, 2013.

MATTHEWS, C.H. & MOSER, S.B. Family background and gender: Implications for interest in small firmownership. **Entrepreneurship and Regional Development**, 7(4), 365–377, 1995.

MATTHIENSEN, A. Uso do Coeficiente Alfa de Cronbach em Avaliações por Questionários. **EMBRAPA**, Boa Vista, RR, 2011.

MAXWELL, J. A. **Qualitative Research Design: an interactive approach**. Thousand Oaks: Sage, 1996.

MCCLELLAND, D. C. **A sociedade competitiva: realização & progresso social**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINELLO, I. F. **Resiliência e insucesso empresarial: o comportamento do empreendedor**. Curitiba: Appris, 2014, 288 p.

MINELLO, I. F.; BÜRGER, R. E.; KRÜGER, C. Características Comportamentais Empreendedoras: Um Estudo com Acadêmicos de Administração de uma Universidade Brasileira. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 10, ed. Especial, p. 72-91, ago., 2017.

MINELLO, I. F.; ESTIVALETE, V. F. B.; KRÜGER, C.; BÜRGER, R. E. Alunos Empreendedores? Um Estudo do Comportamento Empreendedor de Alunos de Graduação de uma Universidade Brasileira. In: 7ª Conferência Ibérica de Empreendedorismo CIEM, 2017, Esposende. **Atas da Conferência: Jornada Científica Empreender para o Sucesso**. Porto: Empreend, 2017. v. 1. p. 1-337.

MINNITI, M.; BYGRAVE, W. A dynamic model of entrepreneurial learning. **Entrepreneurship: Theory and practice**, 25(3), 5-5, 2001.

MORALES, J. F.; REBOLLOSO, E.; MOYA, M. Actitudes. Em J. F. Morales (Ed.), **Psicología Social** (pp. 495-621). Madrid, España: McGraw- Hill, 1994.

MORIANO, J. A.; PALACÍ, F. J.; MORALES, J. F. The psychosocial profile of the university entrepreneur. **Psychology in Spain**, 11(1), 72-84, 2007.

MORSE, J. M. Approaches to qualitativequantitative methodological triangulation. **Nursing Research**, v. 40, n. 1, p. 120-132, 1991.

MOURA, A.; CARVALHO, A. A. A. Podcast: potencialidades na educação. **Prisma. com**, n. 3, 2017.

MUELLER, S.; ANDERSON, A. R.. Understanding the entrepreneurial learning process and its impact on students' personal development: a European perspective. **International Journal of Management Education**, 12 (3), pp. 500-511, 2014.

MWASALWIBA, E. S. Entrepreneurship education: A review of its objectives, teaching methods, and impact indicators. **Education + Training**, 52:20–47, 2010.

NABI, G.; LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A.; KRUEGER, N.; WALMSLEY, A. The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. **Academy of Management Learning & Education**, 16(2), 277-299, 2017.

NABI, G.; WALMSLEY, A.; LIÑÁN, F.; AKHTAR, I.; NEAME, C. Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. **Studies in Higher Education**, 1-16, 2016.

NAIA, A. M. P. **Entrepreneurship education in sport sciences: implications for curriculum development**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, Portugal, 2013.

NECK, H. M.; GREENE, P. G. Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. **Journal of Small Business Management**, v. 49, n. 1, p. 55-70, 2011.

NOGAMI, V. K. C.; MEDEIROS, J.; FAIA, V. S. Análise da evolução da atividade empreendedora no Brasil de acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) entre os anos de 2000 e 2013. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n.3, p. 31-76, 2014.

NOWAK, H. The Role of the Polish Higher Education System in the Development of Entrepreneurship. **Entrepreneurial Business and Economics Review**, v. 4, n. 1, p. 43-59, 2016.

OCDE. **Education at a Glance**. 2014. Disponível em: <<http://www.oecd.org/edu/Educationat-a-Glance-2015.pdf>>. Acesso em: 15/ago./2017.

OGUNTIMHEIN, Y. A.; OLANIRAN, O. O. The relationship between entrepreneurship education and students' entrepreneurial intentions in ogun state-owned universities, nigeria. **British Journal of Education**, v. 5, n. 3, p. 9-20, 2017.

OLIVEIRA, B. M. D. F.; VIEIRA, D. A.; LAGUÍÁ, A.; MORIANO, J. A.; SALAZAR SOARES, V. J. Intenção empreendedora em estudantes universitários: adaptação e validação de uma escala (QIE). **Avaliação Psicológica**, 15(2), 187-196, 2016.

OLIVEIRA, D. G. D. **Educação para o empreendedorismo: antecedentes e intenções empreendedoras**. Tese (Doutorado) – Universidade de Évora, Instituto de Investigação e formação avançada. 2017. 322p.

OLIVEIRA, J.; BARBOSA, M. L. Processo de seleção de pré-incubação: sob a batuta da subjetividade. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

OOSTERBEEK, H.; VAN PRAAG, M.; IJSSELSTEIN, A. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. **European Economic Review**, 54, 442–454, 2010.

PACHECO, W.; PEREIRA, V. L. D. V.; PEREIRA FILHO, H. V. **Pesquisa Científica sem Tropeços: Abordagem Sistêmica**. São Paulo: Atlas, 2007.

PATTON, M. Q. **Qualitative Research and Evaluation Methods**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2002.

PINTO, I. C. C. C. **Rumo à Universidade empreendedora: o potencial empreendedor dos alunos do ISEG**. Dissertação (Mestrado) - Instituto Superior de Economia e Gestão, 2013. 51 p.

PITTAWAY, L.; RODRIGUEZ-FALCON, E.; AIYEGBAYO, O.; KING, A. The role of entrepreneurship clubs and societies in entrepreneurial learning. **International Small Business Journal**. v. 29 n. 1 p. 37-57. 2011.

POLITIS, D. The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 399-424, 2005.

PREMAND, P.; BRODMANN, S.; ALMEIDA, R.; GRUN, R.; BAROUNI, M. Entrepreneurship education and entry into self-employment among university graduates. **World Development**, 77, 311-327, 2016.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

RAE, D. **Entrepreneurial identity and capability: the role of learning**. unpublished PhD thesis, The Nottingham Trent University, Nottingham, 2003.

RAE, D. Entrepreneurial learning: A practical model from the creative industries. **Education and Training**. v. 46, n. 8/9, p. 492-500, 2004.

RAE, D.; CARSWELL, M. Towards a conceptual understanding of entrepreneurial learning. **Small Business & Enterprise Development**, Vol. 8 No. 2, pp. 150-8, 2001.

RAE, D.; CRESWELL, M. Using a life-story approach in researching entrepreneurial learning: the development of a conceptual model and its implications in the design of learning experiences. **Education and Training**. v. 42, n. 4/5, p. 220-228, 2000.

RAE, D.; WANG, C. L. (Ed.). **Entrepreneurial learning: New perspectives in research, education and practice**. Routledge, 2015.

RAMOS, J. L. G. **Aprendizagem Empreendedora diante do Insucesso Empresarial: Uma perspectiva de Empreendedores Brasileiros e Uruguaios que vivenciaram o Fracasso nos Negócios**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Administração. 2015. 213 p.

RAMOS, M. P. Métodos Quantitativos e Pesquisa em Ciências Sociais: Lógica e Utilidade do Uso da Quantificação nas Explicações dos Fenômenos Sociais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v. 18, n. 1, p. 55-65, 2013.

RAUCH, A.J.; HULSINK, W. Putting entrepreneurship education where the intention to act lies. An Investigation into the Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Behaviour. **Academy of Management Learning & Education**. 2015.

RIBAS, R. **O saber empreendedor**: diretrizes curriculares para elaboração de programas para formação de empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey – reflexão e proposta. São Paulo / Raul Ribas – 2011. 172 f. Tese para obtenção de título de Doutor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2011.

RICHARDSON, R. J.; **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 2011.

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **Revista de Administração Contemporânea**. V. 18, nº 4, Curitiba jul/ago, 2014.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTO, E. D. E.; DA LUZ, L. C. S. Didática no Ensino Superior: Perspectivas e Desafios. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, n. 8, 2013.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, 2016.

SCHLAEGEL, C.; KOENIG, M. Determinants of entrepreneurial intent: a meta-analytic test and integration of competing models. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 38(2), 291-332, 2014.

SEKARAN, U.; BOUGIE, R. **Research methods for business: A skill building approach**. John Wiley & Sons, 2016.

SHEPHERD, D. A.; WILLIAMS, T.; WOLFE, M.; PATZELT, H. **Learning from Entrepreneurial Failure**. Cambridge University Press, 2016.

SILVA FILHO, A. M. Inovação requer criatividade e informação. **Revista espaço acadêmico**, v. 10, n. 111, p. 21-25, 2010.

SILVA, A. P.; SCHIMIGUEL, J.; ARAÚJO, M. S. T. Reflexões acerca da utilização da abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade no contexto da educação empreendedora. **Boletim Técnico do Senac**, v. 41, n. 3, p. 132-153, 2015.

SILVA, J. F.; PENA R. P. M. O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. **Revista ReGePe**, v. 6, n. 2, p. 372-401, 2017.

SILVA, S. S. D.; SILVA, A. M. M. D.; BOAS, A. A. V.; DAN, E. Características comportamentais empreendedoras: um estudo comparativo entre empreendedores e intra-empreendedores. **Revista cadernos de administração**, ano, 1., v. 1, 2006.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SIQUEIRA, R. R.; COSTA, B. S.; SACRAMENTO, T. B. F. Percepções empreendedoras em tempos de crise: olhares dos discentes do curso subsequente em edificações-IFS campus Lagarto/SE. **Educação Online**, n. 24, p. 74-85, 2017.

SOUTARIS, V.; ZERBINATI, S.; AL-LAHAM, A. Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. **Journal of Business venturing**, 22(4), 566-591, 2007.

SOUZA, E. C. L. D.; DEPIERI, C. C. L. S.; ASSIS, S.; ZERBINI, T. **Métodos, técnicas e recursos didáticos de ensino do empreendedorismo em IES brasileiras**. *Empreendedorismo além do plano de negócio*. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUZA, E. C. L. **Empreendedorismo: da gênese contemporaneidade**. in: SOUZA, E. C. L.; GUIMARÃES, T. A. (Org.). *Empreendedorismo além do plano de negócios*. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUZA, E. C. L.; LOPEZ JR, G. S. Atitude empreendedora em proprietários-gerentes de pequenas empresas: construção de um instrumento de medida-IMAE. **ANPAD**, v. 29, 2005.

SOUZA, R. S. **Intenção Empreendedora: validação de modelo em universidades federais do Mato Grosso do Sul, Brasil**. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA da Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2015.

TELLES, R. A efetividade da matriz de amarração de Mazzon nas pesquisas em Administração. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, 36(4), 2001.

TENDLER, J; CARTER, B. **The mental game of poker: Proven strategies for improving tilt control, confidence, motivation, coping with variance, and more**. Jared Tandler LLC, 2011.

THOMPSON, E. R. Individual entrepreneurial intention: construct clarification and development of an internationally reliable metric. **Enterp. Theory Pract.** 33, 669–694, 2009.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O conceito de motivação na psicologia. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 7, n. 1, p. 119-132, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

TUBBS, M; EKERBERG, S. The role of intentions of work motivations: Implications for goal-setting theory and research. **Academy of Management Review**, 16(1), 180-199, 1991.

UNGER, J. M.; RAUCH, A.; FRESE, M.; ROSENBUSCH, N. Human capital and entrepreneurial success: A meta-analytical review. **Journal of business venturing**, 26(3), 341-358, 2011.

UTAMI, C. W. Attitude, Subjective Norms, Perceived Behavior, Entrepreneurship Education and Self-efficacy toward Entrepreneurial Intention University Student in Indonesia. **European Research Studies**, 20(2), 475, 2017.

VAN AUKEN, H.; FRY, F. L.; STEPHENS, P. The influence of role models on entrepreneurial intentions. **Journal of developmental Entrepreneurship**, v. 11, n. 02, p. 157-167, 2006.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

VERZAT, C.; O'SHEA, N., JORE, M. Teaching proactivity in the entrepreneurial classroom, **Entrepreneurship & Regional Development**, 29:9-10, 975-1013, 2017.

WAHID, A.; IBRAHIM, A.; HASHIM, N. B. The review of teaching and learning on entrepreneurship education in institution of higher learning. **Journal on Technical and Vocational Education**, 1(2), 82-88, 2017.

WALKER, J. K.; JEGER, M.; KOPECKI, D. The role of perceived abilities, subjective norm and intentions in entrepreneurial activity. **The Journal of Entrepreneurship**, v. 22, n. 2, p. 181-202, 2013.

WORLD ECONOMIC FORUM. Report 'Global Education Initiative. European Roundtable on Entrepreneurship Education'. 2010.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: 2016.

YUSOFF, M. N. H. B.; ZAINOL, F. A.; IBRAHIM, M. D. B. Entrepreneurship Education in Malaysia's Public Institutions of Higher Learning: a review of the current practices. **International Education Studies**, 8(1), 17-28, 2015.

ZHAO, H.; SEIBERT, S. E.; LUMPKIN, G. T. The relationship of personality to entrepreneurial intentions and performance: A meta-analytic review. **Journal of management**, v. 36, n. 2, p. 381-404, 2010.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista – Aluno

EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORAS

Dados complementares de suporte

1. Gênero: () masculino () feminino
2. Idade: _____
3. Formação: _____

Perguntas da pesquisa:

I – Quanto à História de Vida

6. Como você poderia contar sua história de vida. (Refletir sobre seu passado, seu presente e como você espera que seja seu futuro).
7. Conte sobre seu ambiente familiar e como foi sua infância. (Formação social e pessoal).
8. Comente sobre a atividade de seus pais e os valores transmitidos por eles.
9. Comente sobre fatos e experiências marcantes de sua vida.
10. Como as expectativas de sua família afetam sua vida, carreira e aspirações?
11. Na sua história, você se apresenta como uma pessoa empreendedora que busca e aproveita as oportunidades, ou como um inovador que experimenta com novas ideias?

II - Quanto às Práticas Didáticas

12. Comente sobre os fatores que o levaram a cursar a disciplina Atitude Empreendedora.
13. Comente sobre as práticas didáticas e atividades aplicadas na disciplina Atitude Empreendedora.
14. Como você vê atividades que utilizam experientiação em sala de aula?
15. Na sua opinião, que resultados proporcionaram a aplicação dessas práticas?

III - Quanto ao Processo de Aprendizagem Empreendedora

16. Quais conhecimentos aprendidos durante a disciplina de Atitude Empreendedora você destacaria como fundamentais? (Percepção)
17. Como pode usar esses conhecimentos para vantagem no seu futuro profissional?
18. O que mudou em você a partir da disciplina?
19. Quais são as habilidades mais úteis que você desenvolveu?
20. As práticas utilizadas na disciplina de Atitude Empreendedora são adequadas às necessidades da sua área?

IV - Quanto à Intenção Empreendedora

21. Na sua opinião, que comportamentos um profissional na sua área precisa apresentar?
22. Como você avalia sua atitude como empreendedor frente às atividades propostas na disciplina?
23. Na sua opinião, como você avalia a pressão social (por parte de pais, amigos etc) para ter escolhido sua área de atuação?
24. Como você considera a atividade empreendedora em sua vida?

Apêndice B – Roteiro de entrevista – Docente

EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORAS

Dados complementares de suporte

1. Gênero: () masculino () feminino
2. Idade: _____
3. Formação: _____
4. Instituição de formação: _____
5. Grau de instrução: () Especialização () Mestrado () Doutorado () Pós-Doutorado

Perguntas da pesquisa:

I – Quanto à História de Vida

6. Como você poderia contar sua historia de vida. (Refletir sobre seu passado, seu presente e como você espera que seja seu futuro).
7. Conte sobre seu ambiente familiar e como foi sua infância. (Formação social e pessoal).
8. Comente sobre a atividade de seus pais e os valores transmitidos por eles.
9. Comente sobre fatos e experiências marcantes de sua vida.
10. Como as expectativas de sua família afetaram sua vida, carreira e aspirações?
11. Na sua história, você se apresenta como uma pessoa empreendedora que busca e aproveita as oportunidades, ou como um inovador que experimenta com novas ideias?

II - Quanto às Práticas Didáticas

12. Comente sobre os fatores que o levaram a ministrar a disciplina Atitude Empreendedora.
13. Comente sobre as práticas didáticas e atividades aplicadas na disciplina Atitude Empreendedora.
14. Como você vê atividades que utilizam experientiação em sala de aula?
15. Na sua opinião, que resultados proporcionaram a aplicação dessas práticas?

III - Quanto ao Processo de Aprendizagem Empreendedora

16. Quais conhecimentos lecionados durante a disciplina de Atitude Empreendedora você destacaria como fundamentais? (Percepção)
17. Como pode usar esses conhecimentos para vantagem na área da docência?
18. O que mudou em você a partir da disciplina?
19. Quais são as habilidades mais úteis que você desenvolveu?
20. As práticas utilizadas na disciplina de Atitude Empreendedora são adequadas às necessidades da sua área?

IV - Quanto à Intenção Empreendedora

21. Na sua opinião, que comportamentos um profissional na sua área precisa apresentar?
22. Como você avalia a atitude dos alunos como empreendedores frente às atividades propostas na disciplina?
23. Na sua opinião, como você avalia a pressão social (por parte de pais, amigos etc) para ter escolhido sua área de atuação?
24. Como você considera a atividade empreendedora em sua vida?

Apêndice C – Termo de confidencialidade
--

Termo de Confiabilidade

EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORAS

Pesquisador Responsável/Orientador: Prof. Dr. Italo F. Minello

Mestranda: Rafaela Escobar Bürger

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/Departamento de Administração

Local de realização da pesquisa: Brasil

Sujeitos envolvidos: estudantes e professores de graduação.

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria. Os pesquisadores do presente estudo se comprometem a preservar a privacidade dos pesquisados cujos dados serão coletados.

As informações coletadas serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente estudo. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e será mantida sobre posse dos pesquisadores por um período de cinco anos ficando armazenada na sala do professor orientador no CSH - prédio 74 C, sala de numero 4213. Após este período, os dados serão destruídos.

Santa Maria ____, de _____ de 2017.

Rafaela Escobar Bürger
Mestranda em Administração

Prof. Dr. Italo F. Minello
Orientador

Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecido
--

CAAE: _____

EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORAS**Mestranda:** Rafaela Escobar Bürger**Professor Orientador:** Prof. Dr. Italo Fernando Minello**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Santa Maria - RS/Programa de Pós-Graduação em Administração.**Telefone para contato:** (55) 99915-0409**Endereço eletrônico para contato:**

Rafaelaeb@hotmail.com

italo.minello@uol.com.br

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria**Prezado(a) Entrevistado(a):** Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **EDUCAÇÃO PARA EMPREENDER: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DIDÁTICAS, APRENDIZAGEM E INTENÇÃO EMPREENDEDORAS .**

Por gentileza queira responder às perguntas destes questionários de forma voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder os instrumentos, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Cabe ao pesquisador responder todas as suas dúvidas antes de sua decisão em participar da presente pesquisa. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Analisar o processo de educação empreendedora, considerando-se suas metodologias e práticas na perspectiva da aprendizagem empreendedora, e sua influência no desenvolvimento da intenção empreendedora em alunos de graduação de uma instituição de ensino superior.

Procedimentos - Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento do instrumento, respondendo às perguntas formuladas que abordam questões relacionadas à identificação da intenção empreendedora a percepção quanto às metodologias e práticas de ensino e a aprendizagem empreendedora.

Benefícios – Colaborar com a pesquisa, contribuindo com a melhoria da educação empreendedora.

Riscos - O preenchimento dos instrumentos não representará qualquer risco de ordem física para você. No entanto, caso você venha a sentir algum desconforto emocional, os

pesquisadores se comprometem em encaminhá-lo para uma consulta com um profissional qualificado, assim como acompanhá-lo junto a este serviço.

Sigilo - As informações fornecidas por você terão privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Os instrumentos receberão um código individual para cada respondente, a fim de manter o anonimato dos gestores das empresas, para que se possa identificar o mesmo respondente de cada instrumento no momento de interpretação dos dados.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria _____, de _____ de 2017.

Assinatura do pesquisado

Pesquisador responsável

ANEXOS

Anexo A – Questionário QIE de Liñán e Chen (2009)

Questionário de Intenções Empreendedora (QIE) de Liñán & Chen (2009) - parte 1	Discordo totalmente	Discordo mais do que concordo	Não concordo nem discordo	Concordo mais do que discordo	Concordo totalmente
1. Para mim, ser um empreendedor traz mais vantagens do que desvantagens	1	2	3	4	5
2. Uma carreira como empreendedor me parece atrativa	1	2	3	4	5
3. Se eu tivesse uma oportunidade e recursos necessários eu gostaria de abrir uma empresa	1	2	3	4	5
4. Ser um empreendedor me traria grande satisfação	1	2	3	4	5
5. Mesmo considerando outras opções, eu preferiria me tornar um empreendedor.	1	2	3	4	5

Questionário de Intenções Empreendedora (QIE) de Liñán & Chen (2009) - parte 2	Desaprovariam a decisão	Desaprovariam mais do que aprovariam	Não aprovariam nem desaprovariam	Aprovariam mais do que desaprovariam	Aprovariam a decisão
6. A minha família (como reagiria a decisão de se tornar um empreendedor)	1	2	3	4	5
7. Meus amigos (como reagiria a decisão de se tornar um empreendedor)	1	2	3	4	5
8. Meus colegas (trabalho/faculdade) (como reagiria a decisão de se tornar um empreendedor)	1	2	3	4	5

Questionário de Intenções Empreendedora (QIE) de Liñán & Chen (2009) - parte 3	Discordo totalmente	Discordo mais do que concordo	Não concordo nem discordo	Concordo mais do que discordo	Concordo totalmente
9. Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim.	1	2	3	4	5
10. Estou preparado para iniciar uma empresa que seja viável financeiramente.	1	2	3	4	5
11. O processo de criação de uma nova empresa é algo que eu posso fazer.	1	2	3	4	5
12. Eu sei como preparar um projeto para criação de uma nova empresa (plano de negócios, por exemplo).	1	2	3	4	5
13. Conheço os detalhes práticos necessários para se iniciar uma empresa.	1	2	3	4	5
14. Se eu tentasse abrir uma empresa, eu teria uma grande chance de sucesso.	1	2	3	4	5
15. Estou pronto para fazer tudo o que for necessário para me tornar um empreendedor.	1	2	3	4	5
16. Meu objetivo profissional é me tornar um empreendedor.	1	2	3	4	5

17. Farei todos os esforços para criar e manter o meu próprio negócio	1	2	3	4	5
18. Estou decidido em criar uma empresa no futuro	1	2	3	4	5
19. Eu já pensei muito seriamente em iniciar minha própria empresa.	1	2	3	4	5
20. Eu tenho uma intenção real de iniciar uma empresa algum dia.	1	2	3	4	5